

LÚCIA DE FÁTIMA CAVALCANTE TELES

**[RE] CONHECENDO A HABITAÇÃO DE VILAS OPERÁRIAS EM
IGUATU-CE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo + *Design* da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Produção do Espaço Urbano e Arquitetônico.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Ramiro Jucá Neto.

FORTALEZA – 2021

LÚCIA DE FÁTIMA CAVALCANTE TELES

**[RE] CONHECENDO A HABITAÇÃO DE VILAS OPERÁRIAS EM
IGUATU-CE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e *Design* da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Produção do Espaço Urbano e Arquitetônico.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Clóvis Ramiro Jucá Neto (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.a Dra. Margarida Júlia Farias de Salles Andrade
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.a Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T272[Teles, Lúcia de Fátima Cavalcante.
[RE] CONHECENDO A HABITAÇÃO DE VILAS OPERÁRIAS EM IGUATU-CE : NA PRIMEIRA
METADE DO SÉCULO XX / Lúcia de Fátima Cavalcante Teles. – 2001.
155 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Programa de Pós-
Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design, Fortaleza, 2001.
Orientação: Prof. Dr. Clóvis Ramiro Jucá Neto.
Coorientação: Prof. Dr. Margarida Júlia Farias de Salles Andrade.

1. Patrimônio Industrial. 2. Reúso. 3. Vilas Operárias. 4. Moradia-Trabalho. 5. Tipologia Habitacional.
I. Título.

CDD 720

Quem é o amor da vida da Mamãe? O Antônio!

Ao meu filho, que começou essa jornada abrigado em meu ventre e agora se tornou o meu lar,
quero morar no seu abraço e continuar a aprender com você a desenhar as nossas vidas. Que
sorte a minha!

AGRADECIMENTOS

A Deus do Universo, a Jesus Misericordioso, a Virgem Maria e a São Miguel Arcanjo. Agradeço imensamente pela minha vida. GRATA!

À CAPES, pelo incentivo da pesquisa.

Ao meu orientador Dr. Clovis Jucá, principalmente pela paciência e compreensão devido aos meus problemas de saúde ocorridas no período desta dissertação.

Jamais esquecerei a compreensão, respeito e carinho da Prof.a Dra. Margarida Andrade, por toda a generosidade e caminhada de aprendizado nas aulas da cadeira de Estágio e pela banca final.

Obrigada a professora Adelaide Gonçalves, pela sua bondade e orientações da banca final.

Agradeço, imensamente, as sugestões da banca de qualificação, procedidas pela Professora Eunádia.

Aos meus pais, Dalva Melo Cavalcante Teles e José Teles Cabral, e ao irmão, Rodolpho Cavalcante Teles, por tudo e por tanto:

- A minha mãe, Dalva, por ser meu maior espelho: ética, honesta, disciplinada, forte, íntegra, honrada, independente, bondosa, simples e de identidade marcante. Obrigada pela oportunidade dos meus estudos!

- Ao meu pai, José, por me haver proporcionado conhecimentos e vivências no meio rural, pelo fato de valorizar todas as profissões. Meus ideais e a incessante vontade de fazer um mundo melhor eu herdei de você, meu Coração!

- Ao meu irmão Vinício *in memoriam* e ao irmão Rodolpho, que me apoiou desde o início, sempre me presenteou com livros incríveis. Você é muito à frente do seu tempo! Obrigada pela caminhada e pelos livros da sua biblioteca sempre a postos.

Aos amigos que se fizeram presentes nas horas de dificuldade, principalmente: as amigas confidentes Kelly Wenda e Suele Conde, ao irmão que a vida me deu Nathan Matos e sua esposa Camila Araújo a qual me auxiliou nas traduções presentes neste arquivo.

Aos que contribuíram de alguma maneira para o desenvolvimento desta pesquisa:

- ao apoio irrestrito, de hospedagem para mim e meu filho, a conversas de sempre, o mais profundo agradecimento a minha tia e madrinha Rosália Cavalcante.

- À companhia incansável desta minha tia tão querida, aos levantamentos, às visitas dos moradores, dentre tantas outras andanças. Sou muito grata a você, tia Iêda Cavalcante, que sempre esteve ao meu lado.

- A tia Zaira e Ilva Cavalcante, *in memoriam*, obrigada pela atenção, carinho e valorização no intuito deste mestrado e da vida.

- Aos moradores da vila (Iêda, Zeneide, Alda, Núbia, Bida, Francisca...); ao Waltinho, pela oportunidade de abrir as casa para eu realizar o levantamento.

- Agradeço imensamente ao Vitor Vieira, pelo tratamento de alguns mapas e as fichas documentais das casas.

- Ao desenvolvimento 3d das casas realizado por Bárbara, à montagem da vila, feitos por Natália Portugal.

- Às conversas com igatuenses que conduzem a memória da cidade – Luiz Matos Cavalcante, Wilson Lima Verde, Marconi Matos Cavalcante.

- Ao Dedé, trabalhador da indústria, Inácio Parente, dentre tantos outros que abriram as portas das antigas indústrias e me explicaram cada parte do fluxograma, assim como histórias e conversas sobre a vida!

- À Rossana., que segurou a minha mão em um dos momentos mais difíceis da minha vida. Obrigada pela confiança. Namastê.

- Ao meu amigo e confidente, Professor Augusto, que partiu com a covid-19. Jamais esquecerei suas palavras de bondade.

- À melhor turma de Mestrado, “Entrei, tou andando”: (Sílvia, Júlia, Natália, Érica, Amanda, Luiz, Davi, Fernanda, Pedro, Samuel, Plínio).

- Aos professores do PPGAU+D.

RESUMO

Configura um diálogo sobre habitações no interior do Ceará, Município de Iguatu, de vilas operárias construídas pela Companhia Industrial de Algodão e Óleos (CIDAÓ) para seus funcionários. [Re]conhecendo estas moradias como síntese material dos condicionantes históricos, econômicos, sociais, desta industrialização rural e os aspectos arquitetônicos – tipologia, espaço interno, materiais, técnicas construtivas – serão trabalhados dois períodos de experiências a primeira construção das vilas e em um segundo momento a sua expansão: 1930-1940 e 1950-1965. A relevância do estudo se justifica pela pouca importância atribuída à habitação cearense; em especial às vilas operárias na história da arquitetura do Ceará, seu patrimônio histórico, condicionantes de reuso e memória, promovendo melhor interligação com a cadeia econômica.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial. Reuso. Moradia-Trabalho. Vilas Operárias. Tipologia Habitacional.

ABSTRACT

This thesis deals with a dialogue about housing in the countryside of Ceará in the city of Iguatu, of workers' villages built by Companhia Industrial de Algodão e Óleos (CIDAÓ) for its employees. [Re]endoring these houses as material synthesis of the historical, economic and social conditions of this rural industrialization and its cultural aspects – typology, interior space, materials, construction techniques – two periods of experience will be worked: the first construction of the villages, and in a later moment its expansion: from 1930 to 1940 and from 1950 to 1965. The importance of this study is justified by the little importance given to the housing issue; in particular, the workers' villages in the history of Ceará's architecture and the housing reform from historical peculiarities opposing peasant struggles.

Keywords: Cotton. Industry. Workers' villages. Housing.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCO – Anderson Clayton & Cia

CISA – Ceará Industrial SA

CIGA – Companhia Iguatuense de Algodão

COESA – Coelho SA Indústria e Comércio

CIDAO – Companhia Industrial de Algodão e Óleos

EFB – Estrada de Ferro de Baturité

HP – Horse Power

ICASA – Indústria e Comércio de Algodão S.A.

RFFSA- Rede Ferroviária Federal

SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro

SARCCOL- South American Railway Construction Company, Limited

CIAMs Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estação de Iguatu (1910).....	28
Figura 2: Casa do agente da Estação de Iguatu- 1910	29
Figura 3: Fim da linha Férrea e seca de 1915 em Iguatu-Ce.	31
Figura 4: Sequencia da construção da Ponte de ferro sobre RJ em Iguatu CE.....	32
Figura 5: Vila operária de açudagem em Orós ao curso do Rio Jaguaribe 1923.....	34
Figura 6: Câmara Municipal e Cadeia Pública.....	38
Figura 7: Igreja de Santana, antiga Matriz	39
Figura 8: Casas antigas que se destacavam no quadro de Iguatu- CE.....	41
Figura 9: Boulevard DR. João Pessoa- (Via direta da Estação ao Quadro).....	49
Figura 10: Praça da Matriz, vista do chafariz com moinho de vento	50
Figura 11: Algumas edificações 1910 a 1930.....	52
Figura 12: Palacete Elvira, de Otaviano Benevides.....	54
Figura 13: Fábricas de beneficiamento de algodão em Iguatu- CE de 1910 a 1930	61
Figura 14 Fábricas de beneficiamento de algodão em Iguatu- Ce de 1910 a 1930.....	62
Figura 15 : Companhia Industrial de Algodão e Óleos- CIDA0.....	66
Figura 16: Polarização da cidade	72
Figura 17: Algumas edificações industriais de 1930 a 1965.....	77
Figura 18: Algumas edificações industriais de 1930 a 1965	78
Figura 19: Algumas edificações industriais de 1930 a 1965.....	80
Figura 20: Habitações operárias da ACCO e indústria Vazinha.....	83
Figura 21: Edificações da CIDA0 dentro do Bairro.....	96
Figura 22: CIDA0- Vila Antiga (1930-1940).....	102
Figura 23: Fachada do conjunto casas- A e alguns detalhes.....	107
Figura 24: Detalhes da Casa- A.....	109
Figura 25: Vista externa e interna - Casa A.....	110
Figura 26: Coberta e vistas- Casa B.....	113
Figura 27: Vistas externas e internas – Casa B.....	115
Figura 28: Elementos vazados – Casa C.....	118
Figura 29: Vistas externa e interna– Casa C.....	119

Figura 30: CIDAO- Vila Nova (1950-1965).....	120
Figura 31: Corte da Casa D.....	124
Figura 32: Vistas externa - Casa D.....	125
Figura 33: Vistas externas e internas da Casa E.....	129

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Localização de Iguatu- Ceará.....	10
Mapa 02: Caminho das boiadas <i>versus</i> linha férrea- Estação de Iguatu Ceará.....	21
Mapa 03: Estrada de Ferro de Baturité – feito pelo engenheiro Saturnino de Brito.....	23
Mapa 04: Mapa de açudagem- Arno Pearse 1923.....	36
Mapa 05: Mapa evolutivo da cidade de Iguatu-Ce- Gênese do quadro até 1910.....	43
Mapa 06: Mapa da cidade de Iguatu-Ce de 1910 a 1930.....	59
Mapa 07: Mapa da cidade de Iguatu-CE de 1930 a 1965.....	69
Mapa 08: Contornos dos trilhos do trem.....	87
Mapa 09: Localização e situação bairro CIDAO.....	88
Mapa 10: Vias de circulação bairro CIDAO.....	91
Mapa 11: Vias de circulação bairro CIDAO.....	99
Mapa 12: Localização e situação– Casa A.....	104
Mapa 13: Localização e situação – Casa B.....	111
Mapa 14: Localização e situação– Casa C.....	116
Mapa 15: Localização e situação– Casa D.....	121
Mapa 16: Localização e situação – Casa E.....	126

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 01- Linha do tempo das Fábricas e Centrais X Edificações.....	108
Diagrama 02- Casa A, Fluxograma e Perspectivas 3D.....	105
Diagrama 03- Casa B, Fluxograma e Perspectivas 3D.....	112

Diagrama 04- Casa C, Fluxograma e Perspectivas 3D.....	117
Diagrama 05- Casa D, Fluxograma e Perspectivas 3D.....	123
Diagrama 06- Casa E, Fluxograma e Perspectivas 3D.....	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Travessas, praças e batismo de ruas em 1895- Iguatu-CE.....	46
Tabela 02: Recenseamento demográfico IBGE.....	48
Tabela 03: Proprietários das Fábricas de beneficiamento de algodão em Iguatu- Ce	56
Tabela 04: Estrutura do Parque industrial da CIDAIO – Iguatu-CE	98

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01- Ficha Casa A.....	135
Anexo 02- Ficha Casa B.....	137
Anexo 03- Ficha Casa C.....	139
Anexo 04- Ficha Casa D.....	143
Anexo 05- Ficha Casa E.....	146

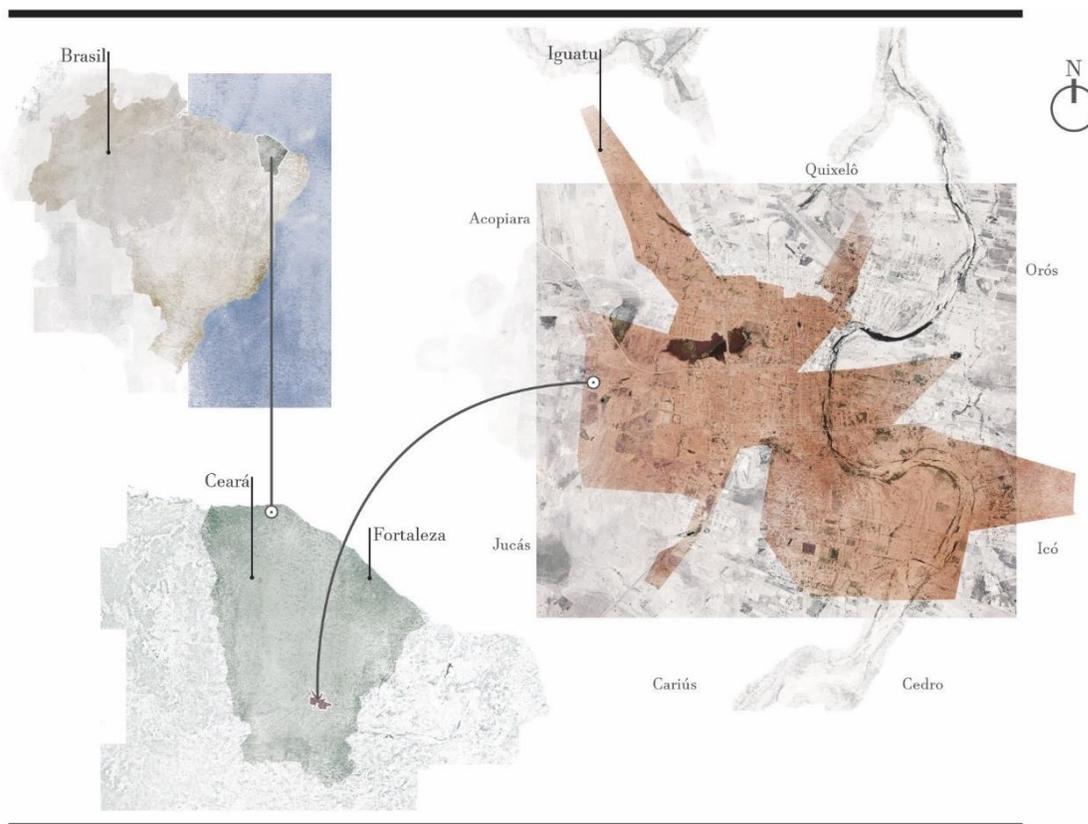
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REDE DE CONEXÃO ENTRE LITORAL E SERTÃO.....	16
2.1 O algodão e a Estrada de Ferro de Baturité.....	16
2.2 A escolha do percurso: Icó x Iguatu.....	25
3 AS INDÚSTRIAS DE BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO EM IGUATU 1910 A 1965.....	38
3.1 Vila da Telha, cidade da Telha e Iguatu- antecedentes de 1910.....	38
3.2 Evolução da cidade desde as fábricas pioneiras 1910-1930.....	48
3.3 Evolução da cidade desde as fábricas modernas 1930-1965.....	68
4 (RE)CONHECER A VILA OPERÁRIA DA CIDAO.....	85
4.1 Lógicas sociais.....	85
4.2 O Estudo de caso - a CIDAO.....	87
4.2.1 Bairro (relação vila- cidade).....	87
4.2.2 Circulação viária do Bairro.....	91
4.2.3 A indústria.....	92
4.2.4 As vilas operárias na CIDAO.....	100
4.5 Vila antiga.....	102
4.6 Vila nova.....	121
5 CONCLUSÃO.....	130

INTRODUÇÃO

Localizado na região Centro-sul do estado do Ceará, a cidade de Iguatu abriga cerca de 98.064 mil habitantes. Dista 380 Km da capital Fortaleza, seu nome de origem era Telha.

No início do século XX, a Estrada de Ferro de Baturité avança pelo sertão, ajudando a dar vazão à produção de algodão, em Iguatu considerada uma das principais cidades na produção de algodão, essa economia algodoeira que, em tempos recentes, gerou tipologias arquitetônicas industriais, que merecem ser reconhecidas como edificações históricas, bem como preservadas, alinhando-se com as preocupações mundiais.



Mapa 01: Localização de Iguatu- Ceará

Fonte: Elaborado por Lúcia Teles e tratada por Vitor Vieira, 2021.

A conjunção de problemas de salvaguarda das vilas operárias adquire complexidade de assuntos que permeiam as vertentes históricas: da urbanização, da sociedade, do cotidiano, das desigualdades, da indústria, da habitação, do patrimônio, entre outros assuntos.

Com esse intento, abordamos, abordaremos o contexto econômico cearense e as ações sobre o espaço territorial da moradia proletária. Esse processo de criação de vilas operárias surgiu na Europa no final do século XVIII, e, no Brasil, na segunda metade do século XIX, que segundo a autora Telma Correia:

No território nacional, esses assentamentos estavam ligados sobretudo a indústrias Têxteis, de papel, empresas de mineração, usinas de açúcar e frigoríficos. (CORREIA, 1998:9).

No Ceará, igualmente a outros estados do Nordeste, o panorama da industrialização passa por um caminho ambíguo com as secas, abrangendo as empresas de açudagem como foco das nascentes vilas operárias no interior cearense, em contrapartida as linhas férreas produziram as primeiras casas sanitárias. Em seguida, a indústria têxtil foi a grande percussora cearense, desenvolve em três setores de transformação que englobam: beneficiamento de algodão, fiação e tecelagem. Dentro desse panorama, observamos um condicionamento do processo produtivo aos espaços distintos com permanência da estrutura colonial de trabalho entre as regiões do litoral e sertão.

A fiação e tecelagem geralmente concentravam-se na capital, enquanto o Sertão participava vigorosamente no beneficiamento de algodão. Com o surgimento das usinas centrais de beneficiamento de algodão, estas vinculadas ao trem, passam a acentuar a divisão do trabalho, o beneficiamento não somente da cidade que possuía estação de trem, mas de uma rede de cidades conectadas a esta.

A primeira usina central de beneficiamento de algodão do Ceará foi em Iguatu – a Companhia Industrial de Algodão e Óleos – CIDAO¹, funcionando já em 1921 e de maior porte, “moderna”, como afirmou Arno Pearse (*General Secretary of the International Federation of Master Cotton Spinners and Manufacturer’s Associations*), em sua visita de inspeção ao algodão no Ceará, Maranhão e Pará, em 1923.

Com isso, nosso estudo de caso será as Vilas operárias da CIDAO, estas feitas em dois tempos, 1930-1940 e 1950-1965 no Município de Iguatu-CE. Portanto, nosso tempo de estudo cronológico

¹ Esta é uma das indústrias da CIDAO, pois possuía várias outras centrais em outros estados do Nordeste. Ela abriu o poderio do monopólio algodoeiro, e emergiu como pioneira do agronegócio, seguida da SANBRA e ACCO.

o início da industrialização com a chegada da estação do Trem em 1910 até a inauguração da última vila, em 1965.

Como justificativa ora trabalhada, observamos que inexistem estudos sobre vilas operárias nos sertões do Ceará, de sorte que este contributo vem dar luzes a estas atividades e habitações industriais, neste espaço do Brasil profundo.

Os estudos sobre habitação operária no Ceará são escassos, por isso torna-se necessário tentar resgatá-la, considerando os parâmetros explicativos a nível nacional e internacional, sem contudo deixar de reconhecer as várias especificidades que lhe deram forma e sustentação. (Andrade, 1990: 12).

Com efeito, o título da pesquisa promove reconhecer o estudo de caso da vila operária da CIDAO, como fonte de planejamento urbano à preservação do patrimônio cultural do Ceará, assim como dar luzes à história da Arquitetura cearense com o contributo de vilas operárias feitas por empresas estrangeiras no interior cearense.

Objetivos gerais

1. Como a industrialização conduziu a moradia proletária no território do interior cearense?
2. De que modo Iguatu evoluiu concomitante à indústria de beneficiamento de algodão, e quais foram as vilas operárias que tiveram curso? Que modalidades houve de adaptabilidade de reuso?
3. Quais as tipologias adotadas para as vilas da CIDAO? Como se há de reconhecer a vila operária da CIDAO, como espaço de memória patrimonial?

A pesquisa ora sob relatório tem como objetivos específicos os que vêm à frente.

- Reconhecer a existência e a relevância das vilas operárias no interior cearense como a moradia-trabalho aos proletários das secas dentro das peculiaridades e início da industrialização.
- Embasar o contexto histórico, econômico e social do surgimento das indústrias de algodão em Iguatu, mostrando a evolução Município, o sanitarismo, adaptação e reuso das fábricas e apresentando as vilas operárias.

- Estudar os aspectos arquitetônicos do estudo de caso, as vilas operárias da CIDAO—tipologia, espaço interno, materiais, técnicas construtivas - considerando-se dois períodos: 1930-1940 e 1950-1965.

No segundo capítulo, reconstituímos os ciclos no caminho histórico econômico-social do Ceará, quando emergiu o algodão, como principal matéria-prima a ser transportada do sertão para o litoral (porto). A industrialização no sertão pela Estrada de Ferro de Baturité nos conduz até à Sede de Iguatu-CE, com um misto de progresso e miséria, assim como denota as origens das habitações operárias, somadas às adversidades dos proletários das secas. Alguns autores nos auxiliaram nessa jornada tais como: Raimundo Girão, Maria Auxiliadora Lemenhe, Clovis Ramiro Jucá, Benedito Genesio, Ana Isabel Reis, Elizabeth Fiúza Aragão, Ana Cristina Leite, Arno Pearse, Ciparrone, Margarida Júlia Andrade, Ildefonso Albano, Almeida, Nogueira, Tyrone Cândido, o Governador do Ceará (Mensagens), (Relatório do) Ministério da Viação e Obras Públicas, jornais, como o Cruzeiro.

No terceiro capítulo, examinamos, no âmbito da cronologia 1910-1965, 56 anos – a evolução morfológica de Iguatu-CE, efetuando a reconstituição de mapas vinculados ao desenvolvimento urbano, iniciando da chegada da linha férrea, indo às fábricas e indústrias de beneficiamento de algodão, compreendendo as ações higienistas. Segue a literatura consultada como aporte: Alcantara Nogueira, Mosenhor Couto, Nestor Goulart Reis Filho, Liberal de Castro, Margarida Júlia Andrade, Dados do IBGE, Instituto do Ceará, Sebastião Rogério Ponte, Relatório do Ministério de Obras Públicas, Hugo Vitor, Jornais como: A Ordem, O Democrata, Almanak Lammert (RJ)- 1910 a 1930, Álbum Terra Cearense de 1925, Mensagem do Governador, Atila de Menezes Lima, Mensagens Apresentadas à Assembleia Legislativa, Revista SANBRA, Eva A. Blay, Maricato, fotos *in loco* e arquivos das indústrias iguatenses.

No quarto capítulo, cuidamos, especificamente, do nosso objeto de estudo, as VILAS OPERÁRIAS DA CIDAO, contendo cinco tipologias de casas, distribuídas em duas vilas, a mais antiga feita de 1930-1940 e a mais nova de 1950-1965. Louvamo-nos conceitos expressos com suporte em alguns segmentos sugeridos na dissertação de Margarida Júlia Andrade, como as lógicas sociais, que garantem a produção produção das empresas a partir da moradia, captando, retendo e controlando a mão de obra. Em uma ênfase maior ao objeto de estudo, reportamo-nos aos seguintes parâmetros de relações: vila/cidade, estrutura interna da vila e espaço de moradia.

Tomamos como base a literatura consultada em Carlos Lemos, Telma de Barros Correia, Eva A. Blay, Nabil Bonduki, Suzete Bonfim, Margarida Júlia Andrade, Raquel Rolnik,

Procedimentos Metodológicos

Procedemos, por primeiro, uma investigação sobre a economia, organizando o Território Cearense. Em seguida, foi feita uma pesquisa específica de Iguatu-CE desde a chegada do trem ao Município e a sua industrialização, com suporte no beneficiamento do algodão. Assim, verificamos acervos em algumas dessas fábricas e registros, além de documentação.

A metodologia acolita a pesquisa pioneira da Prof. Dra. Margarida Andrade (Arquitetura – UFC), intitulada **Onde moram os operários...vilas operarias em Fortaleza 1920-1945**. Seguimos os passos desse estudo, abordando um entendimento sobre o algodão e a industrialização no Estado do Ceará, com vistas a analisar a cidade que comportou as vilas operárias.

Para as reflexões a respeito de Iguatu, foram escolhidos os principais autores bibliográficos, assim como a análise de visitas *in situ* e a elaboração cartográfica retrospectiva.

Com ênfase nas tipologias das edificações, somadas à revisão bibliográfica sobre assuntos que englobem estudo de vilas operárias, procedemos a coleta e sistematização da documentação gráfica. Efetivaram-se visitas *in loco*, com o escopo de identificar a localização e fazer o levantamento das casas da vila operária. Os projetos originais não foram encontrados. Foram redesenhados no *AutoCAD* e *SketchUp* para o melhor entendimento da construção do conjunto edificado e memória.

2 Rede de conexão entre litoral e sertão

O capítulo ora sob relação se reporta ao início da industrialização, quando o algodão virou protagonista, uma vez ferida a Guerra de Secessão dos Estados Unidos e, ainda, faz referências à interrupção das exportações do produto, o que contribuiu maiormente para a exportação de algodão no Ceará.

Com vistas ao escoamento da produção algodoeira do sertão para exportação via litoral (porto), vale ressaltar a Estrada de Ferro de Baturité (EFB), ao dinamizar tempo-espaço; contudo, as cidades do ciclo comercial das boiadas ficam em detrimento com o ciclo algodoeiro, promove outros municípios - como Iguatu com a implantação da sua Estação viária.

Nesta condução, os proletários das secas passam pela ambiguidade da modernização, trabalhando em construções diversas, mas em especial para este estudo, nas estradas de ferro e açudagem, esta última sendo nosso principal contributo para a localização das vilas operárias feitas por empresas estrangeiras no sertão do Ceará.

2.1 O algodão e a Estrada de Ferro de Baturité

Durante o século XVIII, a atividade da pecuária atribuiu sentido econômico à ocupação do território cearense (JUCÁ NETO, 2012; 2012a,). O núcleo que deu origem ao Iguatu situava-se na Estrada das Boiadas, entre o Icó e os Inhamuns². Nos Oitocentos, “não obstante prosseguisse o convívio com as atividades da pecuária, a economia cearense amparou-se fortemente no cultivo do algodão”. O binômio boi-algodão atravessou todo o século XIX (JUCÁ NETO C.R., 2012, p. 17-18).

A retirada do algodão estadunidense do mercado internacional, em decorrência da guerra de independência, e o aumento da produção e comercialização do produto cearense, criaram condições propícias para o abastecimento das indústrias inglesas com a produção do Ceará. O declínio da produção com a seca de 1825 e o retorno do algodão *yankee* nas transações comerciais internacionais interrompeu o volume crescente das exportações cearenses. Com a Guerra de Secessão, mais uma vez, os Estados Unidos retiraram seu produto do mercado internacional. Também, outra vez, a produção cearense foi reinserida nas rotas comerciais do algodão. Com o

² Sobre as Estradas das boiadas ver Carlos Studart (1959) e Jucá Neto (2012).

fim da Guerra, a produção estado-unidense retornou às transações internacionais. Novamente, presenciou-se declínio das exportações do algodão produzido na Província do Ceará (LEITE, 1994; CASTRO, 2014; ANDRADE, 2022 e JUCÁ NETO, 1993). De acordo com Leite (1994, p. 15), a “partir de 1880, com o redirecionamento da produção para o mercado interno, a economia da Província voltou a crescer”.

Cristina Leite (1994) assevera que a Inglaterra comercializava, a princípio, os produtos têxteis indianos. O lucro ficava com os mercadores hindus e europeus. Visando a um aumento dos lucros e no compasso de avanços técnicos, os ingleses passaram a fabricar tecidos de algodão. Estes produtos, inicialmente, estavam aquém dos produzidos pelos indianos. Tendo como base Mantoux, a autora também assinala a que, “por volta de 1760 surgiu, na Inglaterra, a classe dos grandes arrendatários que cuidavam da agricultura com espírito de iniciativa, utilizando técnicas aperfeiçoadas”. Também anota que os “grandes fazendeiros compreenderam que o desenvolvimento da grande indústria e da agricultura estavam ligados entre si”. Assim, “no momento em que surgiu a grande indústria, a agricultura moderna estava fundada. Nada mais restava se não vencer as últimas resistências das práticas rotineiras. (LEITE, 1994, p. 24). Na constituição das indústrias inglesas, vislumbrou-se o desenvolvimento de duas grandes vertentes industriais: a metalurgia e a indústria têxtil (LEITE, 1994).

Em linhas gerais, tal ocorreu no compasso dos primórdios da Revolução Industrial, que transformou a estrutura da sociedade mundial como um todo: as relações de produção e procedimentos tecnológicos, fluxo populacional, os transportes, a agricultura e o sistema fabril.

Foi no Nordeste, pelo Maranhão, que se iniciou a exportação do algodão “por volta da segunda metade do século XVIII” no Território brasileiro. (LEITE, 1994, p. 38). De 1760 a 1778, foram exportadas da capital, São Luís, para Lisboa, 362.572 arrobas de algodão (CIPARRONE, 1983: 16). O volume exportado acionou a indústria de tecidos de Portugal, pois, em razão do seu excedente na matéria-prima, reexportava-se para Roterdã, Hamburgo, Amsterdã, Gênova, Ruão, Marselha e Londres. A Inglaterra, por sua vez, também recebia diretamente o algodão em rama de suas colônias da América do Norte e regiões do Brasil, como Maranhão e Pernambuco. Já as manufaturas relacionadas ao produto algodão haviam se alastrado em Minas

Gerais e Rio de Janeiro. O Alvará de 1785³ situou a produção destas manufaturas no ostracismo. Segundo Ciparrone (1983, p. 27):

O governo português tomara consciência de que a atividade industrial da colônia era perigosa, prejudicial e que convinha ser extinta. A diminuição do rendimento das alfândegas, o decréscimo na exportação de determinados gêneros reclamavam da Coroa portuguesa medidas saneadoras. Ademais, o governo percebia, alertado possivelmente pelo exemplo americano de 1776, que o desenvolvimento das manufaturas coloniais abriria sérias perspectivas para a consumação da autonomia política brasileira.

Com a vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, o Alvará de 1º de abril de 1808⁴ revogou a disposição de 1785, tornando legal a existência de instalações fabris. Outros alvarás complementares foram concedidos pelo príncipe regente D. João, em 28 de abril de 1809 e 6 de outubro de 1810⁵, dando isenção de direitos de entrada a matéria-prima necessária à manufatura do Reino (MELLO, 1983). No período, registravam-se no Ceará manufaturas de pequeno vulto, por falta de conhecimento tecnológico e maquinaria.

O uso do algodão no Ceará como fonte comercial foi iniciado em 1777. O comerciante Antônio José Moreira Gomes, indo à serra de Uruburetama, mercadejando com o comércio de couros, viu alguns arbustos próximos à moradia dos habitantes e, verificando que era de qualidade excelente, entusiasmou esses moradores, adiantou-lhes dinheiro e fazendas e ensinou a maneira de construir engenhos para descaroçar e ensacar o algodão. Disto sabe-se que, em 1777, Moreira Gomes produziu 77 arrobas e, no outro ano, 234 arrobas só da serra de Uruburetama e apanhando ao fim do século por volta de 5000 arrobas (GIRÃO, 1947).

A disputa entre as Capitanias de Pernambuco e Ceará, em torno desta medida, convergia nas lutas entre comerciantes nas três principais vilas da Província – Aracati, Icó e Fortaleza. Alguns comerciantes não queriam romper com a estrutura comercial já organizada e eficaz para eles. Também a praça de Pernambuco, muitas vezes, obtinha melhores vantagens de lucros. Só em 1809, o Ceará fez comércio direto com Londres. (LEMENHE, 1991) (GIRÃO, 1947)

Apesar das situações de crescimento e retração na exportação do algodão nos portos de Fortaleza e Aracati, a malvácea se sobressaiu como principal produto de exportação a partir de 1865, por consequência da Guerra de Secessão dos Estados Unidos (1861-1865). (LEMENHE, 1991)

³ Alvará proibitório de 5 de janeiro de 1785, restrições legais impostas às manufaturas florescentes, atingindo principalmente as de algodão (Mello, 1983, p. 27).

⁴ Ver livro *A industrialização do algodão em São Paulo*. p. 28

⁵ *IBIDEM*.

Em 1902, a British Cotton Growing Association⁶ passou a explorar terras e incentivar o cultivo do algodão do Nordeste. A organização, que tinha como objetivo promover o cultivo de grãos adequados para o fornecimento do Império Britânico, foi fundada em fevereiro de 1902. O principal interesse era a rama do algodão, que faz parte de um dos produtos de beneficiamento. Durante muitos anos, os incentivos estavam associados à escolha certa da semente, para ter fibra de qualidade, segundo Girão (1947, p. 224):

De um ano para outro, a Província cobriu-se de algodoais; derribavam-se as matas seculares do litoral às serras, das serras ao sertão, o agricultor com o machado em uma das mãos e o facho n'outra deixava após si ruínas enegrecidas. Os homens descuidavam-se da mandioca e dos legumes, as próprias mulheres abandonavam os teares pelo plantio do precioso arbusto; era uma febre que a todos alucinava, a febre da ambição. Algumas sementes eram importadas e distribuídas aos lavradores pelo Serviço Estadual do Algodão. (GIRÃO 1947, p. 228)

Os cuidados com as moléstias dessa malvacea a fim de adquirir uma boa cardagem deram contribuições para divisão de trabalho e uma arquitetura diferenciada. Algumas larvas e pragas apareciam, tendo destaque a lagarta rósea, sendo necessários o expurgo e o abrigo adequado em depósitos especiais⁷. Para controlar a qualidade desse algodão, foram criadas as usinas centrais de beneficiamento e prensagem, estudo de dez anos do cearense e industrial Trajano de Medeiros. Estas usinas foram instaladas pelo Nordeste com o nome de Companhia Industrial de Algodão e Óleos-CIDAO, sendo a primeira instalação cearense a da cidade de Iguatu-CE. (Almeida, 1989, p. 37 e 38)

A lei 1598, de 9 de outubro de 1918, autorizou o Executivo a contratar a instalação destas usinas em território cearense. Elas foram construídas próximas às linhas férreas de Iguatu e Sobral. O produto beneficiado seria transportado para o porto de Fortaleza

[...] a beneficiar nas usinas não só o algodão que adquirir, como também o de terceiros, fazendo a classificação segundo os padrões normais dos Estados Unidos da América do Norte e aditando ao tipo de algodão o comprimento da fibra, quando este for igual ou superior a 3cms". Forneceria gratuitamente ao governo sementes seleccionadas e desinfectadas para distribuição aos agricultores e faria nas estações experimentais, que estabelecesse, o tractamento adequado das pragas e doenças do algodoeiro. (GIRÃO, 1947:227).

Iniciaria assim, sob contrato de 24 de março de 1919 a aprovação da CIDAO, indústria algodoeira, apesar da Associação Comercial do Ceará trazer a discussão sobre o item de

⁷ Mensagem do governador. 1918.

benemérito sobre 25% do imposto sobre a exportação do algodão, ao qual colocaria ao Usineiro autor do projeto, Dr. Trajano Sabóia Viriato de Medeiros o monopólio da exportação, já que não teriam recursos disponíveis para disputar com equidade os industriais locais (ALMEIDA, 1989).

O empreendimento consistia em instalação de grande porte com maquinário superior aos existentes até então, nas terras brasileiras. Estes empreendimentos foram disseminados em todo o Nordeste. Segundo o livro de Arno Pearse (1923, p. 32), as fábricas beneficiadoras do Ceará foram as da Companhia Industrial de Algodão e Óleos (CIDAIO), em Iguatu e Sobral:

In 1921 there were in Ceará 405 saw-ginning machines, mostly with 35 blades; real modern factories exist only at Iguatú and Sobral (both belong to the “Compania Industrial de Algodão e Oleos,” whose president is Mr. Trajano S.V. de Medeiros).

De acordo com a *Revista de Architectura*⁸, no Brasil, de 1921.

Na visita feita ao Nordeste pela competente autoridade no assumpto, Mr. Arno S.Pearse, Secretário Geral do International Federation of Master Cotton Spinner's and Manufactures Association, de Manchester, teve a franqueza de dizer que até então desconhecia instalações de tamanho vulto e ao sahir de Refinaria declarou que por muitos e muitos annos seria aquillo uma fábrica moderníssima. (p. 80 e 81)

O algodão beneficiado em Sobral e Iguatu, por sua vez, dinamizou e trouxe prosperidade a Fortaleza. o presidente Idelfonso Albano criou o Serviço Estadual do Algodão, em 1924, e contratou especialistas ingleses para selecionar e classificar o produto. Primeiramente, o técnico de seleção, Dr. B.G.C.Bolland, e, em seguida, o classificador Harold C. Egan. Posteriormente, em 1926, o agrônomo Esmerino Gomes Parente fez curso no Rio de Janeiro e virou classificador (GIRÃO, 1985, p. 228). Segundo Andrade, (1990) a Alfândega de Fortaleza só permitia a saída de algodão com certificado de classificação oficial. Na Capital cearense, eram, então, 11 usinas de prensamento: Boris Frères & Cia, Gradvohl & Fils, Mirtil, Lima & Cia., Exportadora Cearense Ltda., J. Lopes & Cia., Salgado, Filho & Cia., Camilo & Cia., Joaquim Gonçalves & Cia. e Castelar & Cia.

Pensando sobre o escoamento da produção algodoeira do interior para exportação via litoral (porto), é importante ressaltar o papel econômico, político e social da Estrada de Ferro de Baturité (EFB). O início da instalação da EFB se deu em 1870. “Em 1926, nos dias 7 e 9 de setembro, respectivamente, foram inauguradas as estações de Juazeiro e de Crato” (FERREIRA, 1989, p. 40). O projeto inicial da EFB contemplava três trechos: o primeiro entre as cidades de

⁸ Acesso da revista: [Hemeroteca \(bn.br\)](http://hemeroteca.bn.br), *Revista de Architectura* no Brasil, ano 1921, nº2.

Fortaleza e Baturité; o segundo entre Baturité e o Crato; e o terceiro, do Crato até as margens do Rio São Francisco (REIS, 2015).

Antes disso, faz-se necessária a compreensão das diretrizes em torno da estrada de Ferro no Brasil, que, por via de referência europeia sobre modernização, vinculada ao sentido de progresso pungente, no século XIX, o qual dinamizaria o tempo-espaço, atribuiria novos contornos à vasta natureza selvagem, anunciando uma civilização instrumentalizada com a nova tecnologia ocidental (REIS, 2015). A EFB era parte de um segmento de percurso ainda maior, que ligaria o Rio de Janeiro às províncias do Império (REIS, 2015).

No Ceará, a implantação da linha férrea implicou uma reorganização do espaço territorial. Os antigos caminhos por onde passavam os carros de boi possuíam péssimas condições de tráfego no interior. Inexistiam pontes, havia os atoleiros e as longas distâncias. Informações sobre estes trajetos são legíveis nos relatos de viajantes, como Henry Koster e Freire Alemão (REIS, 2015).

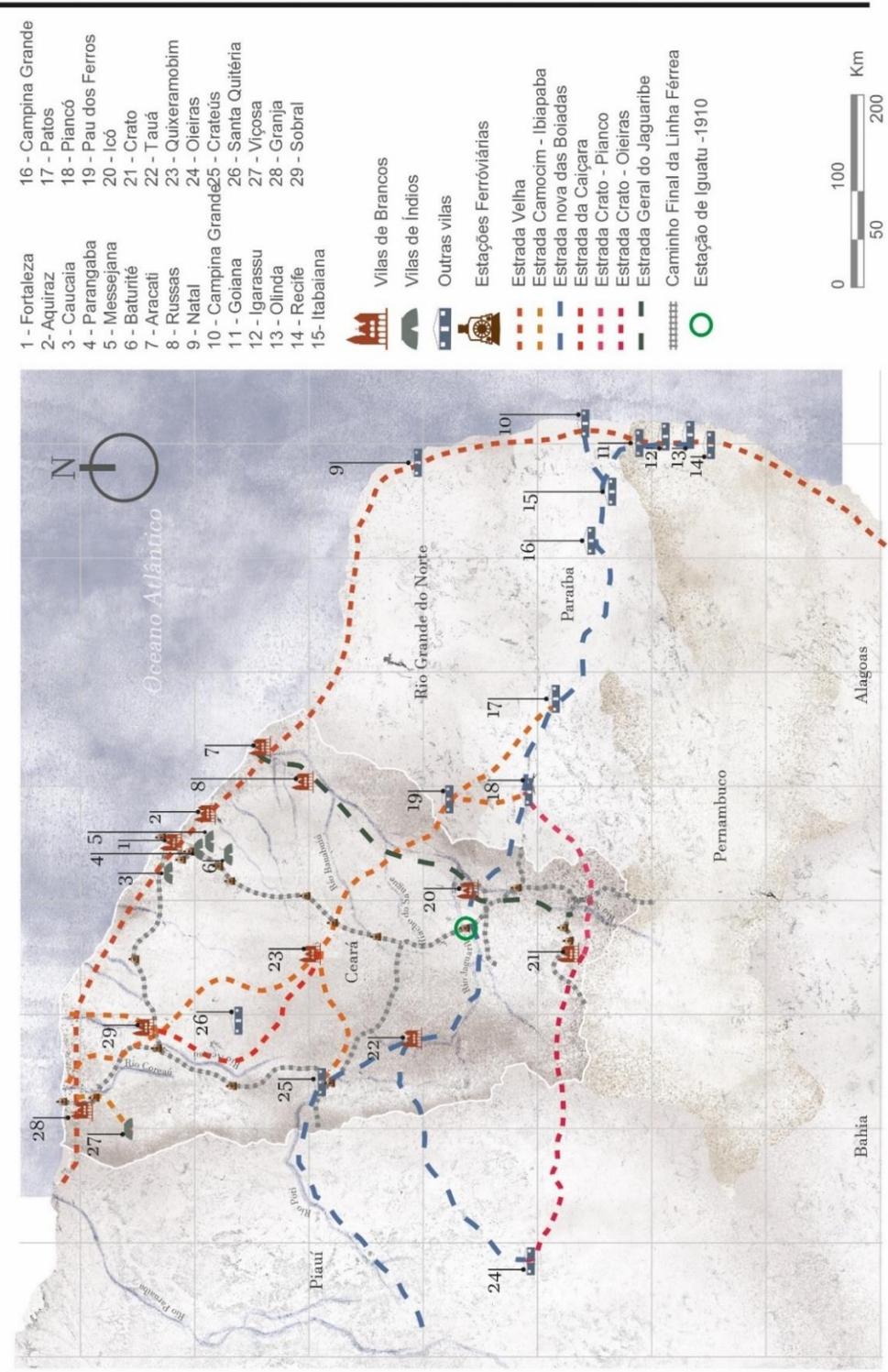
O engenheiro Lassance Cunha, dirigente da Estrada de Ferro de Baturité nos anos de 1880, assinala os objetivos da Estrada de Ferro de Baturité:

1. Ligar o Ceará ao Sul da República por meio do Rio São Francisco.
2. Proporcionar o maior desenvolvimento da lavoura e indústria do Estado do Ceará até então atrofiada pela falta de meios fáceis de transporte para a condução dos produtos do interior para a capital.
3. É também uma estrada estratégica, permita-se a expressão, para minorar os efeitos das secas periódicas que assolam este Estado (*In*: FERREIRA, 1989, p. 33).

A instalação da linha férrea envolveu grande investimento financeiro e implicou uma reorganização do espaço territorial cearense. Percebem-se os antigos caminhos cruzando horizontalmente o território *versus* o percurso da EFB, que interligava as cidades do interior com a cidade de Fortaleza, cortando na vertical os sertões cearenses.

O mapa 02 abaixo, apresenta a ocupação do território pela atividade pecuária, concessões de sesmarias e a ocupação das vilas como organização da sociedade, seguindo as margens dos Rios Jaguaribe e Acaraú (Girão 1989). No estuário do Rio Jaguaribe, as povoações de Aracati e Icó representam os primeiros negócios lucrativos com as charqueadas cearenses (ARAGÃO, 1989, p. 30). Com o intuito de correlacionar os antigos caminhos e a nova economia algodoeira entrecortando as estradas de ferro, captando matéria-prima (algodão) do interior

cearense, para Fortaleza, dentre estes, destaca-se o ponto estratégico da Estação na cidade de Iguatu.



Mapa 02: Caminho das boiadas versus linha férrea- Estação de Iguatu Ceará

Fonte: União dos mapas, boiadas de Clóvis Jucá e RFFSA, elaborado por Lúcia Teles e tratado por Vitor Vieira.

Lemenhe (1991) expõe que, até a primeira metade do século XIX, o porto do Aracati era o ponto receptor da produção do interior no litoral. O Aracati possuía volume de negociações superior ao porto de Fortaleza. Neste sentido, a Estrada de Ferro de Baturité, ligando Fortaleza aos sertões, contribuiu significativamente para a centralização comercial e administrativa da capital da Província.

Por sua vez, Aracati teve sua atividade comercial prejudicada, em razão do fechamento de sua alfândega, em 1851. Na Assembleia Legislativa, o advogado Álvaro Caminha Tavares da Silva, deputado representante de Aracati pelo Partido Conservador, defendia a construção do trecho da linha férrea entre Aracati e Icó, conforme discurso realizado em 16 de junho de 1882 (REIS, 2015).

Quando da conclusão do primeiro trecho da ferrovia – ligando Fortaleza a Baturité – em 1882, os deputados do Ceará na Assembléia Legislativa discutiram por onde passaria o segundo trecho. Defendiam-se duas vertentes: o prolongamento da estrada até o Crato, como originalmente havia se pensado no projeto, ou a construção de outro ramal, interligando o Aracati ao Icó (REIS, 2015)

A discussão pautava-se, não somente, sobre os aspectos gerais de desenvolvimento da Província do Ceará, mas tinha forte fator de disputa de poder entre as classes senhoriais das cidades de Fortaleza e Aracati. Os novos caminhos em questão eram estratégicos para a dominação do espaço e expansão da atividade algodoeira.

Quanto à disputa entre as Províncias, o discurso de Antonio Pinto Nogueira Accioly à Assembléia Legislativa, em 16 de junho de 1882, pode ser revelador. Sua participação no debate estava relacionada à tentativa de conciliação dos representantes do Ceará que estavam divididos entre o prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité e a construção de outra ferrovia, de Aracati a Icó. Na verdade, somente a preocupação em fazer um discurso nesse sentido já evidenciava o terreno de luta e jogos de poder em que se constituía a Assembléia Legislativa, e deste jogo dependia a aprovação dos projetos de construção de ferrovias (REIS, 2015, p. 98).

Segundo Reis (2015), na Assembléia Provincial eram muitos os partidários pelo prolongamento da estrada de Baturité. O deputado e advogado Álvaro Caminha estava se empenhando para que a linha férrea não chegasse a Icó ou Crato, pois dessa forma acabaria com qualquer possibilidade da existência de uma estrada entre Aracati e Icó.

Os conflitos entre as classes senhoriais cearenses indicam o quanto a reorganização do espaço movimentava as relações de poder dentro da Província do Ceará. Manter o controle sobre a circulação no interior do território implicava, entre outros aspectos, incentivar uma determinada produção, bem como podia estimular o movimento do porto aumentando o volume de exportações. Maria Auxiliadora Lemenhe destaca que desde o final do século XVIII fora iniciado um redimensionamento do Ceará, seu espaço e atividades econômicas, com a passagem de uma economia centrada na criação de gado para outra, agrícola. A abertura de novas estradas cumpria um papel central na rearticulação do espaço e da atividade econômica. A implementação de vias que, através do incremento da exportação e importação de produtos diversos, colocassem no centro das negociações comerciais outras regiões do Ceará implicava num desequilíbrio das relações de poder experimentadas até então pelos integrantes das classes senhoriais cearenses, sobretudo de Aracati, até ali muito envolvida com a criação de gado. (REIS, 2015, p. 103).

Fora da Assembléia Legislativa, o engenheiro Ernesto Antônio Lassance Cunha, dirigente da Estrada de Ferro de Baturité nos anos de 1880, enviou relatório ao Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas, em 1883, em favor do prolongamento desta linha férrea. Destacou as condições precárias do porto de Aracati e as distâncias entre as regiões produtoras, em comparação com Aracati e Quixadá. Deu a entender que a reduzida distância entre Fortaleza e Quixadá traria maior benefício para a Capital. Também pontuou a proximidade do Aracati e Mossoró, no Rio Grande do Norte, com receio de que a produção fosse desviada para esta cidade.

Dessa forma, decididos os pontos finais de cada linha, restava ainda a atribuição de reconhecimento do espaço geográfico de melhor eficácia que interligava essas extremidades ou adequar como mais oportuno o trajeto que conviesse aos líderes políticos, como expresso no próximo segmento.

Assim sendo, optou-se pelo prolongamento de EFB. Neste contexto, o Iguatu tornou-se ponta de linha. A via férrea alcança o Iguatu em 1910. A cidade adquiriu, paulatinamente, importância de centralidade no território cearense.

2.2 A Escolha do Percurso: Icó x Iguatu

Quando da construção do segundo trecho da EFB – trecho Baturité Crato –, o Município de Icó foi excluído do percurso, apesar de muito ter sido reputado nas sessões da Assembleia Legislativa. Em 1872, Thomaz Pompeu, outrora presidente administrativo da EFB, já fazia alusão à passagem da estrada por Icó (REIS, 2015).

Assim, Icó teve papel fundamental no ciclo comercial das boiadas, tornando-se importante centro comercial situado entre Aracati e o Cariri, no cruzamento entre as estradas das boiadas e do Jaguaribe (JUCÁ NETO, 2012; 2012a; 2014; JUCÁ NETO e RAMIRO TELES, 2021). A passagem da Estrada de Ferro de Baturité por Icó poderia significar a derrota da classe senhorial de Aracati, já que isso inviabilizaria o estabelecimento de trechos entre esta cidade e o Icó (LEMENHE, 1991).

Em 1892, o engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito elaborou um mapa com os possíveis percursos da linha férrea e áreas de reconhecimento. Em nenhuma das opções, se observava uma passagem pela cidade de Icó, contudo, nenhuma das escolhas corresponde fielmente ao que foi construído de fato, nos implicando apontar que, além da geografia ou estradas reconhecidas durante a execução da obra, obtiveram outros agentes definidores da direção dos trilhos (REIS, 2015). Ver mapa abaixo.

Tratamos, contudo, das novas informações a respeito da escolha da EFB por Iguatu-CE, que complementam o estudo minucioso feito por Isabel Reis (2015), a respeito deste percurso. Analisamos uma figura importante aqui como agente político, Coronel Belisário Cícero Alexandrino. Ele nasceu no Icó, em 20 de abril de 1845, e mudou-se para Vila da Telha, em 1856. Em 1864, Belisário começou a aparecer na vida política da Telha, segundo Nogueira (1985), como "Escrivão Interino do Crime, ao funcionar no Juízo da Delegacia na Vila da Telha". No âmbito político e administrativo, exerceu o cargo de Fiscal da Câmara Municipal da Telha em 1868.

A Vila da Telha, então, passa à categoria de cidade, em 1874, após Lei provincial nº 1612, em 21 de agosto do referido ano. Em 1883, veio a se chamar Iguatu. Na altura, Belisário Cícero Alexandrino ganhava cada vez mais prestígio no ramo político. Ao largo dos anos, foi chefe do Partido Liberal, vereador, presidente da Câmara, e nomeado Intendente em 1896. Como amigo pessoal de Antônio Pinto Nogueira Accioly, que assumia pela primeira vez a Presidência do Estado, em 1896-1900 (oligarquia aciolina), foi convidado a participar da administração do governo, o que lhe garantiu ainda mais poderes políticos ilimitados sobre Iguatu, eliminando qualquer possibilidade de oposição (NOGUEIRA, 1985).

No dia 11 de abril de 1904, consta na mensagem do procedimento da eleição e escolha do povo para Presidente Antonio Nogueira Accioly e, para vice presidentes, os nomes dos conterrâneos João Lopes Ferreira Filho, Coroneis Valdemiro Moreira e Belisario Cícero Alexandrino. Este último, que nos interessa como agente de poder, fica inclusive a cargo do Estado, enquanto Accioly viaja:

No dia 18 de Março deste anno, dexei o governo do Estado por ter de seguir para a capital da Republica, no goso da licença que me concedestes.

Tendo regressado ao Estadoa 16 de Junho findo, reassumi no dia seguinte o exercício do cargo, em que me investiu a confiança dos meus concidadãos.

Durante meu impedimento, na forma da nossa Constituição, exerceu com grande elevação, as funções de Presidente do Estado, na qualidade de Presidente da Assembléa Legislativa, o exm.º sr. coronel Belisario Cícero Alexandrino, visto se acharem susentes da séde do governo os meus substitutos constitucionais. (Mensagens do Governador do Ceará para Assembleia, 1910, p. 7)

A maior realização de Belisário veio, em 1908, quando do prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité. A linha férrea, inicialmente, não passaria por Iguatu, apenas à sua margem, em razão do alto gasto para construção de uma ponte sobre o Rio Jaguaribe nesta cidade. A influência política de Belisário – com o então correligionário Presidente do Estado, Antônio Pinto

Nogueira Acioli – garantiu a passagem da linha férrea por Iguatu. Nogueira Acioli fez valer sua força frente às autoridades federais. Diante disso, Nogueira (1985) narra a recepção que Belisário promoveu na visita a Iguatu do engenheiro-chefe da obra da linha férrea – Zózimo Barroso do Amaral – em 1909, cuja motivação era solidificar a vinda da estrada de ferro de Baturité até Iguatu (NOGUEIRA, 1985).

Diretamente associado ao fator político, preponderante na escolha de Iguatu, sabemos que, no período, crescia a demanda de algodão como matéria-prima barata para os países estrangeiros, em especial, Inglaterra e EUA, este último principalmente após o término da Guerra de Secessão. Também temos conhecimento de que Fortaleza era o porto de escoamento desse algodão e que o produto provinha do interior da Província para suprir a demanda do mercado internacional. O volume da produção algodoeira de Iguatu ganharia destaque com a chegada da via férrea no núcleo. Sua produção seria escoada para o porto de Fortaleza.

Segundo Relatório do Ministério de Obras e Indústria, as duas linhas férreas cearenses foram administradas pelo governo federal, arrendadas separadamente a linha de Sobral, em 25 de setembro de 1897, indo até Cratheus, 337Km, e a de Baturité, em 12 de abril de 1898, indo até Iguatu, 413Km. Já o Relatório do Ministério da Viação e Obras Públicas-RJ, de 1911, afirma a Estação de Iguatu inaugurada em 1910, como classe tipo 2. Essas Estações ferroviárias⁹ eram denominadas de classe tipos 1, 2, 3, 4. Isto acaba por embasar a demarcação da edificação como ponto estratégico no espaço de poder e diversificação do seu programa de necessidades.

⁹ O Município de Iguatu possuía ainda 3 unidades de Estações: Engenheiro Barreto, inaugurada em 05/11/1910, Estação José de Alencar, em 30/03/1916 e Estação Varzinha, em 01/06/1925.

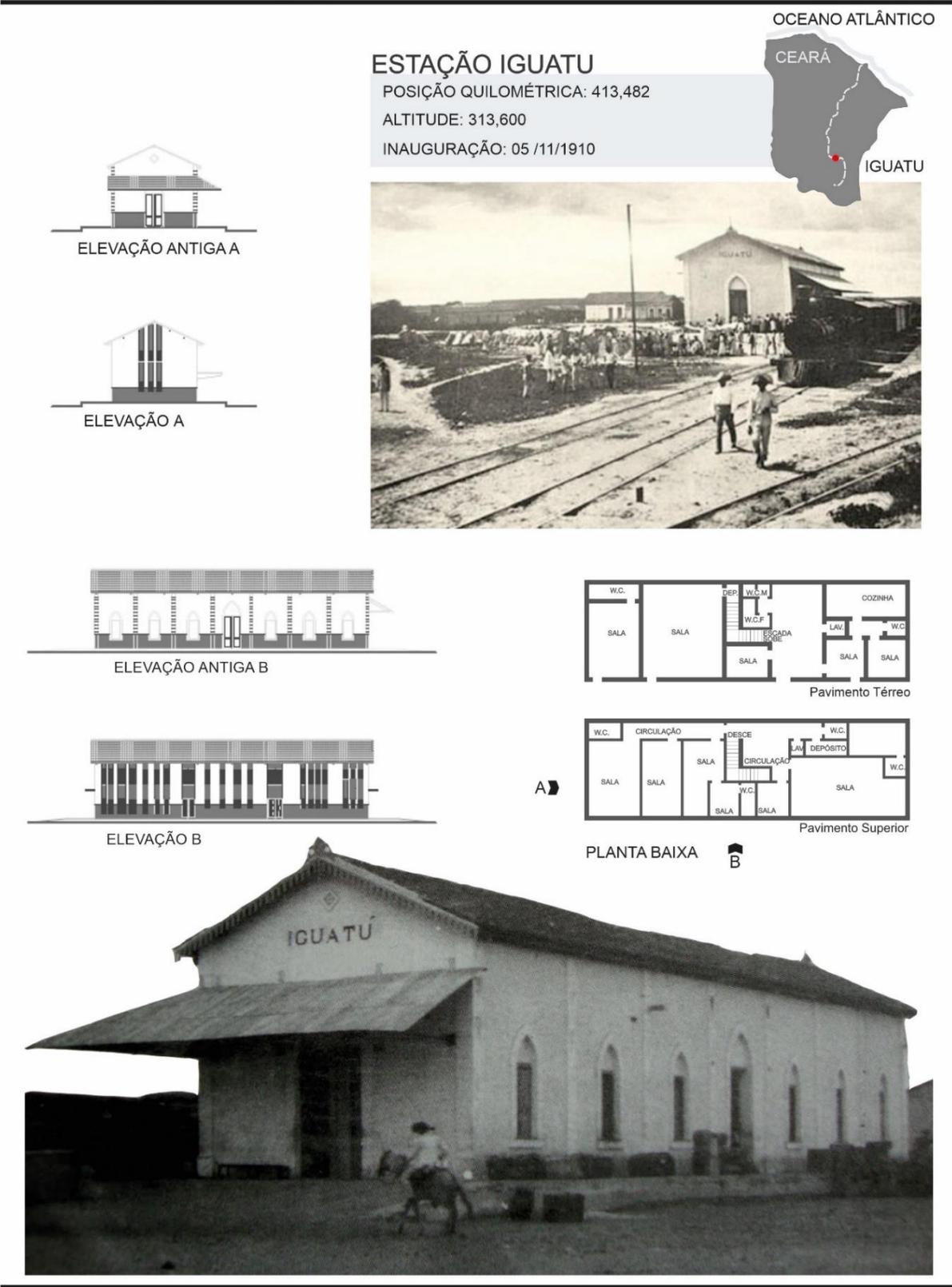


Figura 01: Estação de Iguatu (1910)

Fonte: Livro arquitetura ferroviária no Ceará 2010, desenho técnico César Nascimento e Lúcia Teles.

Em 1910, além da Estação Ferroviária de Iguatu, foi inaugurada a Casa do Agente¹⁰ e, posteriormente, as casas de “turma”, assim chamadas as habitações operárias com tipologias espalhadas nos diversos pontos de estações de trem à extensão do Ceará.

A Casa do Agente de Iguatu possui a natureza da construção de tijolo e cal, coberta de telha, área de 118,60m² com 8 compartimentos. Seu custo teve estimativa de 4:744\$000, sendo 40\$0 m². (Relatório Ministério da Viação e Obras Públicas- RJ,1923, p. 532).

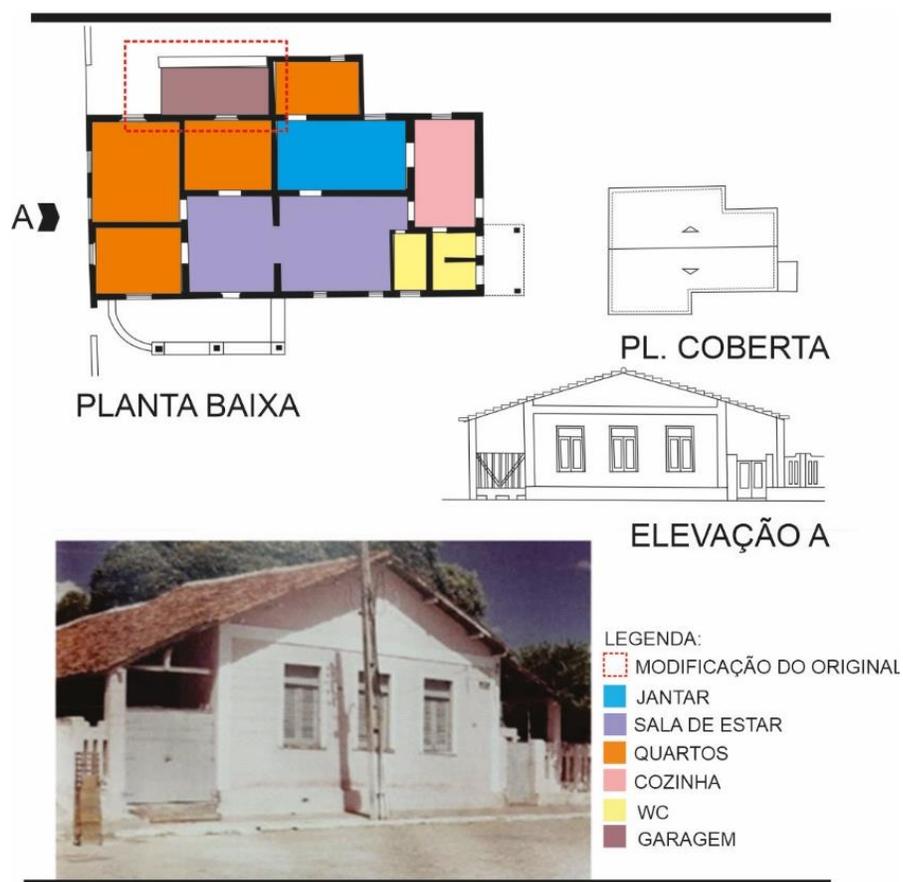


Figura 02: Casa do agente da Estação de Iguatu (1910)

Fonte : RRFSA- Croqui e fluxograma por Lúcia Teles (2021) e fotografia de Farias (2010)

¹⁰ Casa do Agente já não existe. Foi demolida e em seu lugar existe um grande depósito.

Em 4 de fevereiro de 1910, novo contrato foi firmado com esta companhia, assegurando a exploração do percurso e construção de várias linhas.

Os trabalhos de construção estiveram paralisados durante o ano de 1911, limitando-se a companhia a conservar o trecho até Iguatú, inaugurado em 5 de novembro de 1910. (Relatório do Ministério da Viação e Obras Públicas (RJ), 1912, p. 89).

Dentre os fatores possíveis de explicar a paralisação, apontamos a Sedição do Juazeiro de 1912 a 1914, (CANDIDO, 2014). Por ser ponta de linha na estrada de ferro, Iguatu deu suporte ao movimento de soldados da capital para o interior com intenção de tomar Juazeiro do Norte. (NOGUEIRA, 1985)

A caducidade do arrendamento com a SARCCOL do decreto nº 8.711, realizado em 10/05/1911, impedia não só a continuação do prolongamento da estrada, mas também que o Estado usasse os flagelados da seca para a construção de obras públicas. Em 1915, pelo decreto nº11.692, de 25/08/1915, o Estado reassumiu a administração da estrada.

As obras de socorro público durante as secas de passagem do século XIX foram marcadas por uma espécie de ambiguidade estrutural em uma ambivalência entre a caridade e o trabalho, partindo da “organização para afastar os sertanejos da ociosidade (uma medida que se combinava aos esforços modernizadores das relações de trabalho)” (CANDIDO, 2014, p. 195). Para os proletários das secas, as principais greves foram nas estradas de ferro e açudagem (CANDIDO, 2014).

No Iguatu, a estrada de ferro ficou praticamente parada de 1910 até 1915. Segundo Nogueira (1985), os flagelados da seca se acumulavam, principalmente na lagoa homônima da cidade, e na estação à espera de um trem para Fortaleza (Figura 03).



Figura 03: Fim da linha férrea e seca de 1915 em Iguatu- CE

Fonte: O secular problema do Nordeste, livro de Idelfonso Albano.

Diante disso, em 1916, após tantas paralisações, a Ponte Metálica sobre o Rio Jaguaribe foi instalada. A estrutura possuía 160 metros, sendo uma sequência de dois vãos livres de 80m cada qual (NOGUEIRA, 1985). A estrutura foi importada da Europa (CAPELO FILHO, 2010).

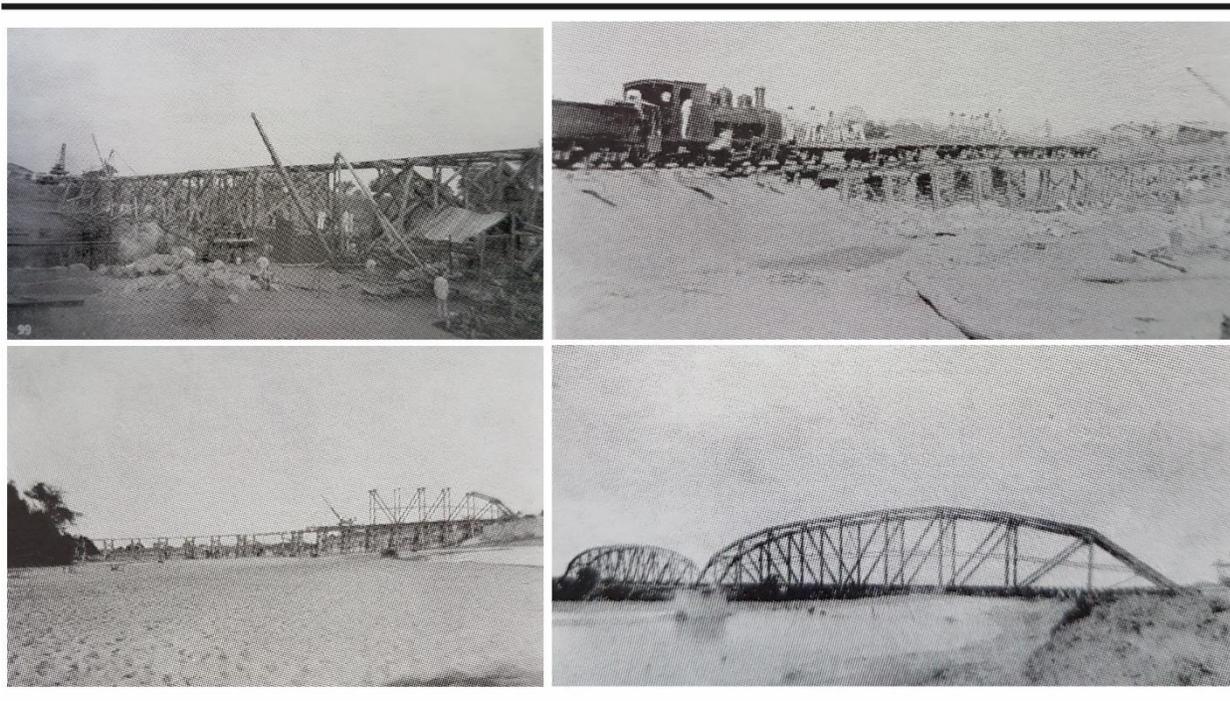


Figura 04: Construção da ponte de ferro sobre o rio Jaguaribe em Iguatu- CE

Fonte: Livro Arquitetura ferroviária no Ceará 2010, tratamento Lúcia Teles 2021

É importante assinalar que a instalação da ferrovia foi fundamental na reorganização do espaço territorial e urbano do Ceará. Nas cidades cearenses, entre elas o Iguatu, a chegada dos trilhos significou um processo de “modernização” com a implantação de parcas infraestruturas e serviços. No compasso da “ferroviarização”, a instalação das indústrias têxteis, mais especificamente as usinas de beneficiamentos, implicou a construção de habitações operárias.

Essas primeiras habitações para operários no Ceará, provavelmente, foram as barracas, construções efêmeras ao extenso dos trilhos da linha férrea. Depois, foram construídas algumas habitações soltas, como a casa do agente e a casa de turma, ao passo que as habitações em formato de vila operária aparecem posteriormente.

Em razão dos prejuízos do Governo com os flagelados, saques, faltas dos operários, entre outros, praticamente, tentava-se abandonar a questão das secas. Em 1909, foram criadas duas comissões técnicas independentes que tinham por objetivo atenuar os efeitos do clima semiárido:

Superintendência¹¹ de Estudos e Obras contra os efeitos das Secas e a Comissão¹² de Açudes e Irrigação. Em março de 1909, a Superintendência foi extinta. Os trabalhadores foram incorporados a uma Comissão de Açudes e Irrigação. Em 21 de outubro (1909), pelo decreto n. 7619, foi criada a Inspectoria¹³ de Obras contra as Secas IOCS. (Relatório do Ministério da Viação e Obras Públicas-RJ, 1910)

Já pelo decreto nº 13.687, de 09 de julho de 1919, foi criada a Inspectoria Federal de Obras Contra as Secas- IFOCS. No âmbito federal, observam-se séries de iniciativas ligadas à açudagem. Dentre elas, o açude do Orós, tido no período, como “o maior do mundo”.

A parte feita do projeto, que constava do desenho da bacia hydraulica na escala de 1.100 e da planta do boqueirão na escala de 1.500, foi, bem como os estudos de campo, totalmente destruída pelo incêndio do escritório da 1ª Secção, em dezembro.

Este açude terá de capacidade 2.200.000.000 metros cúbicos e será o maior do mundo pois o -Roosevelt-, nos Estados Unidos, que é actualmente, o maior, represa apenas 1.600.000.000 metros cúbicos.

A barragem, que será de retenção, terá 300 metros de comprimento e a represa, com 50 metros de altura, terá 62kilometros de extensão ao longo fo rio Jaguaribe.

O sangradouro será relativamente fácil. A quantidade d’agua que o rio poderá fornecer será provavelmente para encher o reservatório pelo menos uma vez de dois em dois anos. A 300 metros a jusante do boqueirão, que dista cerca de 45 kilometros da cidade de Iguatú, existe uma cachoeira que prestar-se -á perfeitamente ao estabelecimento de uma poderosa usina electrica. (Relatório do Ministeriro da Viação e Obras Públicas (RJ), 1912, p. 40).

No entorno dos canteiros de obras de alguns açudes, foram construídas vilas operárias. Segue a imagem da vila operária, construída na década de 1920, na açudagem do Orós¹⁴ pela empresa Americana Dwight P. Robinson & Co.(Pearse, 1923).

¹¹ Sob direção do Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, obtinha-se, principalmente em serviço de perfuração de poços tubulares, os Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí.

¹² Criação em setembro de 1907, esteve a cargo o engenheiro B. Piquet Carneiro, que passou o cargo a seu sucessor o engenheiro Dr. José Ayres de Souza a 20 de setembro de 1909.

¹³ Assumiu as funções da Inspectoria o engenheiro Miguel Arrojado Lisboa e passou ao Dr. José Ayres para ser chefe da 1ª secção e Sub-Inspetor, enquanto ao engenheiro Raymundo Pereira da Silva foi confiada a 2ª secção

¹⁴ A este tempo, Orós fazia parte do Município de Iguatu, com os operários das secas atraídos pela perspectiva de emprego, o que originou um rápido conglomerado, que futuramente se tornaria a cidade de Orós.

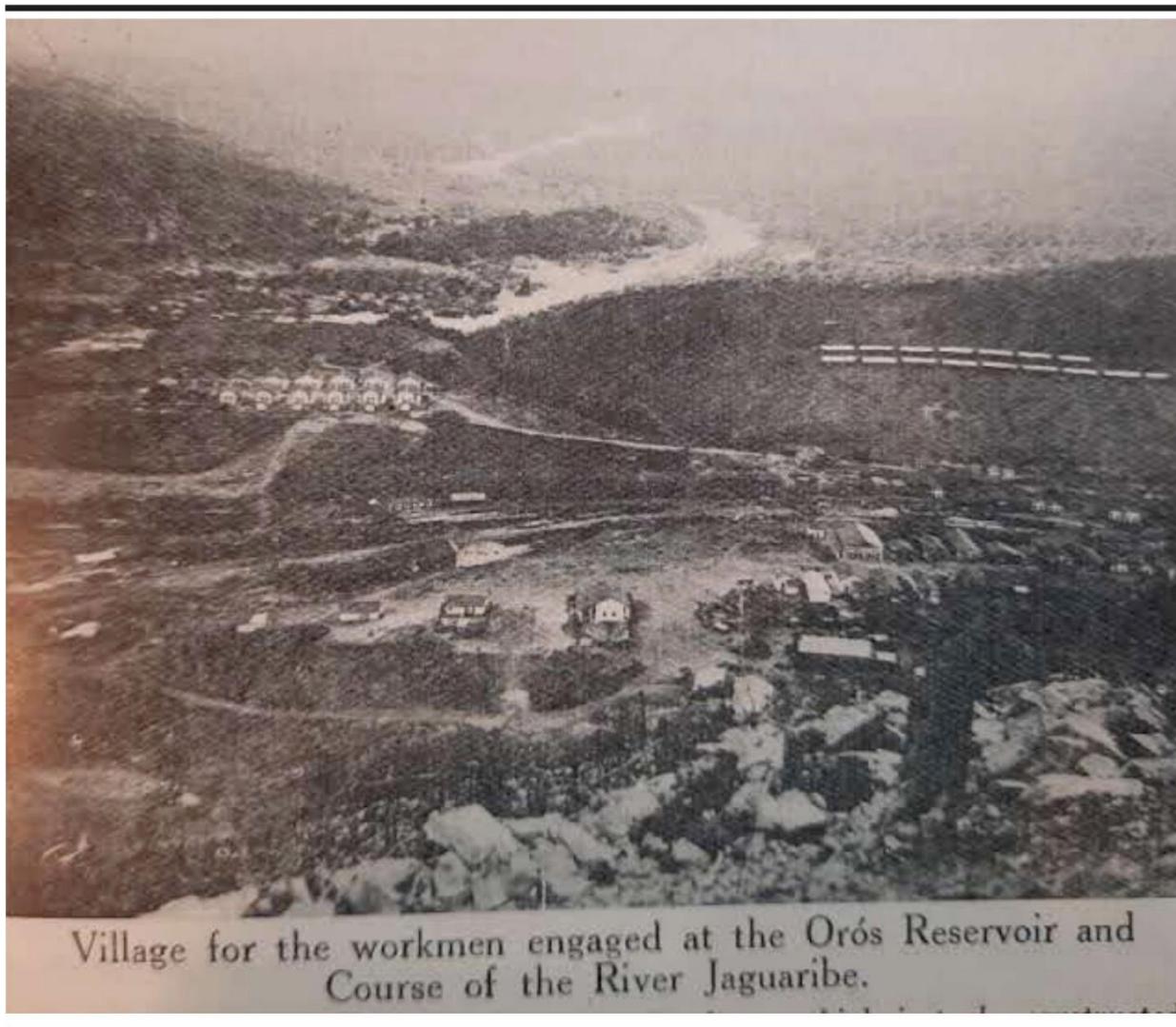


Figura 05: Vila operária da açudagem em Orós ao curso do rio Jaguaribe, 1923.

Fonte: Livro “Cotton in North Brazil-Ceará, Maranhão e Pará” de Arno Pearse de 1923.

As habitações operárias em formato de vila apareceram no interior do Ceará, após a construção das casas sanitárias por parte da empresa ferroviária. As casas sanitárias consistiam em habitações unifamiliares, novos materiais construtivos com técnicas aplicadas¹⁵ e “instalações sanitárias” (Lemos, 1989, p. 60). Os núcleos, geralmente, não possuíam a conformação de vila. Tratava-se de um aglomerado com pouquíssimas casas; por vezes, somente duas residências: a do agente e a de turma.

¹⁵ Lemos (1989) constitui ricas informações a despeito da técnica do “pau-a-pique” ou “tijolos cozidos”.

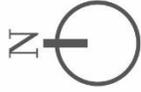
As pesquisas sobre vilas operárias têm em consenso que, na sua quantidade, as casas não eram proporcionais ao número de operários. As empresas geralmente dirigiam as habitações aos melhores funcionários (BLAY, 1985). Sugere-se, então, que, coincidentemente, os operários estrangeiros, que detinham o conhecimento e a técnica aplicada à açudagem, construíam as moradias para benefício próprio.

Infelizmente, não conseguimos averiguar precisamente a quantidade e a localização de vilas operárias na condução da açudagem via regional/nacional realizada pelos órgãos IOCS, IFOCS, porém obtivemos referencial teórico nas empresas de açudagem de grande porte, realizada por empresas estrangeiras aportadas ao interior do Ceará.

Com reconhecimento das localizações de trabalhos de açudagem e irrigação, assim como das vilas operárias feitas por estas empresas estrangeiras para seus funcionários. A empresa American Firm of Dwight p. Robinson e Co.Inc, construiu 16 residências em São Gonçalo, 30 em Piranhas, 6 em Pilões, 16 em Orós e 30 em Poços dos Paus. Já a English Firm of Norton Griffiths & Co Ltd.construiu 12 casas e 1200 abrigos em Patu,10 casas e 17 abrigos em Quixeramobim, enquanto nenhuma casa foi edificada em Acarape por esta última empresa (Pearse, 1923).Algumas dessas vilas operárias construídas por estrangeiros, foram reutilizadas para os Campos de Concentração do Ceará, segundo Kênia Rios (2014), em 1932, existiam 07 campos. Destes, somente o Patú possui remanescências detas edificações e tornou-se patrimônio cultural.

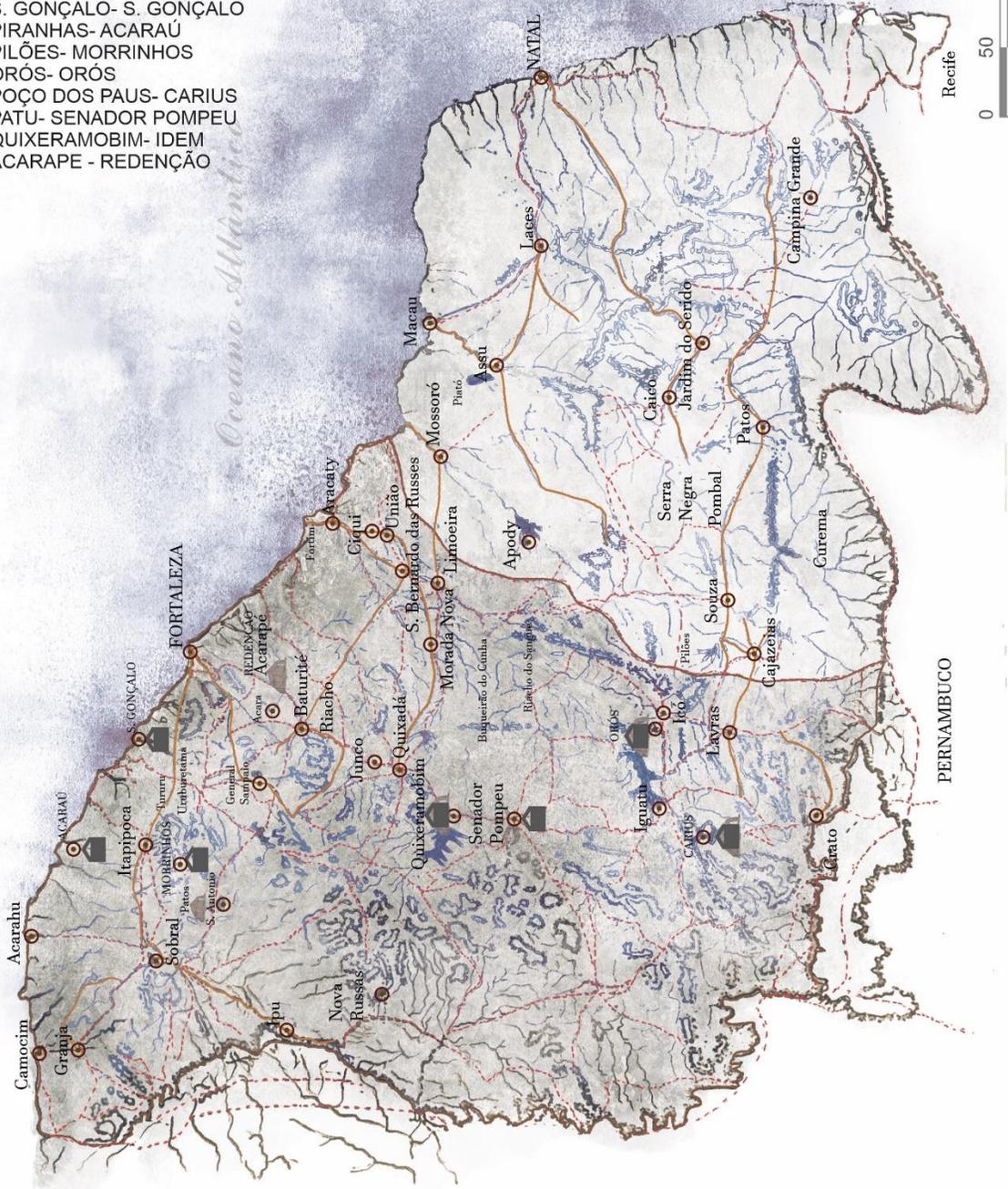
Estes campos ainda, tornaram-se espaços antagônicos, descaracterizando o sanitarismo dessas habitações pelas condições de aglomeração e moléstias. Contudo, reproduzem ainda as condições de controle e opressão, características patronais das vilas operárias.

A cartografia elaborada a partir do livro de Arno Pearse de 1923, evidencia que a açudagem era próxima da linha férrea, ou facilitava o caminho com novos ramais que transportam o vaivém de materiais, instrumentos, maquinaria e pessoas. Para tanto, contribuímos, com a indicação espacialização destas vilas no (MAPA 04)



açUDE - CIDADE

S. GONÇALO- S. GONÇALO
PIRANHAS- ACARAU
PILÕES- MORRINHOS
ORÓS- ORÓS
POÇO DOS PAUS- CARIUS
PATU- SENADOR POMPEU
QUIXERAMOBIM- IDEM
ACARAPE - REDENÇÃO



Mapa 04: Mapa de açudagem- Arno Pearse 1923.

Fonte: Livro de Arno Pearse de 1923, tratado por Lúcia Teles 2021.

No próximo capítulo, abordaremos os desdobramentos que a linha férrea possibilitou para a cultura algodoeira e o início do processo de industrialização da cidade de Iguatu, bem como as modificações socioespaciais na malha urbana advindas desse crescimento. Pontuaremos no processo a construção das vilas operárias.

3 As indústrias de beneficiamento de algodão em Iguatu 1910 a 1965.

Como visto no capítulo imediatamente anterior, Fortaleza antes ficava à margem da economia cearense, porquanto as protagonistas remansavam em Icó e Aracati.

Assume esta nova economia - a de conteúdo algodoeiro - visibilidade e poder, assim como a o Município de Iguatu em suas devidas proporções, em decorrência importância de cada rede dentro da cadeia econômica.

Se Icó e Aracati, estacionaram em um certo esquecimento, isso acarretou para *locis* o fato de serem contributo patrimonial, distando de Fortaleza e Iguatu que, propícias à prosperidade, participaram acentuadamente da modernização.

Para melhor compreensão, criamos mapas retrospectivos, que galgaram a construção da Vila Telha, a Sede de Iguatu, com o foco no surgimento e o desenvolvimento das indústrias dali, com o foco no surgimento e desenvolvimento das indústrias de suas até os anos de 1965. Assim, analisamos sua evolução, oportunidade em que na qual reunimos a expansão da malha urbana.

3.1 Vila da Telha, Cidade da Telha e Iguatu – Antecedentes de 1910

Segundo Nogueira (1985), Iguatu pertencia à Vila do Icó. O núcleo situava-se em região conhecida como Ribeira do Quixelô. Tratava-se de área “geograficamente pobre de acidentes”, margeada pelo rio de maior extensão do território, o Jaguaribe. A área possuía várias lagoas, dentre elas a chamada de Iguatu, que concedeu o nome definitivo à Cidade (NOGUEIRA, 1985). A esta Ribeira pertenciam os Municípios de Saboeiro, Arneirós, Tauá (Inhamuns) e Jucás (São Mateus). A região era habitada pelos índios quixelôs, da raça tapuia. Estes povos autóctones foram missionados por padres carmelitas (NOGUEIRA, 1985).

Monsenhor Couto (1962, p. 38) menciona a distribuição das primeiras sesmarias no Município de Iguatu em 1682. Já Nogueira (1965:29), assevera que as duas regiões, o Iguatu e seu

Município, foram doadas como sesmarias em 1681, ao “Sargento-mor João de Sousa de Vasconcelos, no local Quixoá, e pouco depois, em 1682”, a “Francisco Nogueira Lima, no local Itans, sítio Irapuás”.

A Ribeira do Quixelô, no século XVIII, obteve vários pedidos de sesmarias, onde foram estabelecidos sítios e fazendas. Entre elas, a Missão da Telha, a qual cresce e vai ganhando órgãos administrativos. Dentre os novos moradores, muitos vieram do Icó, pois, a partir de 1815, havia pedidos para ocupação das terras na Ribeira do Quixelô, que se estendem até 1821.

Não é difícil concluir que todos estes proprietários da Ribeira do Quixelô que requereram e obtiveram registros de sesmarias, nestes vinte e um anos do século XIX, sempre residentes na já importante Vila do Icó, à qual a Ribeira pertencia, formavam a burguesia dominante que se instalara nessas vastas planícies do sertão cearense. Sua influência foi cada vez maior e muitos, posteriormente, passaram a residir ou tiveram descendentes na Povoação da Telha, quando esta se constituiu e passou a ter melhores condições de vida. No início, estes possuidores de terra administravam mais ou menos a distância, apenas visitando as suas fazendas ou sítios. Tiravam todas as vantagens que podiam, e o trabalho era feito pelos chamados “moradores”, pelos escravos ou outros trabalhadores do campo que prestavam, por miseráveis diárias, serviços na lavoura e na criação do gado. Foi explorando que eles prosperaram exploração sem limite, porque a sua força econômica impunha as autoridades todos os desejos. Não havia apelação: eram donos das terras e isso se traduzia em senhores da lei (NOGUEIRA, 1985, p. 49).

Na segunda metade do século XIX, a Povoação da Telha desmembrou-se do Icó, sendo elevada à condição de vila pela lei provincial de 1851. Sua inauguração ocorreu somente em 1853, em razão de não possuir Câmara própria e Cadeia (Nogueira 1985). O primeiro edifício-sede da câmara foi doação temporária do Major Bento de Carvalho e sua esposa. O prédio seria nº 96 na Praça da Matriz. Posteriormente, a Câmara da Telha ocupou a edificação de nº 86 na mesma praça (NOGUEIRA, 1985).



Figura 06: Câmara Municipal e Cadeia Pública

Fonte: IBGE 2020

Em 22 de abril de 1853, foi iniciada a construção da Igreja Matriz pela iniciativa do vigário da Paróquia, o Padre Vasconcelos de Drummond, e com ajuda dos fiéis. A edificação era “ampla e vistosa”. Possuía um “salão maior, mais limpo e melhor apresentado”. Tinha “a forma aproximada de um quadrado, havia portas na frente e de lado e corredor em ambos os lados; no extremo adiante estava o altar-mor, de Senhora Santana a Padroeira”. Na ocasião, ainda não possuía torre. Neste recinto, além de atos religiosos, utilizavam-no como Consistório, para atos públicos, eleições, sessões de tribunal. (NOGUEIRA, 1985) (Figura 07).



1 Igreja N. Sª Santana e adjacência 2 3 4 Vistas internas da Igreja N. Sª Santana

Figura 07: Igreja de Santana, antiga Matriz

Fonte: Jornal a praça de Iguatu- 2021 e montagem Lúcia Teles, 2021.

Apesar de possuir Casa da Câmara, o consistório da Igreja-Matriz era bem utilizado para certos fins administrativos, “por oferecer mais commodidade” (NOGUEIRA,1985 p. 65.). Nogueira descreve a vila quando de sua inauguração da seguinte maneira:

Quando se inaugurou a Vila da Telha, ela se situava de modo que num só todo, poderia ser vista de um lado a outro. Compunha-se de um conjunto de casas, a maioria de biqueira baixa, muitas das quais construídas de tijolo e taipa e outros só de taipa ou só de tijolo. Algumas delas com duas e três portas de frente, sendo muitas de uma porta e uma janela. A Vila no seu todo tinha a forma de um paralelogramo, tal como é, atualmente, a disposição das casas da Praça principal- a D.Pedro II. Numa das partes externas da Vila, lado Norte, independente das casas, estava a Matriz, extremamente simples, que mais parecia uma capela-espécie de pequeno salão, sem conforto algum e destinado a abrigar as várias centenas de fiéis que ali compareciam, mormente nas épocas de festas da Igreja. (NOGUEIRA, 1985, p. 64)

Em sua maioria, as casas eram térreas, com duas ou três portas. O ritmo de cheios e vazios das fachadas e a distribuição dos espaços internos eram expressões materiais locais do conhecimento técnico da época e das relações socioespaciais na escala do núcleo. A despeito dos condicionantes do lugar Iguatu, a vila guardava muito da aparência das vilas existentes no restante do território brasileiro. Nestor Goulart Reis Filho discorre sobre o programa das casas oitocentistas no Brasil :

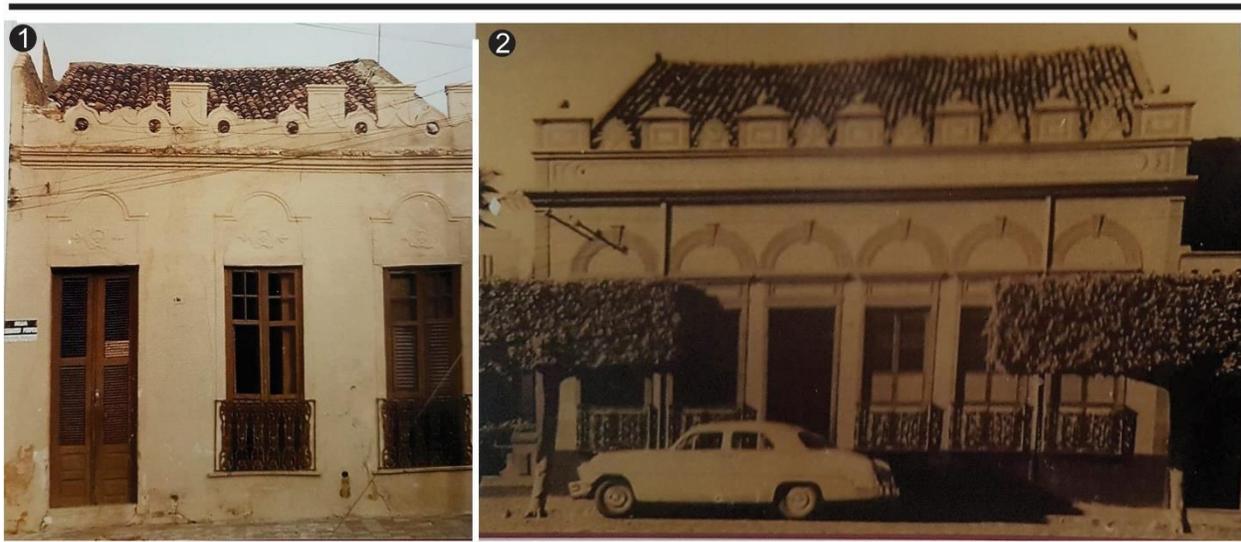
As salas da frente e as lojas aproveitavam as aberturas sobre a rua, ficando as aberturas dos fundos para a iluminação dos cômodos de permanência das mulheres e dos locais de trabalho. Entre estas partes com iluminação natural, situavam-se as alcovas, destinadas à permanência noturna e onde dificilmente penetrava a luz do dia. A circulação realizava-se sobretudo em um corredor longitudinal que, em geral, conduzia da porta da rua aos fundos. Esse corredor apoiava-se a uma das paredes laterais, ou fixava-se no centro da planta, nos exemplos maiores. (2014, P. 24).

Descrevendo as casas de porta e janela, Liberal de Castro (2007) destaca o fato de, geralmente, possuírem o acesso aos ambientes internos cruzando a sala de visitas. Já nas casas de três portas, o ingresso ao espaço interno da edificação se fazia por um vestíbulo, que se prolongava pelo corredor de circulação.

Alcântara Nogueira (1985) acrescenta que algumas residências familiares serviam, ao mesmo tempo, de estabelecimentos comerciais: as bodegas. Nos sertões cearenses, a bodega era uma mercearia modesta que geralmente ocupava o cômodo da frente da casa do proprietário.

Os dois principais adversários políticos da Vila da Telha moravam e possuíam estabelecimentos comerciais. Ao sul da Igreja, ficava a casa de Cícero Belisário Alexandrino. Na edificação ao lado, situava-se sua farmácia, a “Botica”. Já ao norte, por trás da Igreja, encontrava-se a casa de Celso Lima Verde¹⁶, seu opositor político. O edifício também possuía função mista, já que operava a sua farmácia “Botica Popular”.

¹⁶ Cel. Celso Lima Verde foi uma figura política de Iguatu, assumindo cargos importantes, como Intendente de Iguatu, Presidente da Câmara de Iguatu; e foi considerado o maior rival político de Belisário (NOGUEIRA, 1985).



❶ Em 1860 foi abrigo de casa Paroquial, hoje pertence a família de Paulo e Ilva Cavalcante de Carvalho ❷ Casa de Belisário

Figura 08: Casas antigas que se destacavam no quadro de Iguatu- CE

Fonte: Jornal a praça de Iguatu- 2021, livro de Farias- 2011 e montagem Lúcia Teles 2021.

Na vila prevalecia a interdependência arquitetura/lote urbano. As casas térreas apresentavam a implantação típica do esquema colonial de lotes estreitos e profundos, com um padrão frequente. A construção na frente e as laterais eram os próprios limites dos lotes, havendo, via de regra, quintais aos fundos da residência, que possuíam, em geral, telhado em duas águas. Sobre a relação lote-edificação nos núcleos oitocentistas do Brasil, Reis Filho (2014, p. 32) acrescenta:

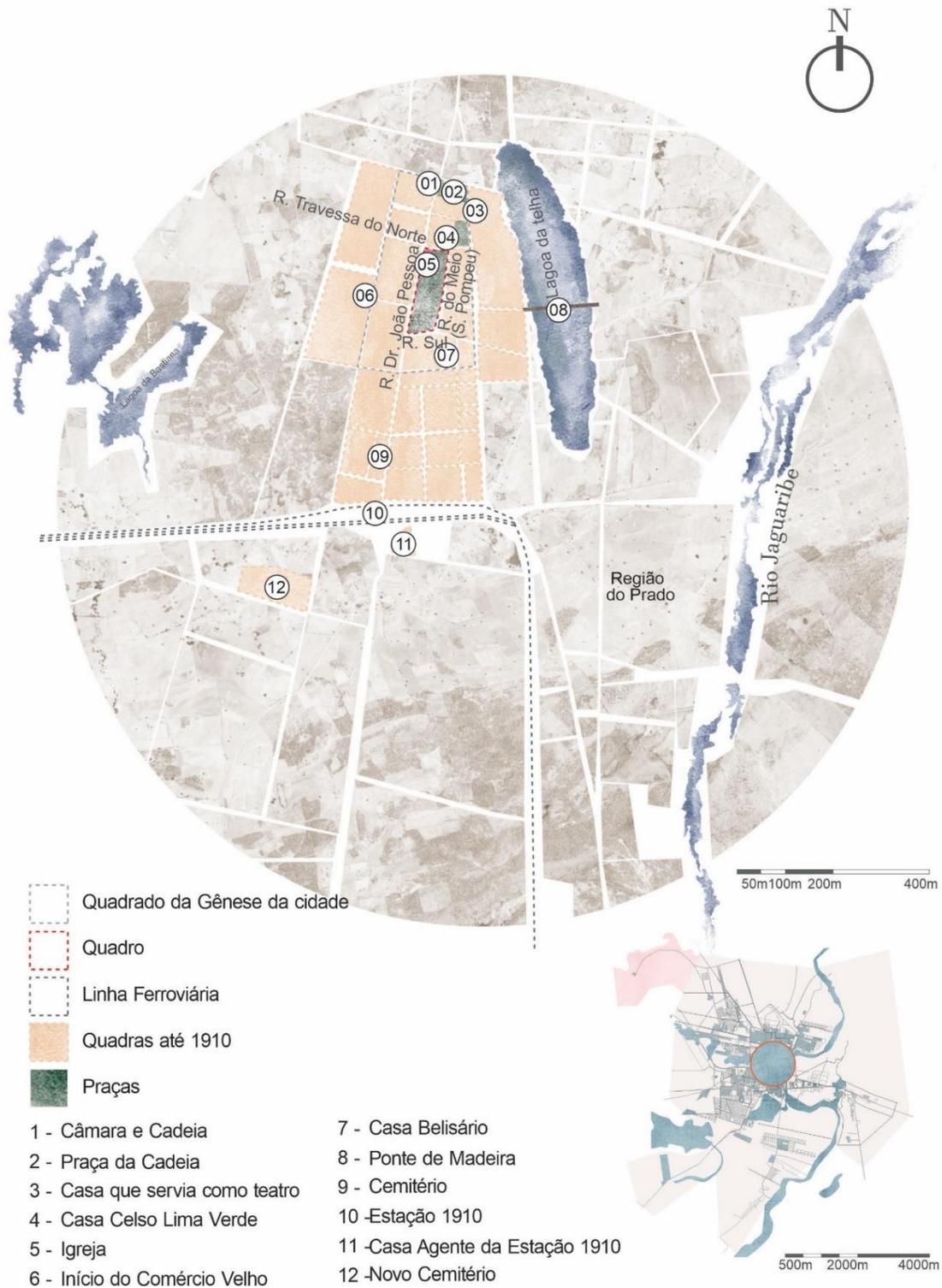
Vemos, portanto, que fundado ao regime escravista que para construção quer para o uso, a habitação urbana tradicional correspondeu a um tipo de lote padronizado este a um tipo de arquitetura bastante padronizada, tanto nas suas plantas, quanto nas suas técnicas construtivas. Este esquema não é tipicamente brasileiro. Suas origens situam-se no urbanismo medieval renascentista de Portugal.

Quanto ao desenho urbano, a vila da Telha era constituída, inicialmente, por uma praça e ruas que não formalizavam uma regularidade do traçado. A praça não estruturava o desenho da cidade.

A vila, pela sua forma, assemelhava-se a um quadro (e com o tempo o povo chamava rua do quadro, como ainda hoje, às vezes, chamam quadro à Praça D. Pedro II, também denominado, desde o passado Praça da Matriz). Suas casas haviam sido construídas mais ou menos à vontade, e entre elas havia, aqui e ali, claros ou espaços, maiores e menores, que iam terminar no mato, porque as construções fora dessa zona eram poucas- uma ou outra casa de taipa levantada em lugares mais ou menos distantes uns dos outros. Pode-se dizer que o quadro era tudo, medindo certamente, o mesmo tamanho de hoje: 334 metros de comprimento por 76 metros de largura. Nesta vila-praça-rua, o que dominava era a própria natureza: trechos de areia fina e solta ou chão duro, vegetação variada, composta de gramíneas, arbustos e árvores de maior porte. Quem quisesse sair de casa e ter melhor facilidade para andar, que começasse a abrir caminho desde a porta da residência. A vila ficava mesmo no meio do mato. Os seus administradores (se é que se pode utilizar este nome) certamente não haviam lembrado de fazer alguma obra para utilização comum, com caráter social (Nogueira, 1985, p. 65).

O crescimento do núcleo implicou o aterramento das lagoas que circundavam o aglomerado. Dessas lagoas dissipadas, Nogueira (1985) cita as do Milindró e Pereira, localizadas após as casas na parte sul do quadro. Esta área de expansão sul se tornou, desde então, parte do centro comercial.

Tomando como base descrição de Alcantara Nogueira (1985), da vila no “meio do mato”, elaboramos exercício de reconstituição gráfica da Vila Telha. Espacializamos o conjunto urbano em seus primórdios, antes da chegada da linha férrea. Adotamos o *locus* da gênese do Quadro para identificar edifícios institucionais, a Igreja Matriz e as ruas. Na cartografia elaborada, o quadrado- gênese da cidade acha-se em azul. Sua ampliação até 1910 em tom rosa. O desenho também evidencia o conjunto de atividades que a Câmara Municipal desenvolveu, expressas nas novas construções urbanas: o cemitério, casas de mercado, açougue público, matadouro, dentre outras, que são enumerados na legenda para sua localização dentro do mapa abaixo.



Mapa 05: Mapa evolutivo da cidade de Iguatu-Ce- Gênese do quadro até 1910.

Fonte: Reconstituição do mapa de Iguatu por Lúcia Teles e tratada por Vitor Vieira

Em 16 de julho de 1854, foi assinado contrato para a construção do cemitério¹⁷(9). A obra tinha um prazo de dezoito meses para estar acabada, sob pena de multa para sua entrega. O contrato não foi cumprido. Um novo termo foi assinado no dia 25 de outubro de 1855, prorrogando o prazo de entrega por mais um ano. A obra ficou “prompta em branco sem nada lhe faltar no dia trinta e um de Outubro de mil oitocentos e cinquenta e seis” (NOGUEIRA, 1985, p. 66 e 69).

Em 20 de abril de 1868, a construção “de um curral com cinquenta palmos de frente e setenta de fundos, de madeira, destinado a recolher o gado e, ao mesmo tempo, servir de “matadouro público” é datada de 20 de abril de 1868 (NOGUEIRA, 1985, p. 81). Nogueira (1985) ainda afirma “Não tenho a menor idéia onde foi o local em que se construiu o curral.”

O comércio velho (6) situava-se, primeiramente, na rua do Cisco ou da Viração (atual Rua 15 de Novembro), começando no beco que na praça da Matriz comunica esta com a aludida rua. Já a casa de mercado e açougue, conforme art 1(fl. 52 e 25), seria edificada na rua do Meio ou onde a comissão orientar por conveniência. Apesar de ser uma obra de vulto apreciável, e talvez sendo “utilizado a partir de 1870, já em 1881 era condenado por não mais atender as demandas do progresso da Vila da Telha” (*IBIDEM*, p. 80 e 81).

Estas edificações não foram construídas como os códigos de posturas determinavam. Nos contratos, os setores privilegiados – comerciantes e futuros industriais que ocupavam cargos na administração local – obtinham muitas vantagens, privilégios sob impostos (NOGUEIRA, 1985).

Como nas demais cidades oitocentistas no Brasil, e em nosso caso nos sertões do Ceará, atividade da Câmara, da recém-criada Vila da Telha em 1863, legislou sobre práticas urbanas, com grande atenção para a higiene pública:

¹⁷ Esse cemitério ficava onde hoje é a atual praça Francisco Airton de Jucá Carvalho, anteriormente denominada de Praça Coronel Belisário Cicero Alexandrino. Até os anos de 1930, ainda era possível ver lápides quebradas da antiga população que descansa sob aquele solo.

...centralização de venda de gêneros alimentícios nas “casas do mercado” e no “açougue público”, com multas para os contraventores (ou prisão); pagamentos de impostos; obrigatoriedade dos empresários de dotar a banca do açougue de material adequado e manter a sua conveniente conservação; medidas de higiene: multa ou prisão, para os falsificadores de gêneros que possam resultar “danos à saúde pública”; obrigatoriamente do recolhimento “vacas” nos quintais da Vila; obrigatoriedade da edificação de “casas” nos “terrenos que fossem aforados”; limitação da época de pescaria nas lagoas da Bastiana, Barro Alto e Aguatú; obrigatoriedade dos proprietários fazer plantação de árvores que produzissem sombra “e demais pronto crescimento” (cajueiros, cajazeiras e jenipapeiros), ao redor de seus açudes e lagoas; multas para que depredassem ou derrubassem árvores como aquelas; utilização de matadouro público para o abate de gado destinado ao consumo público ou construção fora da Vila de matadouro para uso particular, e assim por diante. (Nogueira, 1985, p. 69 e 70).

Pela Lei Provincial nº1612, a Telha passou à categoria de cidade, em 21 de agosto de 1874. Uma via de acesso sobre a lagoa que ficava quase no centro foi construída em 1875, sendo a primeira ponte de madeira, situada no mapa pela numeração (8).

Segundo Kenia Rios (2014), inúmeras obras públicas foram feitas no Ceará nos períodos de seca. Durante a seca de 1877, o Governo da Província deslocou 2000\$000 para construção de alguma obra pública usando da mão de obra dos flagelados no Iguatu. Dentre as obras, a cadeia foi concluída (1) e uma casa para escola primária levantada. Em 1878, foi construída, também usando de mão obra dos retirantes, a Praça da Cadeia (2) – Praça General Tibúrcio (NOGUEIRA, 1985).

As ruas circundavam o Quadro, dispostas em paralelo a ele. Tratando sobre o crescimento urbano no entorno do Quadro, Nogueira (1985: 87) assevera que “materialmente, a Telha crescera bastante: a Povoação chegara a ser Vila com o seu quadro que, era assim, a célula-máter do agrupamento humano, com a sua rua do Meio”. “Pouco a pouco” foram “surgindo as duas ruas que corriam paralelas àquela, de um lado e do outro”, fosse “da viração” ou “do cisco” e a “do fogo”. No compasso das transformações físico-sociais do núcleo, pela lei provincial nº 2035, de 20 de outubro, a Cidade da Telha modificou sua nomenclatura para Iguatu, que significa água boa ou rio bom (*Ibidem*, p. 108).

A Iluminação pública foi inaugurada no Iguatu, no dia 7 de setembro de 1893. Consistia em dois postes, construídos de um mastro de madeira e parte superior do vidro com pavio para o querosene.

(...) constar deste auto que dois postes com os respectivos lampiões foram oferecidos a Câmara Municipal, que aceitou, para serem colocados no adro da Matriz, onde se achão, pelo muito Reverendo Vigário desta Freguesia Padre Raymundo Hermes Monteiro (NOGUEIRA, 1985, p. 118).

Algumas casas particulares ocorriam entre as quais Nogueira (1985) destaca a da Rua do Fogo, atual Floriano Peixoto nº12, situava-se residência onde se realizavam peças de teatro, frequentado pela burguesia iguatense. Outra casa emblemática no quadro é a do Coronel Belisário, na rua Senador Pompeu nº109, hoje demolida. Em 1895, algumas denominações de ruas, praças e becos foram alteradas como na tabela abaixo.

NOVA DENOMINAÇÃO	ANTIGA DENOMINAÇÃO
RUA FLOREANO PEIXOTO	TRAVESSA SUL
RUA DOM JOAQUIM	-
RUA SENADOR POMPEU	RUA DO MEIO (A MAIS ANTIGA)
RUA MARTINS SOARES MORENO	TRAVESSA DO NORTE (ATRÁS DA IGREJA)
RUA 15 DE NOVEMBRO	VIRAÇÃO OU CISCO
OUTRAS RUAS (7 DE SETEMBRO, 22 DE ABRIL, 24 DE MAIO, 23 DE NOVEMBRO)	
NOVA DENOMINAÇÃO	ANTIGA DENOMINAÇÃO
PRAÇA GENERAL TIBÚRCIO	CADEIA - GENERAL SAMPAIO
PRAÇA CELSO LIMA VERDE	AURORA
PRAÇA DA MATRIZ	QUADRO PEQUENO / QUADRO GRANDE
NOVA DENOMINAÇÃO	ANTIGA DENOMINAÇÃO
BECOS: DO SEVERINO, DO MIZUEL, DO SEVERIANO BEZERRA LIMA, DO MENDONÇA, DO COMÉRCIO VELHO, DO PRAXEDES, DO ROSÁRIO, DO MARTINIANO, DO JOSÉ GREGÓRIO, DO SARGENTO AVELINO E DA ACTUAL LOJA DOS CAVALCANTES.	PASSARAM A SER TRAVESSAS, DE NÚMEROS, RESPECTIVAMENTE 1, 2,3,4,...11.

Tabela 01: Travessas, praças e batismo de ruas em 1895- Iguatu-CE

Fonte: Livro de Alcantara Nogueira, Tabela produzida por Lúcia Teles, 2021.

Considerando-se a receita geral e despesas do orçamento do Município, Nogueira aponta como o Coronel Belisário era favorecido nas ações urbanas em detrimento da qualidade do espaço público.

(...) E a Cidade? A resposta é dada com os próprios termos do Orçamento: “Saniamento da cidade trinta mil réis”(14, art. 2ª) e “Iluminação publica da Cidade quatrocentos e noventa e seis mil réis” (16, art. 2º). Logo, para ter aplicação na Cidade durante todo o ano de 1894, somente esta fabulosa quantia- quinhentos e vinte e seis mil réis- menos de 8% do total das despesas orçadas. Para que mais, se Belisário e seus amigos perceberiam quase que todo o restante dos sete contos novecentos e setenta e seis mil réis? E que boa iluminação era a da Cidade! E que nas ruas limpas, excetuando o mato e a sujeira em quase toda parte, pois nem havia essa história de tirar lixo, porque mais prático era jogá-lo nos quintais ou mesmo na própria rua! (NOGUEIRA, 1985, p. 123).

O incipiente crescimento urbano explicitado – a abertura de ruas, a implantação de serviços, de mínima infraestrutura – evidencia intenções modernizadoras da administração local. Estas intenções expressavam o compasso das transformações socioeconômicas pelas quais a Província atravessava, com a valorização da agricultura e do comércio, em especial, o comércio de algodão.

Diante do que já foi exposto, mostraremos o Iguatu que se industrializa enquanto Fortaleza possui uma evolução da indústria têxtil em duas etapas, que a pesquisadora Margarida Andrade define como: 1880-1920 (tentativas iniciais) e 1920-1945 (período de consolidação.) Já Iguatu irá possuir as indústrias de beneficiamento de algodão de 1910-1930 (as pioneiras) e de 1930-1965 (as modernas, atingindo uma certa consolidação).

3.2- As indústrias de beneficiamento de algodão de 1910 a 1930

Em 05 de novembro de 1910, foi inaugurada a Estação de Iguatu com posição quilométrica de 413,483 em relação à Central. A linha férrea adentrava o Distrito de Suassurana, vinda de Afonso Pena em Acopiara (antiga Lages) e alcançava o subúrbio da cidade de Iguatu. Na época, a distância entre a Estação e a Igreja Matriz Nossa Senhora Santana era, mais ou menos, uns 550m. Nogueira aponta o que significou economicamente a chegada a via férrea para o Iguatu.

Se Iguatu, antes de ser servido pela estrada de ferro, já possuía no plano econômico, uma situação superior à da maioria das cidades do alto sertão cearense, depois disso passou a centralizar, nesse setor, várias atividades de uma extensa área do interior. Icó, por exemplo, muito mais antigo, famoso durante o decorrer do século XIX, decaiu a olhos vistos, cedendo lugar à antiga povoação e depois Vila da Telha que, no final, já estivera por muito tempo na sua esfera administrativa (NOGUEIRA, 1962, p. 159).

Em artigo do Instituto do Ceará denominado "O centenário do Dr. Alerano Barros", Luiz Barros nos relata como seu pai, que foi juiz municipal de Iguatu de 1905 a 1915, descreve as transformações iniciais com a chegada da estação ferroviária:

A respeito das mudanças operadas em Iguatu por este magno acontecimento, diz meu pai: “Com a chegada da estrada de ferro, Iguatu sofreu profundas transformações, foram construídas muitas casas novas. O capão do mato, atrás do cemitério, em que, numa manhã eu, Belisário e o Dr.Brandi, batemos a primeira estaca da estação, ficou transformada em uma grande praça de casas alinhadas. Fez-se um cemitério novo. À rua do comércio chegou até a praça da estação. Estabeleceram dois hotéis (Iguatu antes da Estrada de Ferro, não tinha nenhum). Abriu-se um cinema bem montado (pelo menos, era bem superior ao de Viçosa e Maranguape). E para que nada faltasse ao progresso de Iguatu, as caboclas Batista, abriram uma espécie de cabaret, onde havia sempre aos domingos, bebedeiras e rolos e até assassinatos.

Alcantara Nogueira, assim como os recenseamentos oficiais, confirma o crescimento de Iguatu antes e depois da chegada da linha férrea. A tabela 5, abaixo, explicita crescimento demográfico de 1890 a 1920. Em 30 anos, Iguatu saía do 24º lugar para o 3º em relação ao número de habitantes dentre as cidades do Estado do Ceará em 1920.

1890	1900	1920
CIDADE / HABITANTES	CIDADE / HABITANTES	CIDADE / HABITANTES
1º-Fortaleza 40902	1º-Fortaleza 48369	1º-Fortaleza 78536
3º-Crato 21218	3º-Crato 30321	2º-Sobral 39003
6º-Sobral 18991	5º-Sobral 23578	3º-Iguatu 32406
22º-Icó 12109	8º-Iguatu 19681	5º-Crato 29774
24º-Iguatu 11055	11º-Icó 14864	22º-Icó 19209

Tabela 02: Recenseamento demográfico IBGE

Fonte: IBGE, Tabela de autoria Lúcia Teles, 2020.



Figura 09: Boulevard DR. João Pessoa- (Via direta da Estação ao Quadro)

Fonte: Museu da imagem do som de Iguatu – tratados por Lúcia Teles 2021.

A organização do espaço promovida pelo poder público passou a adotar e orientar a localização de instituições para fora das áreas centrais da cidade. Conforme o higienismo, abordavam sobretudo com a preocupação na circulação da água e do ar, como os principais elementos que poderiam comprometer a saúde pública. Na lógica higienista, foram construídas novas edificações – como o matadouro e um novo cemitério, como anteriormente exprimimos. Os códigos de posturas, dentre outros aspectos, legislavam sobre a retiradas de animais soltos nas ruas, obrigando a criação a certa distância (NOGUEIRA, 1985).

Segundo o Relatório do Ministério de Obras públicas de 1912, na cidade de Iguatu foram construídos três poços. O primeiro, na praça da Matriz¹⁸, iniciado e terminado em agosto de 1912. Associado a este poço foram instalados na mesma praça um moinho de vento e um reservatório para chafariz. Na praça da Estação¹⁹, o segundo poço. Ele foi iniciado em 24 de agosto

¹⁸ Construção do Poço da Matriz: Profundidade 85m, Revestimento 60m, Altura da coluna d'água 15m, Vasão 4.000 litros por hora, diâmetro interno 6 polegadas, Camadas atravessadas: areia, 2m; argila, 83m. Fundações do moinho e reservatório: alvenaria de tijolo com argamassa, 1 de cimento, 2 de cal e 5 de areia 2m³,920. Chafariz: alvenaria igual a precedente, 1m³, 152. Reboco com argamassa de 1 de cimento e 2 de areia, 5m²,92. Ladrilho revestido com argamassa de 1 de cimento e 2 de areia, 32",0. Custo da perfuração 1:060\$500, Moinho de vento 1:274\$000. Relatório do Ministério de Obras públicas de 1912 (p. 168)

¹⁹ Construção do Poço da Estação: Profundidade 63m, Revestimento 8m, Altura da coluna d'água 7m. O primeiro lençol, imprestável, foi encontrado a profundidade de 18 metros. Vasão 4.000 litros por hora, Camadas atravessadas: areia, 14m; argila, 11m, rocha decomposta 32 m; rocha compactada 6m; Custo, 892\$500. Relatório do Ministério de Obras públicas de 1912 (p. 168)

1912 concluído a 15 de setembro 1912. O terceiro poço na praça General Tiburcio²⁰, iniciado a 3 e terminado a 26 de setembro, contemplando grandes obras de saneamento.

Segue abaixo imagem do Album da Terra Cearense 1925, contendo na imagem o Moinho de vento da Praça da Matriz.

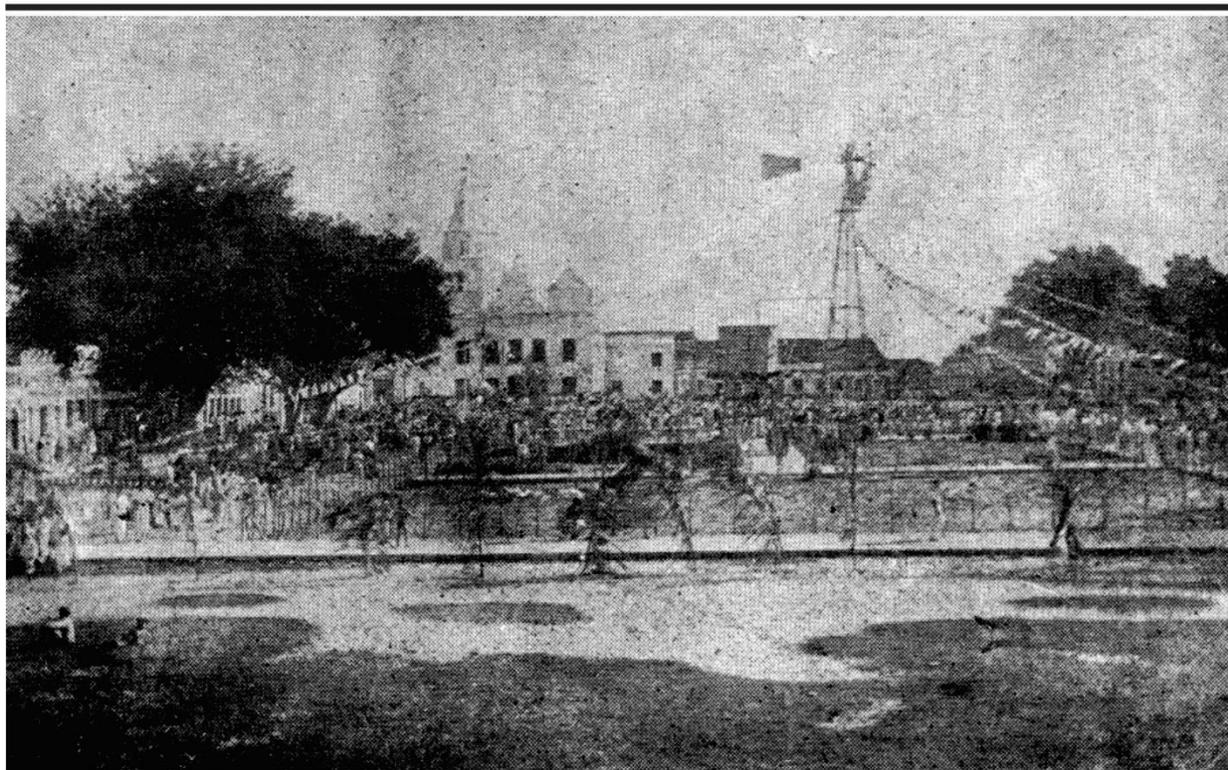


Figura 10: Praça da Matriz, vista do chafariz com moinho de vento

Fonte: Álbum Terra Cearense, 1925.

No setor da instrução particular, seguem: escola fundada pela União Artística Iguatuense – a Escola Proletária, Colégio 7 de setembro, Colégio Sagrado Coração, Colégio Santa Inês, a Associação Comercial de Iguatu criou a Escola de Comércio e uma escola primária de Antonio Batista Chaves e de Fani Cavalcante fora da cidade (NOGUEIRA, 1985).

Em 1925, Hugo Vitor descreve a cidade, contrastando em tudo com a antiga:

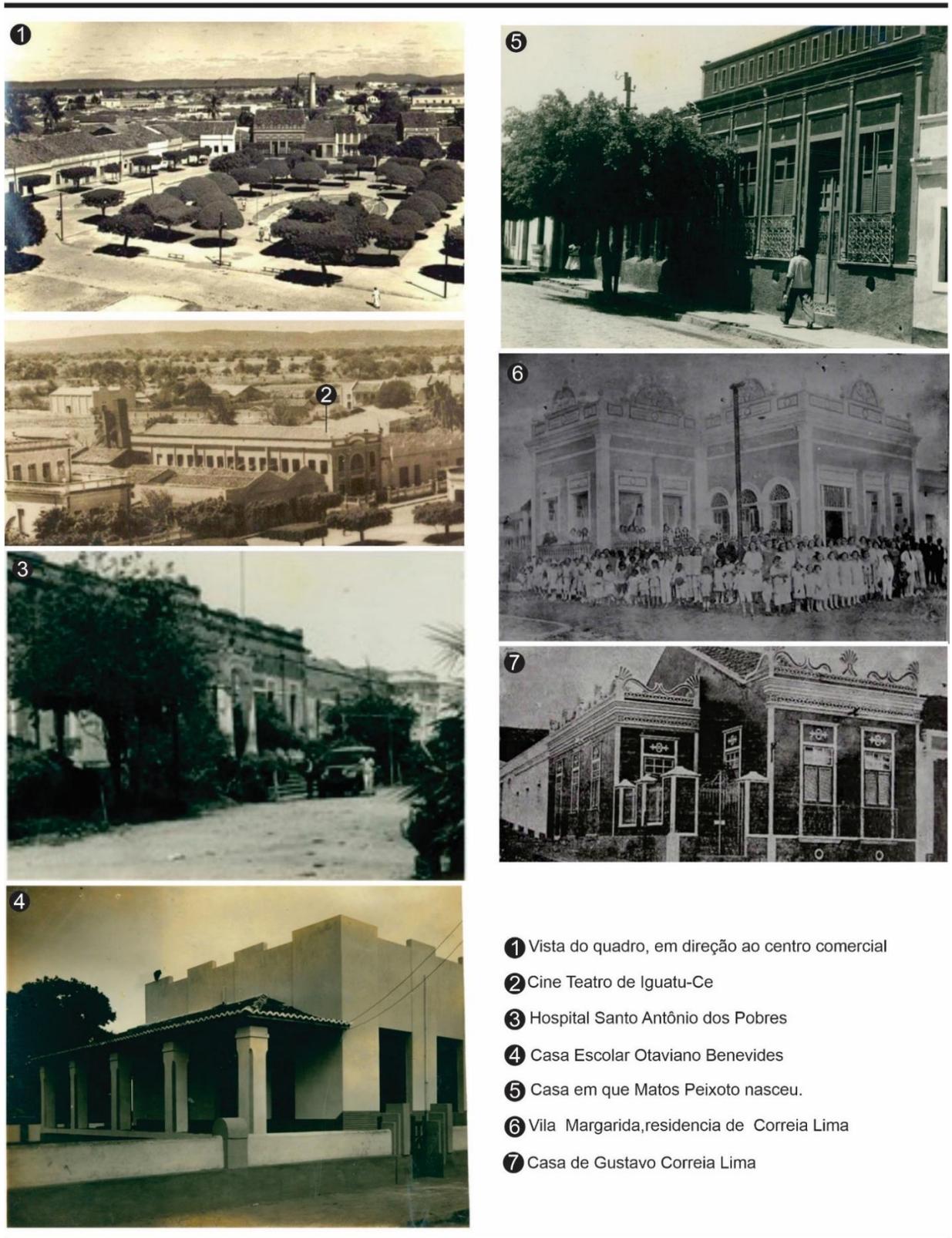
²⁰ Construção do Poço da General Tiburcio: profundidade 63m, revestimento 17m, Altura da coluna d'água 10m, vazão 3.000 litros por hora, diâmetro interno 5 1/2 polegadas, camadas atravessadas: areia, 2m; argila, 61m; custo, 1:528\$000. Relatório do Ministério de Obras Públicas de 1912 (p. 169)

A moderna construção de Iguatu, contrasta em tudo com a antiga, de prédios grosseiros e acachapados. Contam-se hoje, por exemplo, majestosos e belos edifícios, como o palacete Benevides (o primeiro em majestade e arquitetura), os dos srs. Gustavo Correia e Virgílio Correia, Grupo Escolar, Matriz, Cinema, União Artística, as residências do Dr. Batista de Oliveira, Pedro Gomes de Araújo, Câmara Municipal, os sobrados Montenegro e Collares, os chalés dos srs. Alfredo Barreto e Teófilo Hamdan e a residência do Sr. Sófocles Lima Verde, em construção (VICTOR, 1925).

A descrição de Hugo Vitor nos apresenta edifícios públicos e as residências da elite econômica e política local. É possível conjecturar que tais edificações tinham como referência construções ecléticas de Fortaleza, mesmo que algumas fossem uma adequação da casa colonial de sótão e fachada compreendendo todo o lote, “de frente para a rua”. Distante de outras conformações da implantação ao lote como a casa com afastamento em um dos lados, melhorando as condições higiênicas²¹ com iluminação e ventilação, depois seguiram afastamentos a vias públicas e a casa do tipo palacete Elvira do Cel. Benevides. Essas características encontram similitudes em outras regiões do Brasil, como bem nos mostra Nestor Goulart em seu livro **Quadro da arquitetura no Brasil**, analisando a relação lote e construção.

Essa tendência obteria quase completa generalidade, nas casas construídas após a liberação dos escravos e a proclamação da República. A mudança, porém, não ocorreu de um só golpe, mas em processo lento. As experiências sucessivas iriam confirmando as vantagens de conservar porções sempre maiores de espaços externos entre os limites dos lotes e os edifícios (p. 48 e 49).

²¹ Pompeu comenta sobre os cuidados com os quintais em Fortaleza, para serem jardins no lugar de focos de infecções com materiais fecais, águas pútridas, imundícies “que fermentavam e contaminavam o ambiente familiar com gases nocivos” (SEBASTIÃO PONTE, p. 101).



- ① Vista do quadro, em direção ao centro comercial
- ② Cine Teatro de Iguatu-Ce
- ③ Hospital Santo Antônio dos Pobres
- ④ Casa Escolar Otaviano Benevides
- ⑤ Casa em que Matos Peixoto nasceu.
- ⑥ Vila Margarida, residencia de Correia Lima
- ⑦ Casa de Gustavo Correia Lima

Figura 11: Algumas edificações 1910 a 1930.

Fonte: Museu de Iguatu, IBGE, Album Terra Cearense - 1925, Montagem Lúcia Teles, 2021.

Na casa do Coronel Octaviano Benevides, denominada de “palacete”, observa-se a volumetria eclética, além da implantação solta aos limites do terreno. A residência sediou “baile” por ocasião do primeiro Congresso algodoeiro do Ceará – Fênix Caixeiral, que foi realizado no Iguatu. O fato do Iguatu sediar o congresso e do baile acontecer na casa do Coronel Benevides reverbera a importância da cidade como centro produtor e distribuidor de algodão no centro sul do Estado, assim como o papel da elite local em meio às transações comerciais de algodão. Segundo o jornal **A Ordem**, em 4 de novembro de 1926:

O trem especial conduzindo os congressistas sobralenses, fortalezenses representante Presidente do Estado, imprensa e mais autoridades partiu ontem, às cinco horas da manhã de Fortaleza, chegando a esta cidade às 21h, sendo recebidos na estação daqui por compacta multidão. O trem especial fora composto por sete vagões sendo dois de leitos e um restaurante. Hoje a noite será instalado o Congresso Caixeiral no confortável edifício do Teatro.

Os congressistas visitaram conjuntamente a usina de algodão e óleos de Trajano Viriato de Medeiros, a usina elétrica, o grupo escolar, hospital Sant'Antônio e Associação Comercial.

Iguatu, 31 – Ontem às 19h foi instalado solenemente o Congresso Caixeiral sob a presidência do dr Jonas Miranda, representante do Desembargador Moreira da Rocha, tendo comparecida a elite iguatense lendo aplaudidos discursos. Depois da sessão do congresso teve início um baile no rico palacete do coronel Octaviano Benevides.”

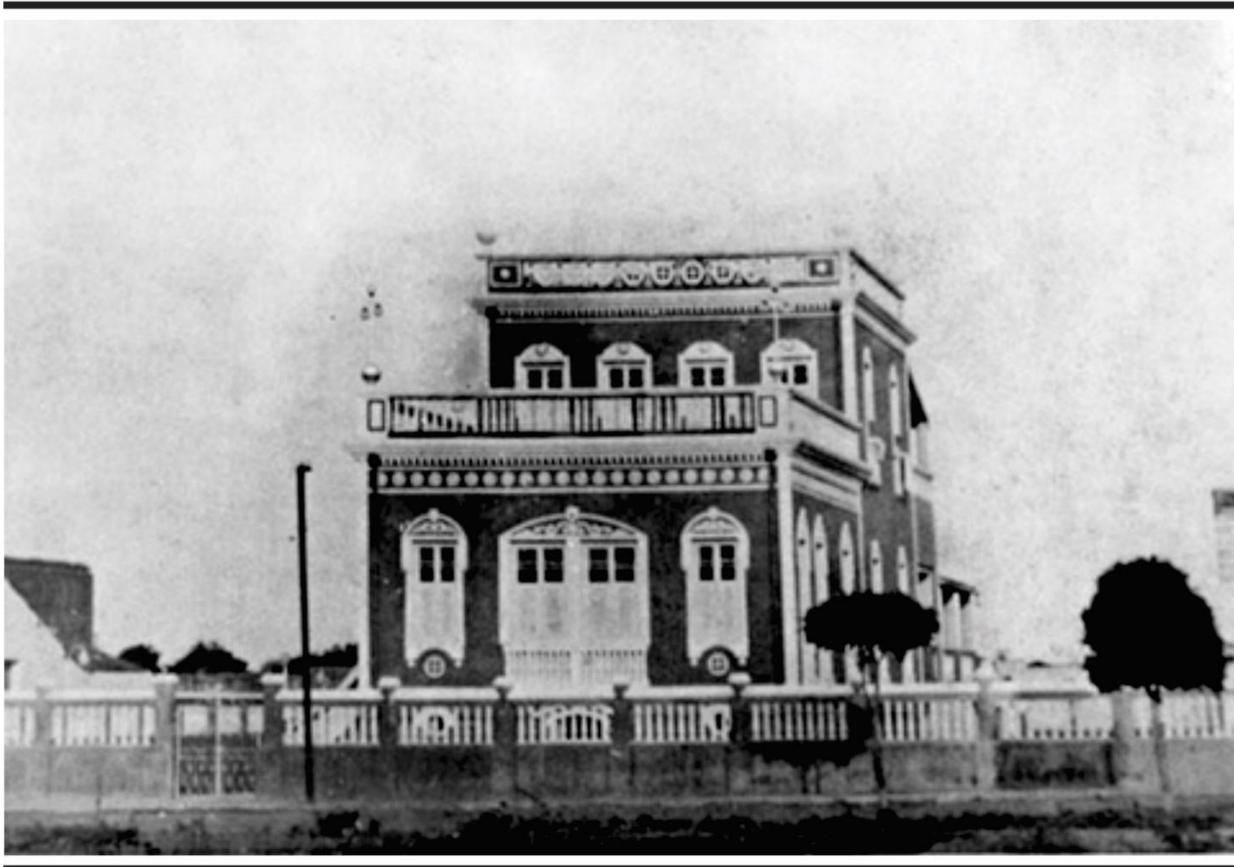


Figura 12: Palacete Elvira, de Otaviano Benevides.

Fonte: Livro o conciso inventário do patrimônio histórico e artístico de Iguatu (2011)

Enquanto as belas construções vão sendo edificadas na área mais nobre de Iguatu, os operários faziam suas casas como podiam, geralmente afastadas do quadro. Perto da linha férrea, área de subúrbio ou próximo ao Rio Jaguaribe, como veremos posteriormente. Ao contrário das casas ecléticas da elite, a moradia operária era feita com sistemas construtivos e materiais mais rústicos, como a taipa.

Tratando as vilas operárias em Fortaleza, a arquiteta e professora Margarida Andrade (1990) levanta a possibilidade de entrada dos industriais de Fortaleza no mercado imobiliário com cobrança de aluguéis, também a exploração de serviços básicos como energia e gás. Segundo a autora, na capital do Ceará, a partir de 1920, foi dado início à construção de vilas operárias, vilas de aluguel, que caracterizavam modalidades de habitação proletária.

No Iguatu, as vilas feitas por empresas só irão aparecer no final da década de 1930. Já as casas de aluguel aparecem no final da década de 1910, como empreendimento da família Correia Lima. Segundo o Álbum da Terra Cearense, de 1925, esta família diversificava seu capital como industriais, comerciantes e também detentora de serviços básicos como a Empresa de energia – esta empresa era “indiscutivelmente” uma das melhores do interior.

Os industriais e outros capitalistas diversificaram com Estabelecimentos de Crédito. O crescimento econômico da cidade pode ser observado pela diversidade de Estabelecimentos de Crédito de propriedade de industriais e outros capitalistas. Segundo Hugo Victor (1925), boa parte desses estabelecimentos obtinha cobranças de outras localidades próximas a Iguatu, e a Bank of London and South America que adentrava a Paraíba, capitalizando ainda mais o seu agente Benevides. Hugo Victor acrescenta que, em 20 de junho de 1925, a Caixa Rural²² foi fundada. Existia ainda o Banco do Brasil, subagência a cargo de Lima Verde e Irmão; o Bank of London and South America, agente Alencar Benevides; a Seção Bancária Frota & Gentil, agente Braz Papaléo; e os Bancos dos Importadores, cobrança de Lima Verde & Irmão.

O período de 1910-1930 foi a fase pioneira nas fábricas, tendo por conhecimento da primeira máquina de beneficiar algodão em Iguatu. Nas palavras de Hugo Victor (1925, p. 75):

Foi a primeira máquina a vapor instalada na cidade, dela já fazendo menção, em 1913, o serviço de Inspeção e Defesa Agrícola, do Ministério da Agricultura, com uma descaroadadeira e enfardadeira (prensa manual)

Na composição da paisagem, ganha a fábrica aspectos de relevância dentro da organização espacial, tanto na esfera horizontal, devido as suas grandes dimensões, como com os seu aporte de signo industrial, tendo como a chaminé o sentido oposto na verticalização, contudo, essa localidade começava a perder as características rurais e ganhava, então, aparência industrial.

No Iguatu, o surto progressista evidencia-se com o aparecimento de fábricas de descarocar algodão. Foram quatro estabelecimentos em 1916 e nove estabelecimentos em 1920, segundo informações obtidas do Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) – 1910 a 1930:

²² Segundo Hugo Victor, é a primeira Caixa Rural fundada no Estado, por iniciativa do deputado César Magalhães, quando de sua viagem ao Nordeste em propaganda nacionalista (p. 63).

REFERÊNCIA	PROPRIETÁRIOS DAS FÁBRICAS DE BENEFICIAMENTO
ALMANAK LAEMMERT 1916 A 1918	AGOSTINHO TAVARES ROMEIRO
	JOSÉ FERREIRA PINTO
	JOSÉ GLADSTON DE CAVALCANTI
	JOSÉ HELVÉCIO TEIXEIRA
ALMANAK LAEMMERT 1919 A 1930	ANTONIO JOSÉ DE OLIVEIRA
	JOSÉ ALVES DE OLIVEIRA
	JOSÉ GLADSTON DE CAVALCANTI
	JOSÉ MOREIRA DE MELO
	JOSÉ RAYMUNDO DE MELO
	ALFREDO LAFAYETE TEIXEIRA E IRMÃO
	JOSÉ FERREIRA PINTO DE MENDONÇA E FILHO
	THEOPHILO GURGEL
	VIÚVA ROMEIRO E MELLO
	CIDAO- TRAJANO DE MEDEIROS

Tabela 03: Proprietários das Fábricas de beneficiamento de algodão em Iguatu- Ce

Fonte: Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ)- 1910 A 1930, produzida por Lúcia Teles.

Naquela época, de 1921 a 1930, a CIDAO não terá vila operária, só posteriormente, obedecendo os critérios das leis do Município e recebendo incentivos fiscais, numa troca para diminuição do déficit habitacional.

As vilas em Iguatu eram para classe média, operários especializados ou que compunham de ofícios necessários para manutenção da indústria.

Exceto a CIDAO, as fábricas do Iguatu não possuíam a exclusividade para o algodão, beneficiando também o arroz, mostrando ainda a fase embrionária desses empreendimentos.

Além da primeira expansão da cidade no sentido norte e sul, os limites leste e oeste de Iguatu começaram também a se condensar.

As fábricas pioneiras situavam-se no centro da cidade, perto da praça comercial, até a chegada da linha férrea, que, por sua vez, conduziu a grande indústria de beneficiamento CIDAO para áreas de subúrbio, segundo registo do cartório desta empresa, o qual se encontra no próximo capítulo.

No sentido sul, a malha da cidade aproximou-se da linha férrea. Muitos depósitos e galpões foram construídos próximos da Estação. As instituições que antes se localizavam próximo ao núcleo primeiro da cidade, agora passam para o sul, como o hospital Santo Antônio e a Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em 1924. Atrás da CIDAO e próximo ao Hospital Santo Antonio dos Pobres, casas dos operários, por iniciativa deles próprios.

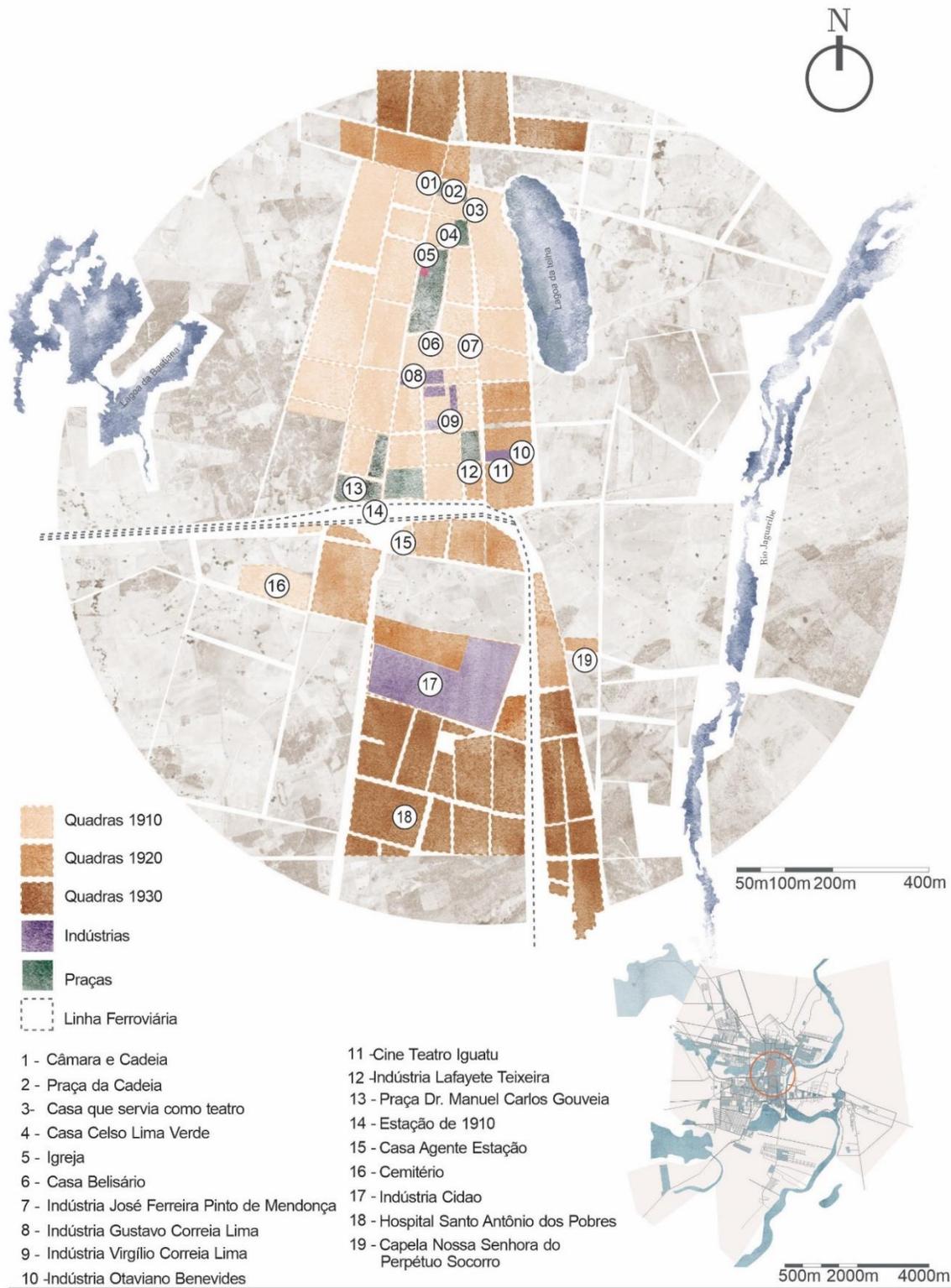
Em 1928, a Câmara mudou o nome do bairro Prado para Iracema; mas, até os dias atuais, continua-se chamando de Prado, localizado ao lado do Rio Jaguaribe e próxima à Capela de número 19 no mapa. Esse espaço foi um dos primeiros a abrigar os operários, e, posteriormente, dadas as suas dimensões, tornou-se quase um novo centro de Iguatu, com muito serviços.

Alcantara Nogueira assevera que, “de 1923 a 1929, Iguatu teve no futebol uma das suas maiores atrações populares. Diversos eram os times que viviam a disputar jogos entre si e até com representações de outros Estados. “Caixeral”, “Operários” e “Piratas””. Este sera um dos principais lazeres dos operários a esse tempo.

Esta área do Prado até a lagoa da Telha foi aterrada. A lagoa vai diminuindo com o tempo e condensando mais área urbanizável, que nas épocas das enchentes eram os primeiros espaços a alagar. O Rio Jaguaribe, como é perene, também ajustava as suas margens nas cheias e inundava casas inteiras, o que ficará mais frequente com o passar dos anos, conquanto se aterre mais as áreas da lagoa da Telha, como veremos adiante.

Abaixo, segue cartografia retrospectiva, contendo as principais transformações urbanas decorrentes da chegada da via férrea. Observa-se o crescimento da cidade na parte sul.

Na composição da paisagem, a fábrica aufere aspectos de relevância dentro da organização espacial, tanto na esfera horizontal – em razão das suas grandes dimensões – como com os seu aporte de signo industrial, tendo como a chaminé o sentido oposto na verticalização, contudo, essa localidade começava a perder as características rurais e ganhava então aparência industrial.



Mapa 06: Mapa da cidade de Iguatu-Ce de 1910 a 1930

Fonte: Reconstituição do mapa de Iguatu por Lúcia Teles e tratada por Vitor Vieira.

As indústrias de algodão, pioneiras, obtinham arquitetura em uma monotonia humilde, ritmada apenas com as esquadrias, em filas intermináveis que ocupavam quase todo um quarteirão. Conforme veremos, algumas delas eram apenas uma espécie de abrigo das máquinas.

Geralmente destituídas de elementos ornamentais, eram produzidas com simplicidade e solidez, ao tocante econômico de construção. Consiste, ainda, a observação do aspecto **utilitário** da edificação fabril (RUFINONI, 2013). Questões de “ordem estéticas estavam subordinados às de ordem técnica.” (RUFINONI, 2013, p. 130).

Assim, a unidade fabril pioneira teve como referência as indústrias da capital, onde foram recolhidas as informações para seu planejamento e construção. Estas edificações eram instaladas nos locais onde viviam seus investidores com baixo nível de mecanização e situavam no Centro (principal praça comercial até hoje). A chegada das centrais, porém – usinas de beneficiamento de algodão, como a (Companhia Industrial de Algodão e Óleos) CIDAIO²³. De tão inovadora e moderna, a CIDAIO irá se tornar partido para inspiração, invertendo a origem do procedimento estrutural interior-capital.

Enquanto isso, as primeiras fábricas originaram-se de capital familiar e/ou amigos, ligados à economia agrária. Posteriormente, iniciam as primeiras instituições de crédito. Alguns agentes financeiros formaram associações com as casas exportadoras da Capital. No espaço urbano, simbolicamente, a fábrica pioneira constituiu uma relação de “urbanicidade” com a praça, características da história desta sociedade.

Algumas destas fábricas foram registradas por Hugo Victor (1925). O Álbum da Terra Cearense, de 1925, também registrou com fotografias raras o comércio, de “cearenses ilustres” e estrutura econômica prevalente.

²³ Dentre os edifícios industriais que se instalaram em Iguatu, destaca-se a CIDAIO²³ como conjunto de grande interesse arquitetônico, tendo galpões industriais significativos, vilas operárias e escola. Faz-se instigante o domínio de conhecimento destes espaços para adaptação de novos usos não invasivos, já que partes dessas edificações já foram reutilizadas ou demolidas.

1 FÁBRICA BENEVIDES
PROPRIETÁRIO: ALENCAR BENEVIDES

OCUPAVA ÁREA DE 20.000 PALMOS

PRODUÇÃO DIÁRIA ERA DE 25 FARDOS DE 140KG
 MAQUINÁRIO:
 1 MOTOR LOCOMÓVEL DE 45HP
 1 DESCAROÇADEIRA MARCA ÁGUIA COM 70 SERRAS
 1 DITA LIDGERWOOD LIMITED , 70 SERRAS
 1 ESTEIRA CONDUTORA DE 24 METROS
 1 LIMPADORA ÁGUIA
 1 PRENSA HIDRÁULICA DA CONTINENTAL



2 FÁBRICA BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO
PROPRIETÁRIA: JOSÉ F. PINTO

LOCALIZADA À RUA 13 DE MAIO

1ª MÁQUINA A VAPOR DA CIDADE EM 1913
 MAQUINÁRIO:
 1 DESCAROÇADEIRA
 1 ENFADADEIRA (PRENSA MANUAL)



MAPA LOCALIZAÇÃO

3 FÁBRICA SÃO JOSÉ
PROPRIETÁRIO: ALFREDO LAFAYETE

ÁREA OCUPADA DE 14.300 PALMOS

CONTAVA COM 1 SEÇÃO DE ALGODÃO, COM PRODUÇÃO DIÁRIA DE 10 FARDOS DE 50KG:
 MAQUINÁRIO:
 1 MOTOR VERTICAL 25HP
 1 DESCAROÇADEIRA DE 60 SERRAS, 12 POLAGADAS MARCA EAGLE
 1 LIMPADORA
 1 PRENSA MANUAL DE MADEIRA



Figura 13: Fábricas de beneficiamento de algodão em Iguatú- CE de 1910 a 1930

Fonte: Livro de Hugo Victor e Album Terra Cearense- 1925\ autoria Lúcia Teles, 2021.

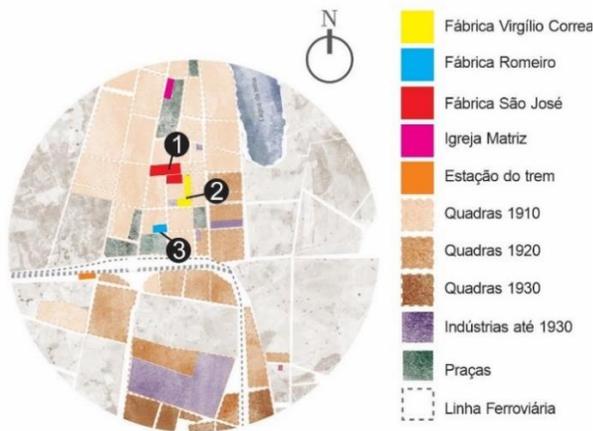
1 FÁBRICA VITÓRIA
PROPRIETÁRIO: GUSTAVO CORREIA LIMA

OCUPAVA ÁREA DE 18.000 PALMOS

PRODUÇÃO DIÁRIA DE 25 FARDOS DE 140KG POR DIA

MAQUINÁRIO:

- 2 DESCAROÇADORES AMERICANOS DE 70 SERRAS CADA.
- 1 LIMPADORA AMERICANA
- 1 PRENSA HIDRÁULICA DA CONTINENTAL COMPANY (modificada)



MAPA LOCALIZAÇÃO

50m 100m 200m 400m

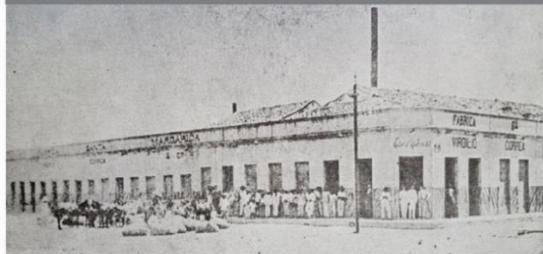
2 FÁBRICA MARGARIDA
PROPRIETÁRIO: VIRGÍLIO CORREIA LIMA

SITUADA NA RUA EPITÁCIO PESSOA, Nº66 E 70 E RUA NOVA Nº48 E 70

PRODUÇÃO DIÁRIA DE 2.080 KG

MAQUINÁRIO :

- 1 MOTOR INGLÊS DE 50HP
- 1 CALDEIRA INGLESA DE 50 HP
- 2 DESCAROÇADEIRAS COM 120 SERRAS, 12 POLEGADAS
- 1 LIMPADORA ÁGUIA, COM CAPACIDADE DE 3 MÁQUINAS
- 1 PRENSA HIDRÁULICA



3 FÁBRICA ROMEIRO
PROPRIETÁRIA: VIÚVA ROMEIRO

LOCALIZADA À PRAÇA FRANCISCO SÁ

CONTAVA COM 1 SEÇÃO DE ALGODÃO, COM PRODUÇÃO DIÁRIA DE 10 FARDOS DE 50KG:

MAQUINÁRIO:

- 1 MOTOR A QUEROSENE 12HP
- 1 DESCAROÇADEIRA DE 50 SERRAS, 12 POLEGADAS MARCA ÁGUIA
- 1 PRENSA MANUAL DE MADEIRA



FÁBRICAS FORA DA CIDADE:

4 FÁBRICA SÃO GERALDO
PROPRIETÁRIA: HELVECIO TEIXEIRA

LOCALIZADA NA VAZINHA

A INDÚSTRIA POSSUÍA TANTO ALGODÃO QUE MUDARAM A CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE FERRO FORTALEZA-CRATO

MAQUINÁRIO:

- 1 MOTOR INGLÊS, VERTICAL, DE 20HP
- 1 CALDEIRA DE MÉDIA COMPRESSÃO, 40HP
- 1 DESCAROÇADEIRA DE 50 SERRAS, POR 12 POLEGADAS
- 1 PRENSA MANUAL DE MADEIRA
- 1 MOTOR DE 1 1/2 HP, QUE ACIONA A BOMBA DE ÁGUA DO POÇO

5 FÁBRICA: BOM JESUS
PROPRIETÁRIA: VICENTE ALVES

LOCALIZADA EM SUASSURANA

6 FÁBRICA: SÍTIO GARROTA
PROPRIETÁRIA: ANTÔNIO SIMPLICIO

LOCALIZADA HOJE FAZ PARTE DA CIDADE DE QUIXELO

Figura 14: Fábricas de beneficiamento de algodão em Iguatu- Ce de 1910 a 1930

Fonte: Livro de Hugo Vitor- 1925- (p. 76 e 77) e Jornal O Cruzeiro-1941

Das imagens, apenas a Fábrica Benevides possui fotografia dos seus operários. Observamos, dentre eles, crianças e mulheres aferindo mão de obra “dispendiosa e domesticada”²⁴. São pouquíssimas as referências sobre os trabalhadores fabris no Iguatu. Na maioria das vezes, fazem para perpetuar as glórias e importância dos donos das fábricas como essa notícia no jornal **O Imparcial CE**, de 1927, acerca do aconselhamento do industrial Octaviano Benevides a mandar matar o telegrafista Paulo Brasil²⁵:

Octaviano Benevides não mantém cangaceiro. Proprietário da maior fábrica do município, mantém em trabalho honesto e diário cerca de cinquenta operários. Tão importante é o movimento comercial que, enquanto as demais fábricas estão paradas, a de Octaviano tem algodão para beneficiar todo mez vindouro.

Outro importante destaque é a queda da bolsa, em 1929, em conjunto com as novas indústrias de monopólio de algodão, que acaba por nos ajudar a constatar que, durante este processo, as indústrias pioneiras ou as menores serão engolidas e desestimuladas. Esse controle maior e de poder sobre o mercado vai angariar uma redução nas oportunidades de empregos, assim como uma relação de salário ínfimo ao trabalhador que padece por uma economia voltada ao exterior (LIMA, 2011).

Para além disso, ainda sobre o monopólio e a primeira Usina Central do Ceará, temos que, no fim da década de 1910, a crescente demanda do mercado internacional pelo algodão brasileiro e seus derivados desperta o interesse do governo federal em investir na criação de centrais de beneficiamento do algodão no nordeste brasileiro, região que se destacava no volume de produção. Como anteriormente expressamos, o Ceará seria responsável pela instalação de duas usinas, uma em Iguatu e outra no Município de Sobral. Também já mencionamos que autor do projeto era o Dr. Trajano Sabóia Viriato de Medeiros, sobralense, que já era proprietário de indústrias. Em 21 de março de 1921, constituía-se a sociedade anônima "Companhia Industrial de Algodão e Óleos" – CIDAO – com sede no Recife (inicialmente a sede era Rio de Janeiro).

Segundo Almeida (1989), no contrato celebrado entre os sócios e o governo federal, estavam previstos auxílios financeiros e isenções fiscais, além da redução de 25% do imposto de exportação, fato que gerou discussão na Associação Comercial do Ceará, prevendo uma

²⁴ Afirmações sobre trabalho infantil e feminino dentro das fabricas (RAGO, 2014).

²⁵ Aparecem muitas notícias em jornal, principalmente por ser Paulo Brasil um telegrafista e enviar muitas cartas para o jornal *O Ceara*, sobre a questão política entre rabelistas e o cangaço na cidade de Iguatu.

constituição de monopólio. As usinas do Ceará seriam instaladas junto às estradas de ferro de Baturité e Sobral, para facilidade do escoamento da produção. As instalações da CIDAIO no Nordeste dividiam-se em quatro grupos:

- Fazendas modelo (seleção das sementes de algodão)
- Usinas de beneficiamento e prensa do algodão
- Fábricas de óleo
- A refinaria de óleos e preparo dos subprodutos (esta existia apenas em Recife)

Era um conjunto completo que aportava na qualidade da produção, desde a análise de sementes à fibra exportada. O domínio a respeito do monopólio é visto na dimensão territorial. Vejamos outros locais escolhidos para receber instalações da CIDAIO: quatro cidades no Pernambuco (Garanhuns, São Caetano, Limoeiro e Recife), duas cidades na Paraíba (Vila Sapê e Souza) e uma cidade no Rio Grande do Norte (Nova Cruz). (*Revista de Arquitetura do Brasil*, 1921)

As edificações da indústria algodoeira, em Iguatu, foram todas marcadamente para beneficiamento de algodão e óleo. Sobre a elaboração arquitetônica da indústria de maior porte, a CIDAIO, nos revela a Mensagem do Governador enviada por Trajano em 1917, pedindo para instalar as centrais no Nordeste Brasileiro, deixando claro o estudo de 10 anos, que foi para os Estados Unidos – Texas estudar a arquitetura e maquinário (MENSAGEM DO GOVERNADOR, 1918)

Segue que, em 1902, a *British Cotton Growing Association* veio explorar nossas terras e incentivou o cultivo do algodão do Nordeste já conhecido. O interesse era na rama do algodão, que faz parte de um dos produtos de beneficiamento. Durante muitos anos, os incentivos estavam associados à escolha certa da semente, para ter fibra de qualidade.

Isso era possível observar em algumas exposições internacionais do fim século XIX e início do XX – como a de Chicago, 1893 (SOUZA BRASIL, 1893) – em que o algodão do Ceará foi apresentado. Na de Chicago, o algodão cearense foi reputado de má qualidade. O episódio fez "abrir" os olhos dos nossos representantes e esteve em pauta na Câmara, como a apresentação do deputado federal Ildefonso Albano, que virou prefácio do livro *A Crise do Algodão* (1915). Neste livro, Ildefonso Albano dá ligeiras pinceladas de ter havido um congresso algodoeiro e de estar

com o mesmo pensamento de Trajano de Medeiros em construir as centrais (Albano, 1915). Em 1918, a Mensagem ao Governador João Tomé de Sabóia e Silva relata o pedido de Trajano de Medeiros solicitando a construção das centrais em 1917. Com a demora do processo de aprovação nos estados, Trajano, com persistência, conseguiu a concessão federal que impunha a aceitação nos estados e dando devido tempo para o pleiteado.

Em 1921, a *Revista de Arquitetura Brasileira* expunha as realizações da época, pondo em destaque para as indústrias de beneficiamento de algodão no Nordeste – CIDAO (FIGURA XX). Após a apresentação feita das edificações pioneiras no Brasil, Arno Pearse diz não conhecer espaços dessa magnitude (*Revista de Architectura no Brasil*, de 1921).

1 INDÚSTRIA CIDAO
PROPRIETÁRIO: TRAJANO DE MEDEIROS

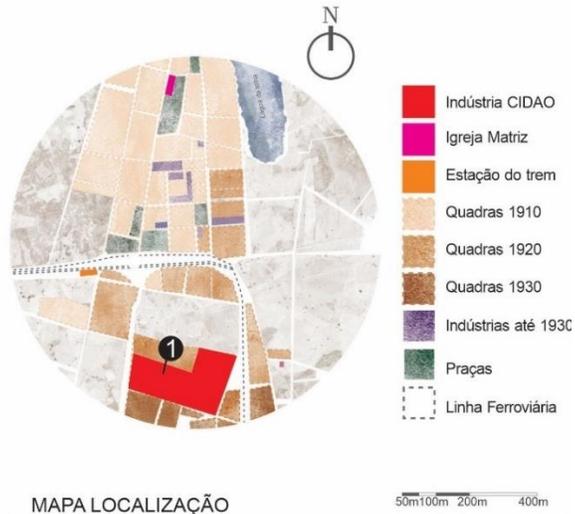
OCUPAVA ÁREA DE 100 POR 200 METROS OU HECTARES

MAQUINÁRIO DA SEÇÃO DE DESCAROÇAMENTO, EM 1925:

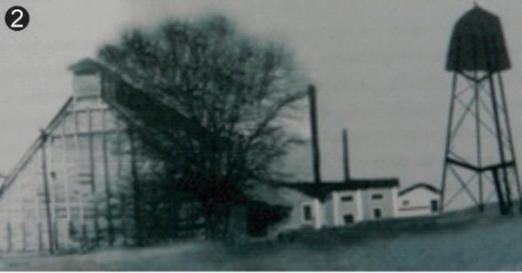
- SALA DA CALDEIRA, COM 1 MÁQUINA DE 125 HP
- SALA DE MOTOR, COM 1 MÁQUINA DE 75 HP
- SALA DE PRENSA, COM 1 MÁQUINA HIDRÁULICA TIPO LUMUS COTTON E CIA. COM PRESSÃO DE ATÉ 3000LIBRAS
- SALA DE DESCAROÇADORES: 4 MÁQUINAS DE 70 SERRAS CADA, TIPO LUMUS COTTON E CIA.
- CAPACIDADE: 4 FARDOS DE 180 KG POR HORA.

MAQUINÁRIO DA SEÇÃO DA FÁBRICA DE ÓLEO, EM 1925:

- CASA SEMENTES: DEPÓSITO DE CAROÇO DE ALGODÃO
- SALA DO LINTER, COM 6 MÁQUINAS QUE EXTRAEM A PENUGEM DO CAROÇO, APÓS RETIRADA DA PLUMA
- SALA DO DESCAROÇADOR: 1 MÁQUINA PARA DESCANSAR O CAROÇO, 1 MÁQUINA PARA SEPARAR A CASCA DA POLPA
- SALA DAS PRENSAS: 2 PRENSAS PARA ESMAGAR A POLPA, COM UMA BOMBA DE 4000 LIBRAS
- SALA DO FARELO: MOINHOS PARA TRITURAR O RESÍDUO
- SALA DO MOTOR: 1 DE 175HP, 100rpm
- SALA DA CALDEIRA: 1 MÁQUINA DE 200 HP, 102 TUBOS DE 4X18
- CAPACIDADE: 40 TONELADAS EM 24H



MAPA LOCALIZAÇÃO



- 2** Década de 20(foto reconstruída)- Texeira 2007
- 3** Chaminés e muro da CIDAO- Livro de Farias 2011
- 4** Corpo fábrica de óleo de Iguatú - Revista industriais FIEC
- 5** Vista parcial da Fábrica de Iguatú - Revista industriais FIEC



Figura15: Companhia Industrial de Algodão e Óleos- CIDAO

Fonte: Texeira – 2007, Farias- 2011, Revista dos industriais- FIEC/ Tratamento - Lúcia Teles, 2021.

3.3 Evolução da Cidade desde as Fábricas Modernas – 1930-1965

Em plena Revolução de 1930, apesar de Iguatu estar em situação melhor do que a maioria das comunas cearenses”, havia muito a ser realizado:

...Carlos de Govêa dera apenas início a resolução do problema do calçamento das ruas e praças, apesar de alguns melhoramentos introduzidos, o mercado e o açougue públicos estavam muito a desejar ; não havia um matadouro em condições; o fornecimento da água e do leite, apesar de alguma fiscalização, estava longe de obedecer às boas normas de higiene ; sei que, de 1931 a 1932, o tifo e o paratifo ceifaram muitas vidas em Iguatu e os médicos diziam que a moléstia se devia, em grande parte, à água bebida pela população; enfim, o fornecimento da iluminação elétrica era outro problema em termos de resolução bastante limitado, e assim por diante, sem considerar as necessidades dos Distritos iguatenses, que eram muitas (NOGUEIRA, 1985, p. 214).

Opositores como Otaviano Benevides, Gonçalves de Carvalho, sendo este último o adversário ferrenho de Carlos de Govêa, tinham dificuldades eleitorais m razão do Hospital de Santo Antônio dos Pobres de Iguatu, que “já produzia frutos positivos, notadamente em relação às classes mais pobres.” Sendo assim, Carlos de Govêa tinha bastante apreço pela população (p. 215)

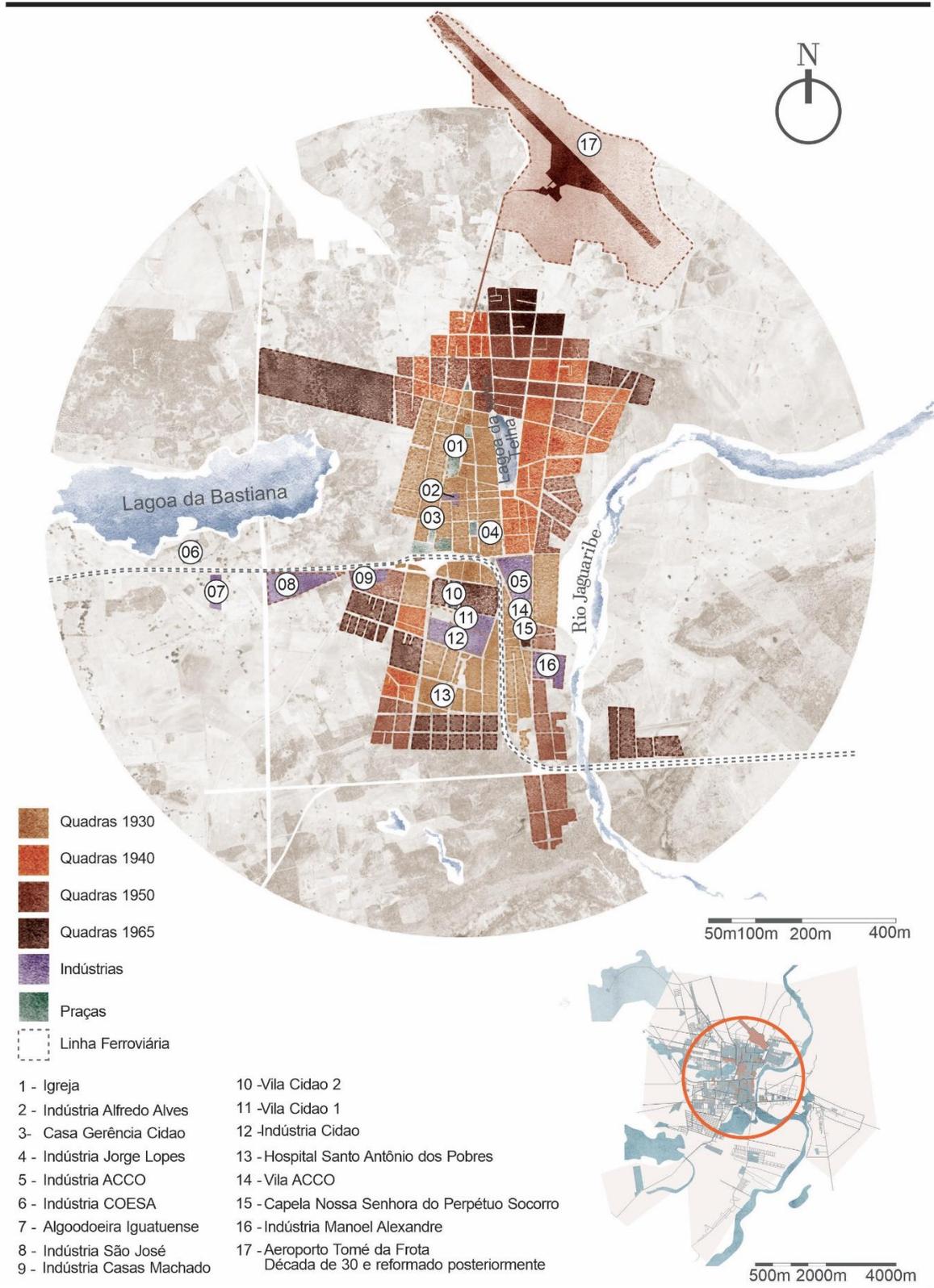
Gonçalves de Carvalho tornou-se o 8º Prefeito. Manteve a higiene da Cidade e esforçou-se para a continua vigilância da arrecadação de impostos. Construiu dois pontilhões, um sobre a Lagoa da telha para carros e pedestres e o outro pontilhão na Penha, aterro para acesso ao Quixelô, aumentou a arborização da Cidade, principalmente a do Quadro, onde promoveu uma reforma na avenida. (NOGUEIRA, 1985: 216 e 217) Assim, em 01 de março de 1940, ficou demarcada a criação da Agência do Banco do Brasil S/A em Iguatu, que, segundo Lima, Atila Menezes,

Dentre estes podemos destacar o Banco de Crédito Comercial – banco de capital local datado de 1929 -, o Banco do Brasil – inaugurado em maio de 1940 – e o Banco do Nordeste – datado de 1959. Para se ter uma idéia, a agência do Banco do Brasil de Fortaleza foi criada em 1916. De acordo com Costa Neto (2004) o Banco do Brasil possuía no ano de 1919 um total de 37 agências em todo o Brasil, passando para setenta agências no ano de 1923. Como se percebe, a presença de diversas instituições financeiras em Iguatu demonstra a importância econômica deste município na economia cearense (LIMA, 2011: 109).

Nabil Bonduki (2017) e Raquel Rolnik (2015) asseveram essa tênue ligação entre os bancos e a construção de moradias ganhando força a partir de 1930 no Brasil. Entrementes, Margarida Andrade (1990) apresenta essa década como a inicial da legislação da Capital Cearense para organização de vilas operárias e casas populares.

Em Iguatu, 1940, ganham força ações como: casas de aluguel, financiamento de construção ou compra de casas, confirmando o alinhamento entre os bancos e os investimentos imobiliários, dentre eles as construtoras. Na década de 1910, a família Correia Lima esteve à frente dos empreendimentos imobiliários. Posteriormente, as construções eram capitaneadas pelo filho de Gustavo Correia Lima, o engenheiro Wilton Correia Lima (VERDE, 2011).

Nestas construções, a fisionomia mudava, principalmente próxima à ferrovia, que obtinha uma relação com a malha urbana a partir da instalação das nascentes industriais de beneficiamento de algodão e óleos.



Mapa 07- Mapa da cidade de Iguatu-CE de 1930 a 1965

Fonte: Reconstituição do mapa de Iguatu por Lúcia Teles, imagem tratada por Vitor Vieira, 2021.

Em 1930, as novas indústrias passaram a implantar-se ao comprimento da via férrea, nos espaços ditos de subúrbio, onde se criou uma segregação do espaço bem nítida. No sentido norte, condensava a permanência da classe dominante ao quadro e adjacências. Já no sul, os arrabaldes proletariados. No mapa acima podemos observar as principais indústrias e sua localização a partir da numeração e legenda.

Como expresso anteriormente, a Lagoa da Telha, aos poucos, foi reduzida. Nas décadas de 1940/50, no espaço que ficou ao lado próximo do quadro em direção à lagoa da Telha, havia esparsas residências construídas de tijolos e com banheiro em forma de edícula fora da casa, cacimba para obtenção de água, a cozinha com copa e inicialmente com fogão a carvão, mas logo passou a ser gás. Já na Rua 13 de Maio novas casas estilo bangalô evidenciavam a formação de nova identidade da burguesia, fora do quadro.

Sobre as condições do sanitarismo, *O Democrata*, em 12 de maio 1950, contém matéria com o título: “Iguatu é o paraíso das doenças”. O artigo afirma que raras eram as casas com aparelhos sanitários.

IGUATÚ

Nossa cidade sempre foi de péssimas condições sanitárias não faltando nunca os casos de tifo, paratifo, desintéria e bexiga. Concorrem para esse clima doentio vários fatores os quais passaremos a enumerar.

FALTA DE APARELHOS SANITÁRIOS

Raríssima é a casa em Iguatu que possui aparelho sanitário e banheiro. Acontece mesmo que nem os prédios públicos como Prefeitura Municipal, Grupo Escolar, Escola Municipais e Estaduais e Cadeia Publica, possuem instalações sanitárias e muito menos agua para a limpeza e higienização indispensáveis.

Alem disso o lixo da cidade quando não é depositado no leito do rio é posto numa lagoa bem perto, concorrendo, naturalmente, para piorar o índice de higienização da cidade, Nem o mercado Publico escapa. Ali a sujeira é intensa. Nem agua existe para a limpeza. O telhado é um enorme ninho de ratos que se encarregam da prova a carne antes dos consumidores.

AS CHUVAS E A LAMA PODRE

A Lama também esta em toda parte como consequência das grandes cheias. Nos Bairros mais afastados o quadro é um só: água estagnada, mosquitos e lama podre.

AGUA

A cidade não dispõe de esgotos. A maioria dos seus habitantes compram agua retirada das cacimbas do rio que, como já dissemos, é um dos depósitos de lixo. Alem disso existe outro fato:é que o rio também é o paraíso dos urubus que ali passam o dia brincando, se alimentando e tomando banho. Eis em resumo, os fatores que determinam seja Iguatu uma cidade de nível de higiene e de saúde tão baixo.

O PREFEITO PRECISA TOMAR CONHECIMENTO DESSA SITUAÇÃO

O prefeito municipal desta cidade Dr. Mendonça Neto, que inegavelmente muito tem feito, nos outros setores se sua administração, precisa voltar as vistas para o sério problema que aqui ventilamos.

O PROBLEMA DA SAÚDE DOS SEUS MUNICIPES

E para solucioná-los, deve, inicialmente, possibilitar e exigir a construção de aparelhos sanitários, banheiros e fossas para os edifícios públicos e casas residenciais. Em segundo lugar vem o problema inadiável da construção de chafarizes capazes de solucionar o abastecimento de água da população. Atacando esses dois problemas- não temos dúvida em afirmar- estariam sendo atacadas as causas principais do nosso baixo nível de saúde.

Diante dos problemas sanitários, com fotografias da cidade no período via-se que as edificações nobres e de requinte eram construídas, enquanto a região do bairro Prado e outras que faziam parte do subúrbio eram frequentemente prejudicadas com as enchentes, como podemos ver na imagem abaixo.



Figura 16: Polarização da cidade
Fonte: IBGE, Acervo de Lucas Junior, Montagem Lúcia Teles, 2021.

No centenário da cidade, nos festejos de 23 a 25 de janeiro de 1953, houve muitas inaugurações, dentre elas: matadouro público, irrigação e uma vila operária²⁶, calçamento, quadra de esportes, aterro na lagoa da Telha (praça 5 de julho). Funcionaram também clubes como Caça e Pesca, Clube do Jumento, Clube Recreativo Iguatuense. Houve festas posteriores, nos anos de 1960, como a Exposição e a rainha do algodão (NOGUEIRA, 1985).

Com o mínimo de vilas operárias advindas da indústria, registraram-se sucessivas implantações de casas de vila para venda²⁷ ou aluguel. Já as casas próximas ao Rio Jaguaribe eram habitações precárias.

O prestígio de Carlos de Gouvêa, entretanto continuava evidente. Gonçalves de Carvalho foi exonerado e indicado para a direção do Departamento dos Negócios dos Municípios, na Capital cearense. Pouco se notou a promessa de mudanças substanciais na política. Os conchavos, fraudes eleitorais, adesões aos detentores do poder, empreguismo e assistencialismo repetiram os erros da década anterior. Continuou, pois, a exploração sobre o trabalhador, sem, entretanto, prejudicar a classe produtora, empresarial.

Semelhante, os primeiros anos de Iguatu, após a Revolução de 1930, no que concerne às atividades privadas, tiveram um surto de progresso razoavelmente animador. O algodão continuava a ser o grande produto da sua economia agrícola, com uma correspondência à altura na esfera industrial. (NOGUEIRA, 1985, p. 219).

Carlos de Gouvêa candidatou-se à Prefeitura pelos democratas após nomeação em 5 de julho de 1935. Era o comandante do PSD, getulista, adversário da União Democrática Nacional – UDN. Voltava ao Executivo Municipal pela terceira vez e com o apoio das camadas mais pobres. Ali permaneceu até 1945, passando a dirigir o Hospital de Santo Antônio dos Pobres, patrimônio iguatuense. Foi uma gestão marcada por obras estruturais, priorizando a educação e a saúde, contando com o apoio do interventor federal Menezes Pimentel.

Pouco a pouco foram funcionando as seguintes escolas – “Getúlio Vargas”, “Monsenhor Coelho”, “Duque de Caxias”, “Menezes Pimentel”, (de corte e costura), “Martins Rodrigues” (em Suçuarana), “Alberto Nepomuceno” (de música), “Carlos Gomes” (também de música, para moços), “Comandante Moreira Pequeno” (em Alencar), “Monsenhor Tabosa” (Escola Prática de Agricultura), “Carneiro de Mendonça” (em Quixelô) e “José Américo” (na Penha) (NOGUEIRA, 1985: 224).

²⁶ Espaço conhecido como Fenelândia, homenagem a Fenelon Lima.

²⁷ Não somente as empresas privadas, mas, segundo Nabil Bonduki, a esta época os IAP começaram a produzir financeiramente habitações, de sorte que o Estado passou a ser uma espécie de rentista estatal, na compra de terrenos.

A UDN elegeu os prefeitos seguintes até 1955: Mendonça Neto e Agenor Gomes de Araújo. Na gestão do primeiro, foi construído o prédio da Usina, empresa municipal de Força e Luz, uma vez que Iguatu era alvo de constantes oscilações elétricas, tarefa a que seu sucessor deu continuidade.

Também providenciou uma nova pavimentação para a cidade, além de construções de escolas e de uma barragem no Rio Truçu. Nesse aspecto, Agenor Gomes de Araújo marcou sua gestão pelas construções do Mercado Público e de uma importante barragem em Quixelô, entre os riachos Antonico e Faé. E as praças centrais passaram a contar com fiação subterrânea. Reeleito, o prefeito udenista inaugurou, em 1956, a Cooperativa de Crédito Agrícola. Muita popularidade em meio ao seu principal opositor, Carlos de Gouvêa, igualmente respeitado, e que retornou à Prefeitura em 1958.

Nos anos de 1950, durante o governo de Kubitschek, que foi de 1956 a 1961, iniciou-se o período das multinacionais e do “rodoviarismo²⁸”. Novo modelo de transporte baseado nas rodovias e no fortalecimento do automobilismo, as ferrovias adentrariam no futuro na decadência, e novos lugares de instalação das indústrias ou até mesmo retirada da linha férrea. Nova opção para o escoamento da produção algodoeira, que se sustentava em Iguatu, além da tecnologia desenvolvida em tratores agrícolas, mostra a atividade produzida por todos os setores da família.

... A atividade era exercida por mulheres, crianças, jovens e adultos. Até a década de 1960, era quase totalmente manual, ocorrendo a partir de então, através do Crédito Agrícola e Industrial – CREA138, um processo de financiamento para compra de tratores, arados, insumos agrícolas etc., que permitiram um aumento na produtividade algodoeira cearense antes de seu declínio (Lima, Átila de Menezes, 2011, p. 103 e 104).

Em 1960, o Município conseguiu uma grande safra de algodão, por volta de sete milhões de quilos, num ano cujo volume de chuvas se aproximou ao de 1924, a maior da história da região. Isso mostra que o produto sempre ofereceu a oportunidade para o sustento do homem do sertão, quer na seca, quer na estação chuvosa. Foi considerado o “ouro branco”, ajudando no progresso de Iguatu até o advento de uma praga, um bichinho chamado bicudo (*Anthonomus grandis*).

²⁸ As indústrias antes atraídas para a linha férrea, ocupam agora outras localidades, e a indústria de Inácio Parente da década de 1980, próximo ao declínio do algodão em decorrência do *bicudo*.

Assim, as modernas fábricas de beneficiamento começaram a chegar em 1950, e as mais antigas tiveram de se adaptar ao mercado. Segue a tabela contendo exemplos das indústrias na linha do tempo:

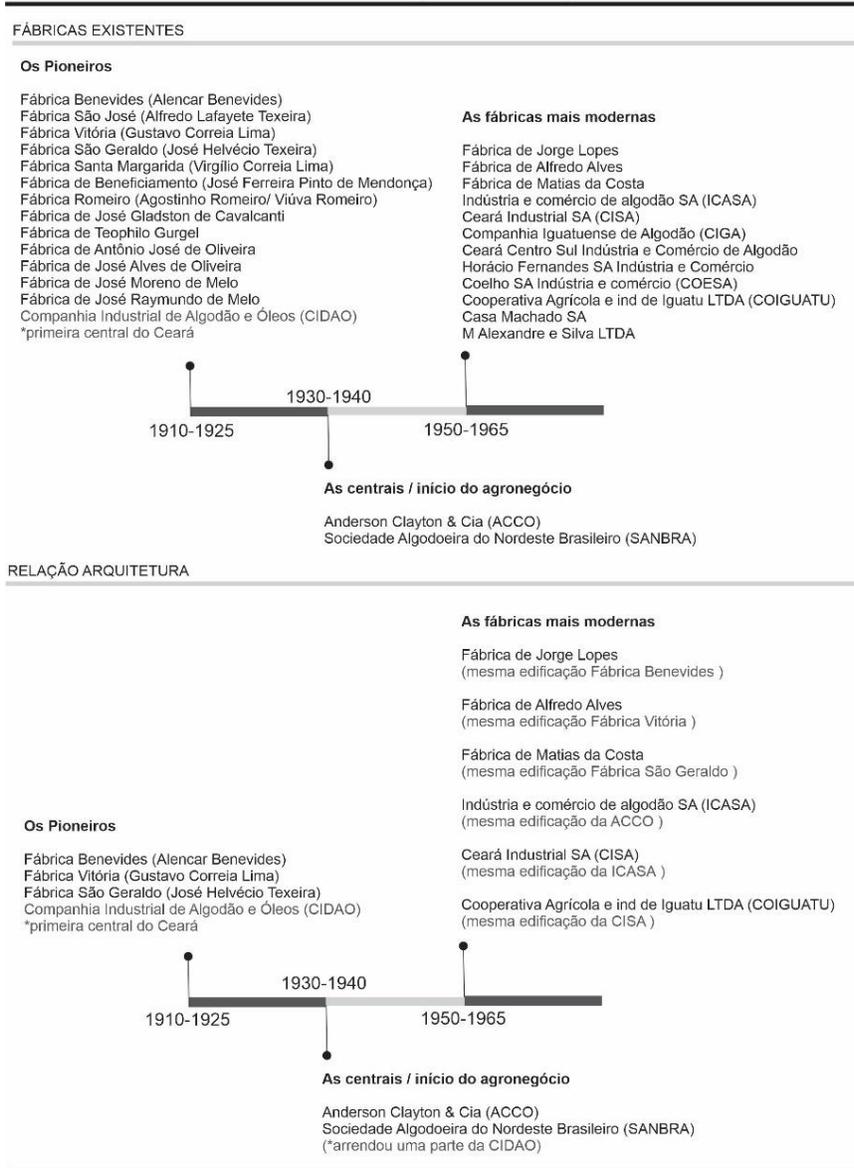


Diagrama 01: Linha do tempo das fábricas *versus* relação com a edificação

Fonte: Elaboração por Lúcia Teles 2020 e 2021.

Ainda sobre habitação, nesta época, com a ampliação das indústrias e as demandas maiores que ocorriam por temporadas, vinham trabalhadores de outras cidades, onde se alojavam nos próprios galpões de algodão (LIMA, 2011).

A partir desses galpões e dessas indústrias, nota-se que as características espaciais das áreas de indústrias de beneficiamento de algodão são dotadas de amplitude da qual almeja-se uma relativa versatilidade, adicionando-se ainda o potencial especulativo (valor imobiliário) por estarem inseridas em regiões dotadas de ampla infraestrutura. Porém, a mudança de função envolve uma avaliação criteriosa, devendo-se ponderar a integridade e historicidade das edificações, preservando valores e características da concepção original.

O reconhecimento dos edifícios e sítios industriais possuem diversidades e, por isso, é difícil pautar suas características que formam conjuntos. Esses procedimentos de reconhecimento dos valores patrimoniais “estão ganhando maior fôlego com a produção significativa de pesquisas acadêmicas” e “encontros científicos” (RUFINONI, 2013) .

Já Kuhl (2018, p. 50) evidencia que no congresso do TICCIH²⁹ de 2003, realizado na Rússia, foi aprovada a Carta Nizhny Tagil, trazendo “contribuições para evidenciar a importância de herança da industrialização, além de mencionar temas vinculados à sua preservação”. Para tanto, foram utilizados nesta Carta os princípios da Carta de Veneza.

Assim as indústrias visitadas nesta pesquisa, por possuir grandes dimensões e estarem por vezes em condições de herança, uma das formas de adaptação encontrada, foi a de aluguel de galpões. A Companhia Industrial de Algodão e Óleos – CIDAO, foi a única de fato estudada para reuso por parte de profissionais de arquitetura, e adaptada para o Centro Universitário Humberto Texeira.

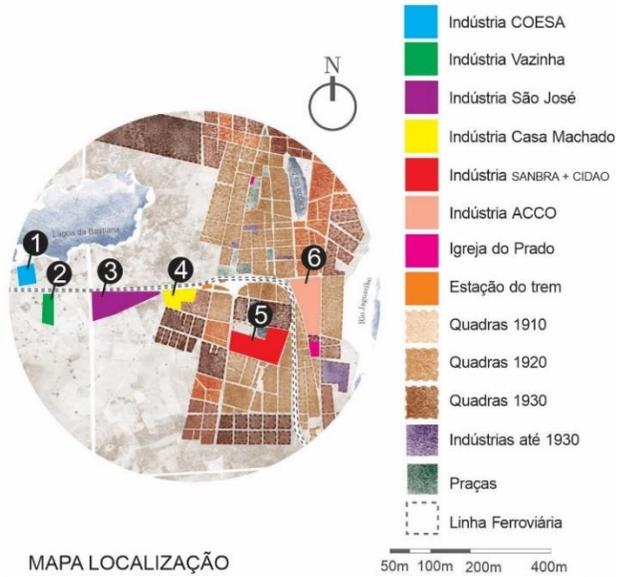
A indústria São José, do proprietário Horácio Fernandes, foi dividida entre seus filhos, uma parte delas a do filho Roberto Nogueira, virou um espaço de reciclagem, havendo uma comunidade de catadores que auxiliam a seleção do lixo. Outra indústria que vimos possuir a reutilização de alguns dos seus galpões com igual reuso de reciclagem foi na Indústria Coesa, possuidora de dezesseis galpões, poucos estão sendo utilizados.

A Casa Machado, foi demolida e hoje encontra-se situado o cemitério Parque da Saudade. A Fábrica Ceará Centro-Sul, passou por alguns proprietários e ficou mais conhecida como algodoeira Vazinha, por ter pertencido ao “rei do algodão” Manuel Matias, possui oficinas e depósitos de mercantis e cereais e a A Usina M. Alexandre virou revendedora da Gás Butano e da Tropicgás.

²⁹ International Committee for the Conservation of Industrial Heritage (Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial.)

1 INDÚSTRIA COESA
 PROPRIETÁRIO: JOSÉ S. COELHO

OCUPA ÁREA DE 15.530,42 METROS



MAPA LOCALIZAÇÃO

2 INDÚSTRIA ALGODOEIRA IGUATUENSE
 PROPRIETÁRIO: ADEODATO E LUIZ MATOS

OCUPAVA ÁREA APROXIMADAMENTE DE 18.700 METROS



Ao lado de um dos galpões há uma habitação, provavelmente feita posteriormente a época de 1965.

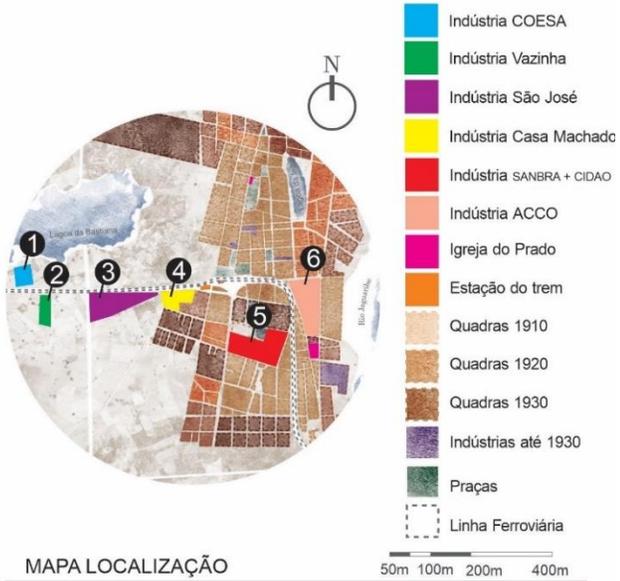
Esta imagem foi retirada do trabalho de Atila Menezes 2011

Figura 17: Algumas edificações industriais de 1930 a 1965

Fonte: Fotografias in Loco, acervo Lúcia Teles, 2021.

3 INDÚSTRIA SÃO JOSÉ
 PROPRIETÁRIO: HORÁCIO FERNANDES

OCUPA ÁREA DE APROXIMADAMENTE 10.500 METROS



MAPA LOCALIZAÇÃO

50m 100m 200m 400m

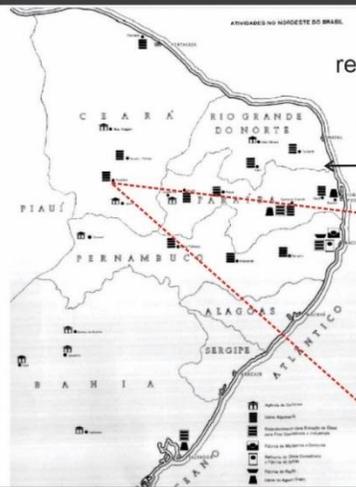
4 INDÚSTRIA CASA MACHADO
 PROPRIETÁRIO: EXPEDITO MACHADO

OCUPAVA ÁREA APROXIMADAMENTE DE 18.700 METROS



5 INDÚSTRIA SANBRA
 PROPRIETÁRIO: SOCIEDADE ANONIMA

OCUPA ÁREA ARRENDADA DA INDUSTRIA CIDAÓ



Mapa e imagem revista da SANBRA número 12, Usina Algodoeira de Iguatu



IGUATU
 Animado churrasco realizado à sombra dos frondosos jacarandás que enfeitam o pátio da Usina da

SANBRA em Iguatu, marcou o des-taque maior das comemorações natalinas em terras cearenses. A foto é uma amostra.

Imagens obtidas no grupo dos conterrâneos em 2020

Figura 18: Algumas edificações industriais de 1930 a 1965

Fonte: Fotografias in Loco, Revista SANBRA Nº12, Acervo Lúcia Teles, 2021.

Nos anos de 1930, as indústrias iniciaram com outros produtos além do algodão para fabricar óleos³⁰. Empresários estrangeiros começaram a instalar suas centrais na região Nordeste. Em Iguatu, afloraram as empresas estrangeiras SANBRA e ACCO. Criaram-se as bases para o agronegócio, com diversas indústrias estrangeiras, que foram beneficiadas desde o monopólio concedido à CIDAIO.

- Anderson Clayton & Cia (ACCO) – iniciou em SP, depois veio para o Nordeste, e voltou para o Sul e o Sudeste. Em Iguatu, chegou em 1935, segundo as Mensagens do Governador, como estão abaixo:

Decreto N. 154, de 21 de setembro de 1935.

Isenta a firma Anderson Clayton & Cia. Ltd., durante o prazo de oito anos do imposto de indústria e profissão em que incidiam as duas usinas para beneficiamento e pensamento de algodão, de sua propriedade, a serem montadas. Uma em Iguatú e outra em Joazeiro. (Mensagens Apresentadas à Assembleia Legislativa (CE) 1936 p. 206)

- Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (SANBRA) – iniciou no Nordeste, posteriormente adentrando o Sul e o Sudeste. Em Iguatu, Alcantara Nogueira fala que ela arrendou parte da CIDAIO na década de 1930.

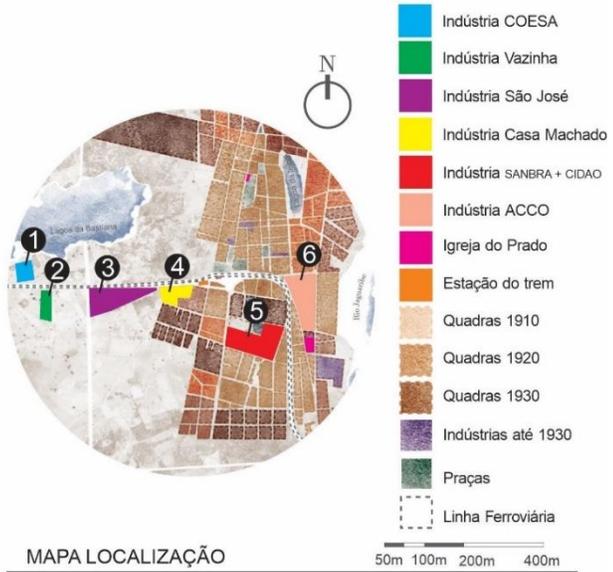
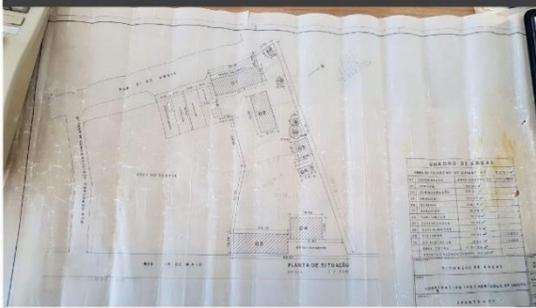
Duas são as indústrias que possuíam ramais da estrada de ferro entrando em suas dependências – a CIDAIO, de 1921, e a ACCO, de 1937.

A instalação de ramais ferroviários, dentro das agroindústrias ou de algumas indústrias urbanas também é apontado como um dos argumentos que provocariam a autarcização das unidades. Este ângulo, ao privilegiar o que ocorre dentro da unidade, esquece que para se puxar ramal é necessário existir uma grande linha ferroviária, regular e externa ligando os vários pontos de produção. A instalação da ferrovia, regular e externa, ligando os vários pontos de produção. A instalação da ferrovia é, portanto, prévia, necessária à circulação e distribuição da produção, num sistema onde existe uma divisão social da produção. (Blay, 1985, p. 28).

³⁰ Ver Maria Iselda Rocha Almeida, no livro *A história da indústria de óleos vegetais no Ceará: 1900-1960*.

6 INDÚSTRIA ACCO
PROPRIETÁRIO: SOCIEDADE ANONIMA

OCUPAVA ÁREA DE APROXIMADAMENTE 32.000 METROS



INDÚSTRIA M. ALEXANDRE
PROPRIETÁRIO: MANUEL ALEXANDRE
 HOJE É UM COMÉRCIO DE GÁS BUTANO. NÃO FOI PERMITIDO FOTOS

Figura 19: Algumas edificações industriais de 1930 a 1965
 Fonte: Fotografias décadas de 1990, acervo Lúcia Teles 2021

Com as centrais nos anos de 1930, o caroço do algodão, assim como outros produtos (mamona, oiticica) passaram a coexistir e ampliar as fábricas. As centrais estrangeiras começaram a mandar no mercado, conhecido como "as três irmãs" – saíam nos jornais como jogo de domínio. Algumas indústrias menores foram engolidas pelas usinas, somadas à seca de 1930, o declínio da bolsa de valores estrangeira em 1929 e o decesso do café paulista.

O capital internacional, sob a égide das 'três irmãs', SANBRA, CLAYTON e MACHINE COTTON, realiza, internacionalmente, sob seu controle, o valor dessa mercadoria. E cria, aproveitando a estrutura de reprodução do latifúndio-minifúndio, um intermediário comercial que vai desempenhar a tarefa de recoletar, das milhares de pequenas plantações de algodão, os resultados da colheita: os fazendeiros, principalmente os grandes, convertem-se nesse intermediário comercial, que faz as vezes também de intermediário-financeiro, por conta própria ou com recursos das 'três irmãs' para financiar a entre-safras, ou o período morto que medeia entre uma e outra colheita. Ele se desempenha com os mecanismos das 'três irmãs' nessa operação: compra na 'folha', isto é, fixa de antemão o preço que irá pagar ao meeiro pelo algodão que ele colherá, independente das variações para cima que esse preço possa experimentar no 135 mercado internacional; mas não independente das variações para baixo: se as 'três irmãs' fixarem um preço mais baixo, ele descontará do meeiro a diferença entre valor ou preço ajustado na 'folha' e o preço que será efetivamente pago por ocasião da colheita. Aduzirá a esse mecanismo, também um de intervenção própria: financiará, em espécie, as poucas mercadorias que o próprio meeiro não produz: o parco sal, o querosene que aluminará a miséria, a roupa e o calçado dominical. Descontará na colheita, cobrando preços exorbitantes, esse fornecimento em espécie: no fim, restará ao meeiro tão-somente sua própria força-de-trabalho e a de sua família, com a qual recomeçará o círculo infernal da submissão (Oliveira, 1981, p. 48-49, *apud* Lima, Átila de Menezes, p. 134 e 135).

Apesar das rodovias, a CIDAO e a ACCO, entre outras, continuaram com a ferrovia e incluíram também o novo transporte. Já que eram indústrias bem localizadas pela proximidade das principais saídas de conexão da cidade, as rodovias não foram desfavoráveis, mas propiciaram aos poucos o declínio do transporte ferroviário.

Vilas Operárias em Iguatu

Dentre tantas indústrias de algodão em Iguatu, apenas três fizeram vilas operárias: a fábrica São Geraldo (fora da cidade), a CIDAO e a ACCO. Essas últimas, conforme mencionamos há pouco, possuía um poderio, sendo as maiores da cidade. Vejamos agora o mapa de Iguatu com a localização das indústrias e vilas. Em várias indústrias modernas, principalmente da década de 1950, aponta-se, ainda, que os trabalhadores da indústria se alojavam nos próprios galpões de armazenamento, vindo, inclusive, de outras cidades.

COIGUATU

Nas proximidades da COIGUATU, trata-se da Cooperativa³¹ Iguatuense (cuja edificação pertenceu anteriormente à CIGA, que por sua vez pertenceu à ICASA, que primeiramente pertenceu a ACCO- 1937). Havia três casas. Elas foram vendidas em 2007 para alguns ex-funcionários da Cooperativa Iguatuense (REF). No registro histórico das casas, consta a data de 18 de novembro de 1977. Pela época, pressupõe-se que foram construídas pela ACCO, devido as características da casa, sem garagem, fachada em estilo *art déco*.

Como havia bastante terreno vazio ao seu redor e de propriedade da ACCO, supomos que talvez fosse objetivo desta aumentar seu parque habitacional, pois três casas não constituíam assim a formalidade da época para isenção de impostos – objetivando que as três residenciais seriam de moradia de funcionários especializados.

VARZINHA (Fábrica São Geraldo)

Na Varzinha, são casas simples em série. Esta vila foi feita ao tempo de Helvécio Texeira. Após sua morte, seu cunhado Mathias Costa comprou a indústria e as terras tornando um dos principais donos de algodão da região, inclusive esta área ganhou uma Estação de trem.

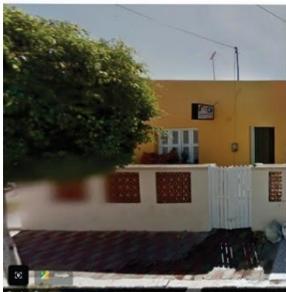
Ao passo que tem o crescimento algodoeiro, também há o crescimento de trabalhadores, e neste espaço, por ser afastado da cidade, foram construídas essas habitações³² e uma capela inaugurada na década de 1920. Vejamos as vilas operárias (|Figura 29) e em seguida o estudo de caso da Vila da CIDAO.

³¹ Sociedade composta por uma associação de pessoas.

³² Posteriormente será feita uma vila urbanizada na entrada que leva a este núcleo, formada pelos trabalhadores descendentes.

6 3 CASAS DA INDÚSTRIA ACCO- ICASA-COOIGUATU
PROPRIETÁRIO: SOCIEDADE ANONIMA

AS CASAS FORAM VENDIDAS A FUNCIONÁRIOS DA COOPERATIVA-COOIGUATU



6 INDÚSTRIA VAZINHA
PROPRIETÁRIO: MANOEL M.COSTA

HOJE É UM ESTÁBULO

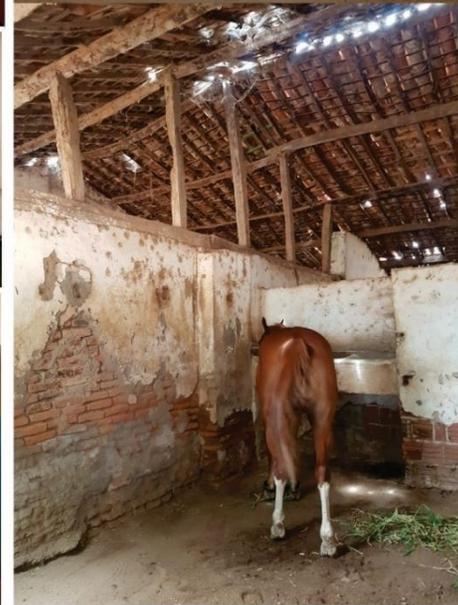


Figura 20: Habitações operárias da ACCO e indústria Vazinha.

Fonte: Acervo Museu de Igatu e fotografias in loco de Lúcia Teles, 2021.

5 - (Re)conhecer a vila operária da CIDAO

Somos convidada, neste capítulo, a entrar nas casas, rever as vilas operárias, não somente como habitações, mas reinterpretá-las como “monumentos vivos” – expressão referenciada como patrimônio histórico.

A casa operária, porém, não foi elaborada unicamente pela conquista e objetivos de moradia da população de baixa renda, pois foi também instrumento de poder, objeto para dominar com ligeira aparência de benfeitoria patronal. É o que vemos nas lógicas sociais.

O cotidiano é outro meio usado para uma melhor compreensão, e foi aplicado na experiência conduzida pelo estudo de caso da CIDAO em Iguatu-CE, expondo-a nas particularidades historiográficas do bairro, indústrias, vilas e suas habitações. Costuramos uma colcha de retalhos da memória entre os cheios e vazios na efemeridade do tempo, do costume de morar e permanecer sem teto.

4.1. Lógicas sociais

Em sintonia com Margarida Andrade (1990, p. 16), pressupusemos a ideia de que o investimento de capital por parte dos empresários na construção das vilas operárias é “consequência de um conjunto de relações e não apenas um problema de moradia”. O aspecto puramente formal da arquitetura habitacional não revela as relações socioespaciais que se estabelecem entre a moradia e a unidade fabril.

Em sua análise, Andrade (1990), com base na bibliografia à época, destaca acerca de três conceitos, os quais atuam respectivamente: RENTABILIDADE como dimensão econômica a partir da diversificação no setor imobiliário, que abrange a segurança no mercado de trabalho ao reter ou “armazenar a força de trabalho”, e CONTROLE, que atinge a vida do trabalhador nas diversas áreas no modo de vida, colocando a sua visão social paternalista.

Nestas circunstâncias, (1985 e Margarida Andrade (1990) discutem ideias defendidas por Engels, no âmbito das quais a “casa é mercadoria à disposição no mercado”, ainda proporcionam no seu valor da renda do solo, rendimento comercial, lucro do capital e lucro de impostos. Este poder na esfera da moradia-trabalho implicaria, então, na óptica social do proprietário: “Outra visão sobre as vilas era de controlar os conflitos patrão-empregado e de subordinar o comportamento social do operariado aos interesses da empresa, pois ser demitido significava também perder a casa”(ANDRADE, 1990, p. 210).

Sendo assim, os empresários reclamavam do alto índice de ausência do trabalho, abandono de serviço, do não cumprimento do contrato trabalhista. A PROXIMIDADE do domicílio da fábrica possibilitava o controle do operário, de domesticação da família, os rumos da escolaridade dos filhos e o lazer da estrutura familiar. Perder o trabalho significava a perda da moradia. Tais considerações apontam para visão social dos industriais em relação aos operários (BLAY, 1985; ANDRADE, 1990).

Nesse sentido, Margarida Andrade (1990) esclarece que em Fortaleza ocorria a fixação do operário junto ao local de trabalho, sendo cativo tanto na esfera doméstica como na do trabalho, constituindo “uma prontidão permanente”. No primeiro momento, utilizou os serviços urbanos de comum com a cidade e posteriormente algumas vilas viriam a ser dotadas de serviços próprios da indústria, constituindo, assim, uma “disciplina rígida”³³.

O capítulo agora sob relato tenciona analisar a vila na escala do bairro, da fábrica e da tipologia das casas construídas.

³³ Livro Onde moram os operários... de Margarida Andrade 1990, p. 208.

4.2 O Estudo de Caso – a CIDAO

4.2.1 – Bairro – (relação vila-cidade)

Para elucidar a região do bairro CIDAO, descrevemos seu surgimento, expansão e consolidação com suporte na atividade industrial, em conjunto com as vilas operárias, que serão vistas, posteriormente,

A origem do bairro CIDAO está relacionada à instalação da indústria de mesmo nome em 1921.

9ª Usina e fábrica de óleo de Iguatu, no Ceará- O terreno comprado para edificação desta Usina na Cidade e Município de Iguatú, tem uma área de 100 por 200 metros ou Hectares, situada nos subúrbios da cidade, ao lado da Praça Dr. Francisco Sá, e mais a de 1500 metros quadrados de uma faixa para construção do desvio da estrada até a Usina- foi comprado a Alfredo Leopoldo Cavalcante³⁴ e sua Mulher, por escritura publica de 26 de abril de 1919 em notas do tabelião Cesario de Assumpção. Dão a mesma o valor de dezenove contos de reis digo, de doze contos de reis-12:000,000 (CARTÓRIO, Registro Empresarial da CIDAO).

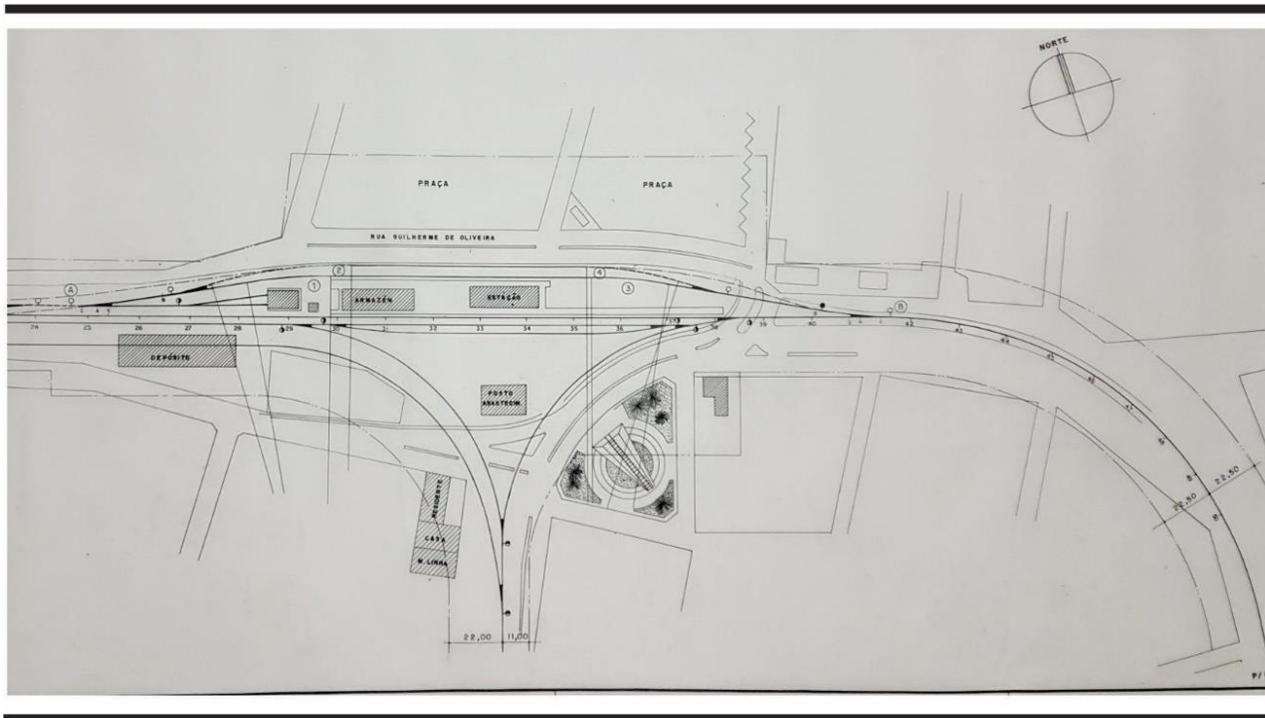
Em 1921, a indústria já estava funcionando. As *Mensagens do Governador* (1918) e a *Revista de Architectura no Brasil* noticiaram, naquele ano, o empreendimento da CIDAO no Nordeste, composta por usina de beneficiar algodão, fábrica de óleo e Estação Experimental.

Ao lado de algumas usinas funcionam as fábricas de óleo. Em Pernambuco já trabalham as fábricas de Garanhuns e de São Caetano; em Parahyba, com regularidade está trabalhando a fábrica de Sapé e, no Ceará, a de Iguatú. Bastante adiantadas estão as de Recife em Pernambuco e Sobral no Ceará.” (ARQUITECTURA NO BRASIL, 1921: 80)

Assim, as grandes indústrias, geralmente, se apropriavam de espaços do subúrbio, às margens da via férrea. Dependendo do tamanho e poder da indústria, os trilhos eram desviados para que entrassem nesses arrabaldes, facilitando o processo de transporte da mercadoria (BLAY, 1985)

No caso da CIDAO, o desvio da linha férrea também deu os primeiros contornos morfológicos do bairro, como pode ser conferido no Mapa 09 abaixo. A ferrovia estabeleceu as edificações pioneiras – a casa do agente, e, posteriormente, as casas de turma e depósitos – perto dos trilhos, no sul do núcleo urbano.

³⁴ A denominação Alfredo Leopoldo é atribuída a uma rua nas arremediações da CIDAO, no Bairro Alto do Jucá.



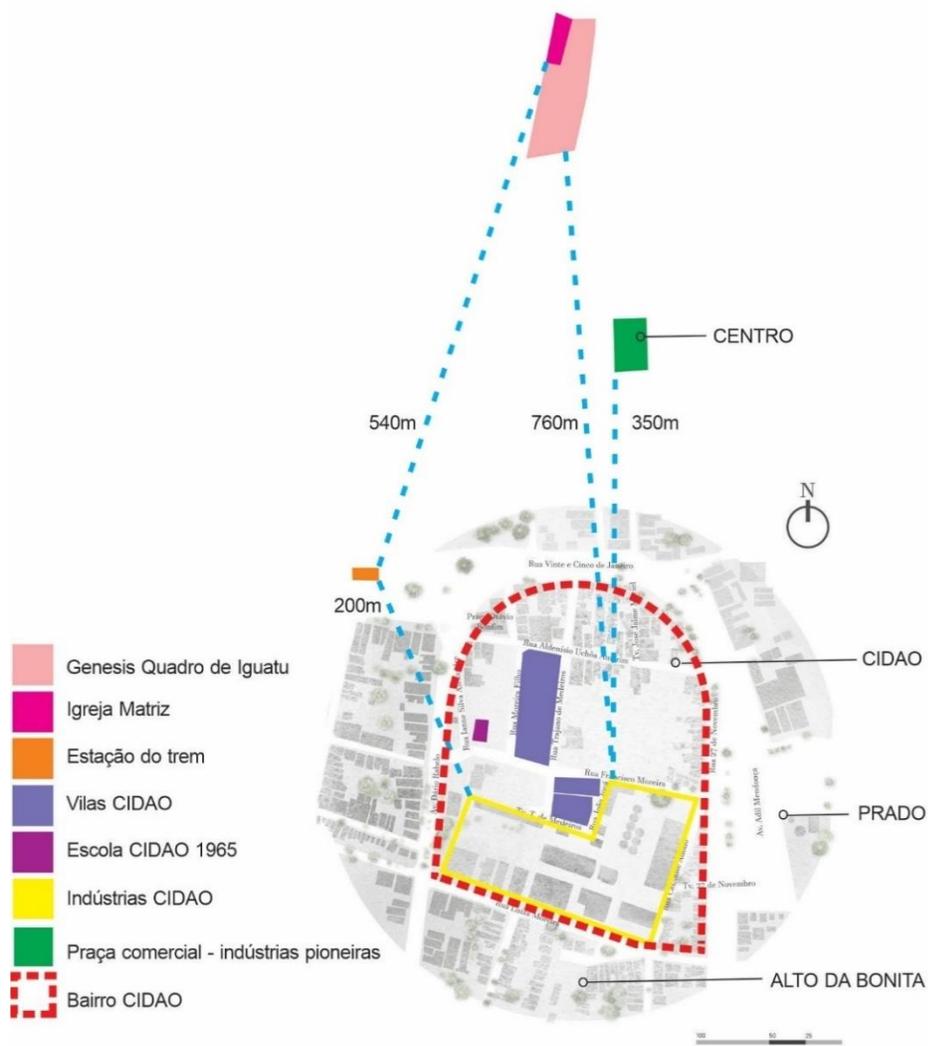
Mapa 08: Contornos dos trilhos do trem

Fonte: Arquivos da RFFESA de Fortaleza 2021

Por muito tempo, foram somente essas edificações que existiram na área entre a linha férrea e a indústria. A despeito das edificações pioneiras, prevalecia no bairro a imagem de um vazio. As casas dos operários foram, inicialmente, construídas por eles próprios no Alto da Bonita³⁵ e no Prado³⁶; situados no subúrbios da cidade, respectivamente, um atrás da CIDAO e o outro na sua lateral direita (lado do Rio Jaguaribe). Pode ser visualizado no Mapa 09 abaixo.

³⁵ Local onde será construído o hospital Santo Antônio, o qual dará nome ao bairro Vila Santo Antônio.

³⁶ Local descampado onde aconteciam rodeios de cavalos, contendo apenas latadas para proteger a plateia do sol escaldante.



Mapa 09: Localização e situação bairro CIDAO

Fonte: Mapa de autoria de Lúcia Teles 2021

A partir das imagens, podemos oferecer, com efeito, noções de distanciamento a alguns pontos importantes e estratégicos do desenvolvimento da cidade. Da Igreja, situada no quadro do núcleo original, a indústria dista 760m. Já a Praça comercial, que outrora se comunicava com as fábricas embrionárias, está a 350m de distância da CIDAO. Entrementes, a Estação do trem encontra-se nas imediações de 200m, e, da Estação para a Igreja, uns 540m – tudo isto seguindo medições em linha reta sob os pontos. Estas medidas nos possibilitam entender a distância entre o subúrbio no sul do núcleo, onde estava a CIDAO, e o centro da cidade que, na época, era muito pequeno.

Desta forma, nos arredores da CIDAO, foram edificadas a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro Prado, em 1924, e o hospital Santo Antônio dos Pobres. Teixeira assevera que

[...] dona Luiza Moreira, ao lado do Vigário de Iguatu na época, construíram a primeira capela do bairro Prado, Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e que, durante algum tempo, a energia elétrica utilizada pela referida capela era fornecido pela CIDAO, tanto por ela ter um potencial elétrico alto a ponte de fazer essa cessão, como também pela proximidade entre a usina e a capela (Teixeira, 2007, 35).

Em relação à área do bairro, o diretor da fábrica, José Moreira Cavalcanti, comprou os terrenos no entorno da unidade fabril. O bairro da CIDAO foi sendo ocupado vagarosamente. Ainda hoje, persistem, na área, grandes vazios (Teixeira, 2007) Ainda se observa a dissonância em relação aos bairros adjacentes, cheios de casas de operários e vilas de aluguel.

As vilas operárias da CIDAO estabeleceram-se nos terrenos à frente da indústria, possibilitando mais visibilidade a estas edificações para a paisagem do bairro e assim comunicando com a memória da cidade.

No Ceará, a construção das vilas do Iguatu teve início nos anos finais de 1930 e 1940, com a conhecida Vila Antiga. Posteriormente, sua expansão se deu em 1950 e 1965, com a inauguração da Vila Nova e de uma escola para os filhos dos funcionários, posteriormente, inaugurada em 1965. “Tal prática intensifica-se a partir da década de 1880 e persiste até o final do século XX”. De 1930 a 1950, estas vilas e núcleos surgem em números bastante significativos em distintas regiões do País. A partir de 1950, este tipo de assentamento continua a ser criado ou ampliado pelas indústrias. “O momento de inflexão da tendência de criação de vilas e núcleos residenciais de empresas no Brasil parece localizado especialmente após 1985, quando a história destes lugares reside, sobretudo, nas diferentes trajetórias de desmonte” (CORREIA, 2010, p. 6).

A desarticulação moradia-trabalho pelo fato de a Indústria ter ido à falência e hoje ser o Centro Universitário Humberto Teixeira tornou as vilas como um empreendimento de aluguel, porém algumas das casas são habitadas por antigos moradores que não pagam não pagam o aluguel, e residem com a esperança de tornar-se donos das residências perante ações judiciais.

O processo de desmonte assume modalidades diversas: pode ser total ou parcial (atingindo apenas algumas áreas ou categorias de trabalhadores); pode ser progressivo ou rápido; pode implicar ou não na destruição física ou numa descaracterização ampla das construções; os equipamentos de uso coletivo podem ser terceirizados, repassados para o Estado, fechados ou ter

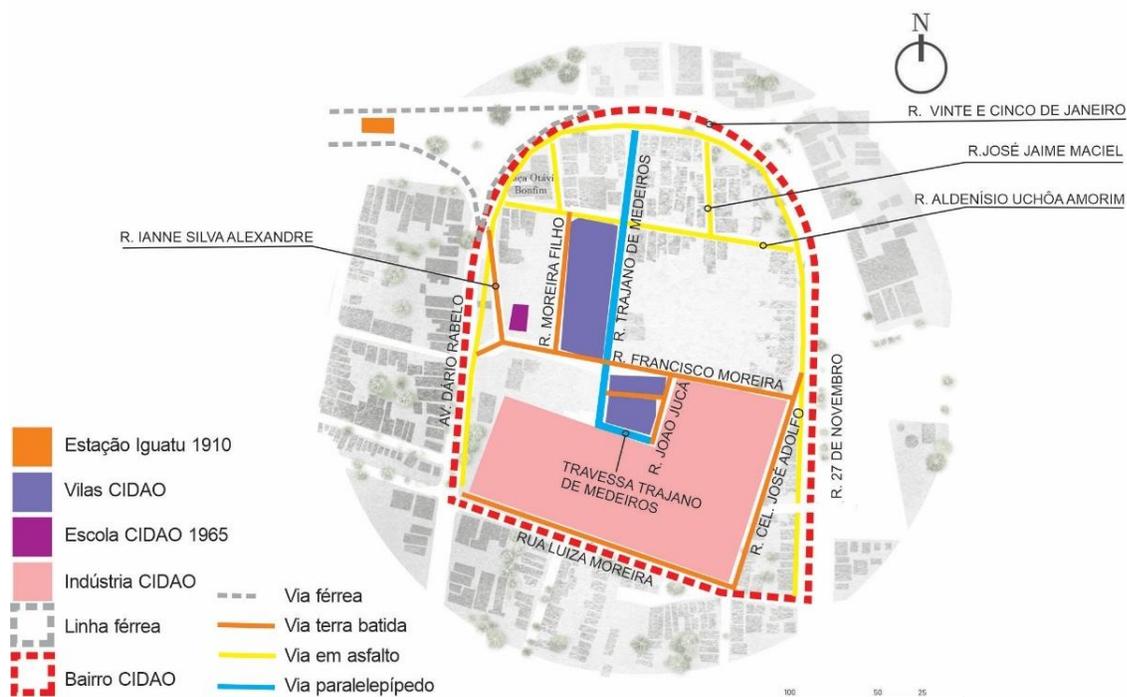
os prédios que os abrigavam vendidos ou demolidos; as moradias podem ser vendidas, alugadas ou demolidas (CORREIA, 2010, p. 7).

Esta faceta abre espaço a pontos que advertem para a descaracterização da vila e sua memória perante o bairro e a cidade. Ainda Beatriz Bueno, nos presenteia com esta visão sobre a paisagem:

“O estudo parte da premissa de que os fragmentos materiais da paisagem urbana contemporânea oferecem pistas que permitem supor seu caráter histórico³. Mais do que um palimpsesto, a paisagem é um precioso instrumento de trabalho, na medida em que, como salienta Fernand Braudel, é como nossa pele condenada a conservar a cicatriz das feridas antigas. Como acumulação desigual de tempos, as rugosidades dos sucessivos passados amalgamados na paisagem atual permitem supor cada etapa do processo social, cumprindo nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam tal como a sociedade a escreveu de momento em momento.” (Bueno, 2016, p. 100 e 101)

4.2.2 Circulação viária no bairro

Os ramais do trem para dentro da fábrica ajudaram no escoamento dos produtos. A CIDAIO importou, desde 1921, vagões especializados para melhor adequação dos seus artigos. A rua principal da indústria recebeu o nome do fundador da fábrica, Avenida Trajano de Medeiros. As outras ruas foram intituladas com os nomes dos diretores e seus parentes. Atualmente, o bairro é contornado de asfalto, porém, por dentro dos quarteirões, apresenta ruas em terra batida. A via azul em paralelepípedo é de 1965, conforme a última reforma da indústria. Na vila mais antiga, a estradinha ou viela escondida é de terra batida, com resquícios de calçadas para pedestre, conforme está no Mapa 11 abaixo:



Mapa 10: Vias de circulação bairro CIDAO

Fonte: Mapa de autoria de Lúcia Teles 2021

4.2.3 A Indústria

Os custos com a construção da sucursal da CIDAO, em Iguatu, foram de 191:313\$800 contos de réis e a Estação Experimental da Chapada do Moura³⁷ foi orçamentada, incluindo aquisição do espaço e implantação das adaptações necessárias, em 89:745\$700 contos de réis.

Dessa maneira, a Indústria foi constituída com recursos do governo federal, sendo o conjunto foi estruturado em três etapas. A primeira, na sua fundação, em 1921 – Mensagem do Governador. A segunda, assim como o arrendamento da Sociedade Algodoeira do Nordeste (SANBRA), nos anos de 1930. Por último, uma reforma geral em 1965 (TEIXEIRA, 2007).

A arquitetura e o maquinário, além da origem do setor agroindustrial do Ceará nos permitirão entender um pouco o cotidiano operário e a correlação entre técnica e arquitetura.

³⁷ Terreno onde foi feita a Estação experimental da CIDAO de Iguatu.

A fábrica funcionava 24 horas por dia:

[...] outro que merece ser descrito é o numero de empregos diretos por essa indústria, partindo do inicio de sua operacionalização, algo aproximado de 120 empregos diretos, distribuidos em turnos de trabalho. Esses turnos reportam-se ao setor produtivo, pois a fábrica de óleos, já na decada de 20, funcionava 24h diárias. A seção de beneficiamento de pluma só funcionava no período diurno, adentrando ao noturno, chegando por vezes, as 22h (Teixeira, 2007).

1921 – 1934. Primeira etapa

Segundo Mensagens do Governador do Ceará para a Assembleia (CE), em 1918, Trajano de Medeiros solicita incentivos para a construção das Centrais de Iguatu e Sobral. Nessa carta, explica que estas centrais de beneficiamento de algodão foram inspiradas nas centrais dos engenhos de açúcar já existentes no Brasil. Trajano de Medeiros afirma que tinha passado dez anos nos EUA, no Texas, estudando e entendendo o processo do beneficiamento.

A CIDAIO, em Iguatu, foi constituída em escritura pública no dia 21 de março de 1921, sendo a primeira Central do Ceará. Sua localização foi escolhida estrategicamente por Trajano, por sua localização na Estrada de Ferro de Baturité, no centro sul do Estado, a meio caminho do Crato. Além disto, a região tinha grande produção de matéria-prima, terras férteis, aproximação de água para o vapor das caldeiras. Segundo Nogueira (1985), a cidade era um dos primeiros centros produtores em termos de pluma e caroço de algodão e, nos anos de 1920, já possuía algumas fábricas³⁸.

Um exemplo disso, é a usina de beneficiamento de algodão, a fábrica de óleo e o campo experimental foram feitos no terreno Chapada do Moura. Até 1930, toda a produção destinava-se para exportação, seguindo para Recife. Nesse período, a SANBRA arrendou (alugou temporariamente um imóvel) uma parte da CIDAIO, e o maquinário que compunha, inicialmente, o parque industrial da CIDAIO se constituía em:

1. 04 descaroçadores e
2. 02 prensas para 20 toneladas de sementes diárias.

³⁸ Ver capítulo 3.

3. Esse aparato orçou em 458:763\$000 conto de réis.³⁹

A estrutura da CIDA O nos anos de 1920, na estrutura primária.

1934-1962. Segunda etapa

De 1934 a 1962, presenciou-se a ampliação na área da fábrica de óleo. O agronegócio ganhou corpo quando o monopólio foi concedido à CIDA O. Capitalistas estrangeiros, então, aproveitaram para dominar o mercado e valores do algodão e de outros produtos como a oiticica, mamona. A SANBRA Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro e a ACCO Anderson Clayton & Cia chegam a Iguatu, junto a incentivos fiscais. A ACCO e a CIDA O constroem casas para operários nas décadas de 1930 e 1940.

Com o falecimento de Trajano de Medeiros, nos anos de 1940, o sucessor da direção no Ceará foi José Moreira Cavalcante, administrando as unidades de Iguatu e Sobral. Posteriormente, foi feito o terminal de embarque próximo ao Porto do Mucuripe, em Fortaleza, retirando a sede social do grupo de Recife para a Capital cearense. Segundo Teixeira (2007:36):

Essa transferência de sede aconteceu pela mudança ocorrida no Estatuto da empresa realizado em Assembleia Geral Extraordinária. A mudança de sede foi assegurada no capítulo 1, artigo 4 do referido Estatuto.

Nos anos de 1940, a exploração de oleaginosas de diversos produtos – como mamona, oiticica... – começou a se intensificar no Estado, e apesar de estar no projeto estruturante originário, foi na segunda diretoria que se constatou a especificação da atividade no Estatuto social (TEIXEIRA, 2007).

Como edificações, existiam as fábricas, usinas, vilas e escolas em Iguatu e Sobral; escritórios de compra de matéria-prima e fazendas de criação de gado em Santa Quitéria e Senador Pompeu, além do terminal em Fortaleza. Fora das vilas, existiu, também, uma casa da gerência situada na rua Dr. João Pessoa, onde hoje se encontra o posto Milenium. A casa foi demolida em 1999.

³⁹ Lavrado em escritura pública de Nº 3229, na Recebedoria do Distrito Federal, durante o exercício do ano de 1921-Teixeira.

Os anos de 1930 já marcam o incremento de outras culturas produtivas, absorvidas pela CIDAO (algodão, mamona e o babaçu). Segundo Wilson Lima Verde (2011), o número de funcionários na época chegou a 400.

Nesta etapa, a segunda, a CIDAO entrou em funcionamento com o beneficiamento de algodão, o preparo do línter⁴⁰ e a fabricação de sabão; o sabão Lavadeira, o sabão CIDAO, o sabão Avião e o Touro. O sabão da CIDAO ficou conhecido em todo o Estado e o óleo dela, de mamona e oiticica, chegou na época de 1940 e 1950 a ser exportado para a União Soviética, Alemanha, França e Estados Unidos (TEIXEIRA, 2007). A mamona, principalmente, recebia a legenda CIDAO destinada à exportação, principalmente para a União Soviética (LIMA, 2011)

1962 a 1965. Terceira etapa

A terceira etapa tem início com a reforma iniciada, em 1962, com a sucessão da diretoria de José Moreira Cavalcante para o grupo CONTROLE, Investimentos e Participações S/A. Seguiu até o ano 1990, com sua falência.

Assim, em 1962, foi demolida uma boa parte da sua estrutura primeira, visando a sua expansão, procurando incremento do setor de oleaginosas. Em quatro anos foi feita a reforma. Segundo Teixeira (2007), os prédios não demolidos foram o escritório comercial, o almoxarifado e o depósito número 08. Para a implantação de máquinas possantes, foram providenciadas outras edificações, como mostra Teixeira:

Sr Raimundo Mendonça de Lima, foram envolvidas quatrocentas pessoas, que iniciavam os trabalhos de reconstrução da CIDAO às 7:00h e que, por várias vezes, adentravam à noite, concluindo as 22:00hs. Quando se fazia necessário, na concepção dos engenheiros, trabalhavam também aos domingos e feriados. Esse fato se confirma, pois foram quatro anos de trabalho ininterruptos para que se pudesse concluí-la em tempo recorde, com o intuito de não ser excluída dos grandes surtos algodoeiro, de oiticica e mamona, que se apresentavam desde a década de 40 e que, a cada ano, quando não aumentavam, mantinham-se nos índices satisfatórios para um mercado em expansão constante á época. (TEIXEIRA, 2007).

A reforma também conta com a construção da segunda vila. Esse parque residencial possui mais 22 moradias para os funcionários e o grupo escolar, com duas salas de aula, espaço de recreação para os filhos dos funcionários. Nas casas, eles moravam gratuitamente e não pagavam

⁴⁰ Após a retirada das fibras mais longas do algodão, fica uma camada muito fina no caroço do algodão a qual denominamos de línter.

consumo de energia elétrica, água e desobstrução das fossas, ficando por conta da Companhia (TEIXEIRA, 2007).

Também foram construídos dois poços profundos no leito do Rio Jaguaribe para o fornecimento de água para a Usina, para a produção do vapor e outras demandas pertinentes ao uso industrial. Nesta época, o principal logradouro, a Rua Trajano de Medeiros, foi calçado de paralelepípedo.



Figura 21: Edificações da CIDAO dentro do Bairro

Fonte: Escola Foto de Alda 2020, Texeira 2007 e autoria de Lúcia Teles 2021

Cotidiano da INDÚSTRIA

Reportamo-nos, neste passo, ao cotidiano operário dentro dos setores da fábrica, apresentando a quantidade de trabalhadores, turnos e horários.

Além do operário que trabalhava nas máquinas e na produção, também havia uma equipe de serviços gerais alocada nas oficinas elétrica, mecânica, de ferraria e carpintaria para suporte de manutenção.

No vestiário, além do banheiro, havia 50 chuveiros para banho dos operários após o trabalho. Segundo Teixeira (2007) em frente a esse edifício, ficavam bicicletas estacionadas e onde tinha um guarda de banheiro por turno.

Eram três turnos de funcionamento nos seguintes horários: 6h às 14h; 14h às 22h; 22h às 6h. Existia 2h de intervalo para refeição e descanso, ou seja a atividade de trabalho era permanente de um dia para o outro.

Para os depósitos de número 02 e 05, os quais serviam para guardar a pluma algodão, os horários previstos de trabalho para estas edificações eram: (6hs as 14h, e 14h às 22h)

A Fábrica de Óleos funcionava até 24h. Obtida a pluma, fazia-se a classificação da rama. Neste setor, trabalhavam 15 pessoas, um classificador de algodão, um pesador e 12 pessoas na capatazia, onde atuavam também nos trilhos, alimentando de plumas para o processamento.

No salão dos descaroadores de algodão em rama, havia a produção de 120 fardos de algodão em pluma em 16h. Cada fardo pesava 190kg, ou seja, 22.800 kg diários. Compunha-se de 13 operários, distribuídos em duas turmas a 18h de trabalho com prensagem destinada à exportação. Já o depósito de pluma número 08 era o edifício de enfardamento para embarque.

A linha do trem passava em diversos setores, depósito de pluma, no de semente e nos tanques de óleos vegetais.

Com amparo em Teixeira (2007), segue abaixo, na tabela 08, as numerações das edificações e quais as suas funções, necessidades utilizadas à época.

AMBIENTES	
01- VESTIÁRIOS	35- SALÃO DA REFINARIA SEMCO- 02pavimentos
02 a 05- DEPÓSITOS DE ALGODÃO EM RAMA	36- SALÃO DE TRATAMENTO DA MAMONA
06- SALÃO DOS DESCAROÇADORES DE ALGODÃO	37- DEPÓSITOS
07- DEPÓSITO DE PLUMAS	38- DEPÓSITO DE SOLVENTE
08 a 11- DEPÓSITO DE SEMENTES	39- SALÃO DA FERRARIA
12 a 13- DEPÓSITOS DE CASCAS	40- SALÃO DA OFICINA MECÂNICA
14- SEÇÃO DE PRÉ-LIMPEZA (PENEIRÕES)	41- SALÃO DA OFICINA ELÉTRICA
14a- SALA DAS DESLINTADEIRAS (1ºCORTE) PAVILHÃO TÉRREO	42- SANITÁRIOS
15- SALA DAS DESLINTADEIRAS (2ºCORTE)	43- TANQUES DE ÓLEOS VEGETAIS - capacidade de 4600 toneladas
16- SALÃO DE SEPARAÇÃO E LAMINAÇÃO	44- SALA DO LABORATÓRIO- 02 pavimentos
17- SALÃO DE PRENSAS	45- SALÃO DO MOTOR ATLAS IMPERIAL (diesel elétrico) 250KVA
18- SALÃO DE PRENSAS HIDRÁULICAS	46- SUBESTAÇÃO- abaixadora de 1000KVA
19- SALÃO DE DECANTAÇÃO E FILTROS DE ÓLEOS	47- REFEITÓRIO
20- DEPÓSITOS DE LINTERS	48- CASA DE PONTO (portaria)
21- SANITÁRIOS	49- ESCRITÓRIO COMERCIAL
22- TORRE COM CAIXA D'ÁGUA DE FERRO- capacidade de 55.000lts.	50- ALMOZARIFADO
23- SEÇÃO DE FILTRO DE ÁGUA	51- ALMOXARIFADO
24- SALÃO DAS BOMBAS D'ÁGUA	52- BALANÇA DOS CAMINHÕES
25- PISCINAS	53- BALANÇA DO TREM
26- BARRILETE DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA	54- CASA DE BOMBAS PARA ÓLEOS
27- CAIXA D'ÁGUA EM CONCRETO - capacidade de 150.000lts	55- DESVIOS FÉRREOS
28- SALADO COMPRESSOR FRIO	56- SALA DE CLASSIFICAÇÃO DE ALGODÃO EM RAMA
29- SALÃO DE EXTRAÇÃO DE SOLVENTE	57- PISCINAS
30 a 31- DEPÓSITO DE TORTAS	58- SALÃO DA SERRARIA
32- SALÃO DAS CALDEIRAS	59- LAVANDERIA PARA PANOS DE FILTROS DE ÓLEO VEGETAIS
33- SALÃO DA LIQUEFAÇÃO (POLIMERIZAÇÃO)	60- TANQUES DE ÓLEO COMBUSTÍVEL CAPACIDADE DE 30 TONELADAS
34- SALÃO DA SABOARIA	

Tabela 04: Estrutura do Parque industrial da CIDAO – Iguatu-CE

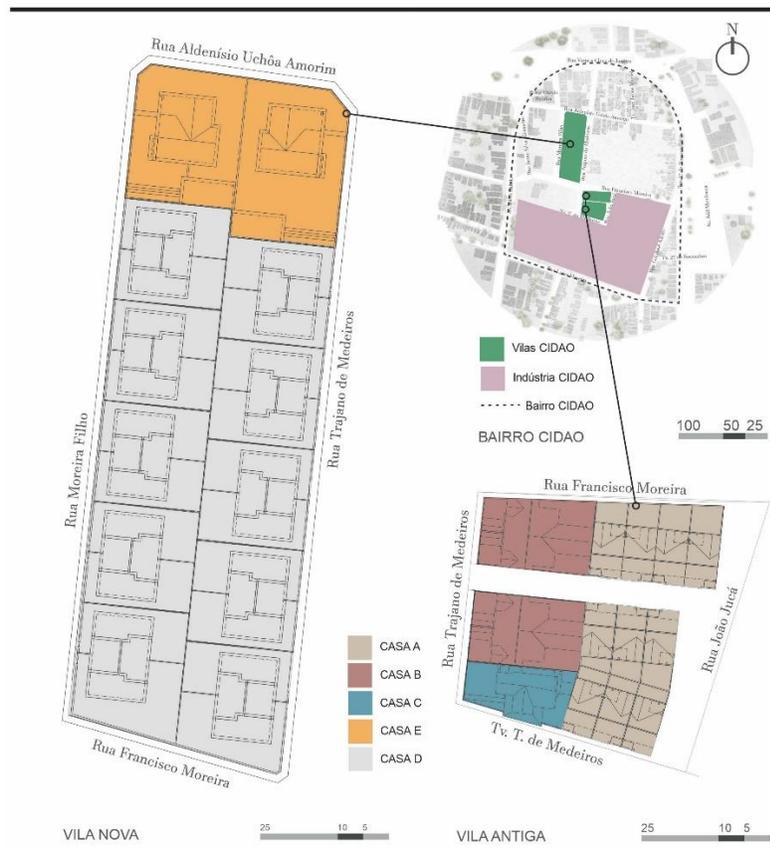
Fonte: (Texeira 2007, p. 74, 75 e 76) e Tabela Reproduzida por Lúcia Teles, 2021.

4.2. 4- As Vilas Operárias na CIDAO

As vilas da CIDAO, apesar de poucos números de casas se comparada a Fortaleza, possuíam uma diversidade tipológica e hierárquica. Correia fala sobre as vilas operárias no Brasil:

Era frequente as vilas e núcleos terem grupos de casas de diferentes tamanhos e padrões, distribuídas entre os empregados conforme fatores diversos como o tamanho da família, o tempo de trabalho do empregado na fábrica ou sua posição na hierarquia fabril. A maioria das moradias tem pequenas dimensões e programa restrito ao básico: sala, dois quartos, cozinha, sanitário e quintal. Em parte das casas de uma vila ou núcleo este programa se amplia, seguindo uma diferenciação solidária com os critérios de hierarquia ou com necessidades específicas das famílias. Eventualmente, são acrescentados mais um ou dois quartos, mais uma sala, terraço e, no caso das moradias destinadas a funcionários em postos de chefia, também dependências para empregados domésticos, garagens, áreas de serviço, etc.(CORREIA, 2001, p. 3).

No Iguatu, o conjunto possui cinco tipologias. Casa tipo A em série, tipo B geminada, tipo C individual, tipo D geminada duas a duas e tipo E bangalô. (MAPA 12)



Mapa 11: Situação das tipologias das casas da CIDAO

Fonte: autoria de Lúcia Teles 2021

As vilas operárias no bairro CIDAIO foram erguidas em área frontal ao principal portão de acesso, o que permitia um maior controle de entrada e saída dos funcionários. Foi priorizado o modelo unifamiliar.

Com isso, dada a proximidade com a indústria, asseguravam prontidão permanente do operário, assim como a utilização de equipamentos como escola e clube, este último localizado dentro dos muros da indústria. Conforme visita *in loco*, observamos a contínua reprodução na designação das casas em tempos distintos, utilizando-se a frequente denominação dos moradores em: vila velha e vila nova. A vila antiga traz um modelo compacto, sem portões. A vila nova, um modelo com esquema de dispersão, apesar de ser nesta época a implantação dos equipamentos mencionados anteriormente.

Nos casos estudados de propostas concebidas nas décadas de 1930 e 1940, verificou-se que as propostas conciliam influências do urbanismo moderno, do movimento cidade-jardim e de Garnier, com princípios que regem a organização destes núcleos desde o século XIX. Na década de 1950 as propostas tendem a conciliar fundamentos da tradição dos núcleos fabris com princípios do urbanismo moderno, sobretudo aqueles difundidos no âmbito dos CIAMs. (CORREIA, p. 25)

Em expressas circunstâncias, salubridade da casa é observável com base no direcionamento do lote para a implantação edificada, tornando a ventilação e iluminação pontos fundamentais que caracterizam as tipologias das habitações higiênicas. Tal está verificado na sequência.

De uma maneira geral, a diversidade das cinco tipologias levantadas estava condicionada na relação das casas para com o lote, com o sistema de venezianas. Com exceção da casa A, que possuía alcova, as demais tipologias eram correlatas aos espaços propícios a salubridade, com aberturas a todos os cômodos, sistemas de venezianas a partir da casa B e de vidros basculantes a partir da casa C. As instalações sanitárias estavam incorporadas à arquitetura e com soluções econômicas de proximidade entre os ambientes que abrigam esta necessidade. Vejamos agora a 1ª vila, denominada de Vila Antiga.

VILA ANTIGA

Segundo Correia (1998) nas décadas de 1930 e 1940 os estados do Nordeste adquiriram uma significativa produção de moradias de fábricas, sobressaindo a têxtil em cidades ou localidades no campo. As vilas operárias situadas nas cidades possuíam número reduzido de casas, que variavam de 8 a 670.

No final dos anos de 1930, a CIDAO construiu, em Iguatu, a primeira vila de casas para os funcionários. Segundo Teixeira, tratando sobre as condições de infraestrutura, essas habitações foram distribuídas:

[...] de forma gratuita, sem ônus de água e energia elétrica pois ficavam a cargo da empresa. Abatimento no imposto de renda, não somente responsabilidade social (TEIXEIRA, 2007, p. 40).

A rentabilidade econômica que as vilas traziam para os empresários, analisada por Margarida Andrade (1990) em relação a Fortaleza, era um dos fatores decisivos para suas construções no espaço das fábricas. Em Iguatu, núcleo com adensamento inferior ao de Fortaleza, segue este esquema no compasso das condições socioeconômicas da cidade, implicando, também, a rentabilidade fundiária dos imóveis e o controle sobre mão de obra.

As casas eram todas pintadas de branco e as esquadrias verdes, conforme uma promessa feita pela mãe de um dos diretores da CIDAO a Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro, da qual dona Luisa Moreira⁴¹ era devota. Segundo Nogueira (1986), foi ela quem ajudou junto à população e ao padre da época a construção, em mutirão, da igreja do Prado⁴² em 1924.

A primeira vila foi composta de 15 imóveis, distribuídos assim: três casas situadas na Travessa Trajano de Medeiros, sete na pequena rua interna e cinco situadas na rua Trajano de Medeiros. A mais próxima do portão da fábrica foi totalmente modificada para se transformar na Casa da Diretoria (visitas a sucursal e hospedagem). A Vila antiga possuía três tipos de casa, denominados como Tipos A, B e C, como mostramos na Figura 22.

⁴¹ Mãe do diretor da CIDAO.

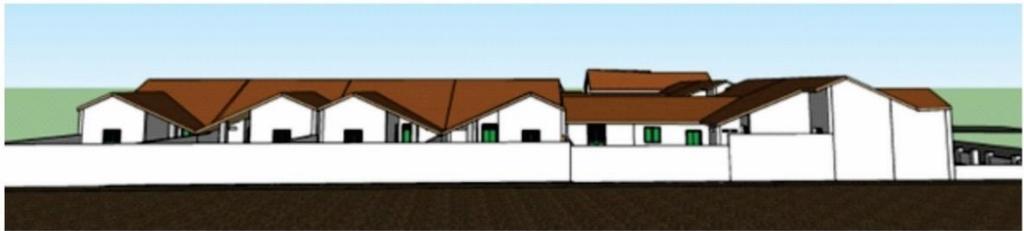
⁴² Bairro ao lado direito da CIDAO.



VISTA 01- R. TRAJANO DE MEDEIROS



VISTA 02- TRAVESSA TRAJANO DE MEDEIROS



VISTA 03- R. FRANCISCO MOREIRA

Figura 22: CIDAO- Vila Antiga (1930-1940)
 Fonte: Autoria de Lúcia Teles, 2021.

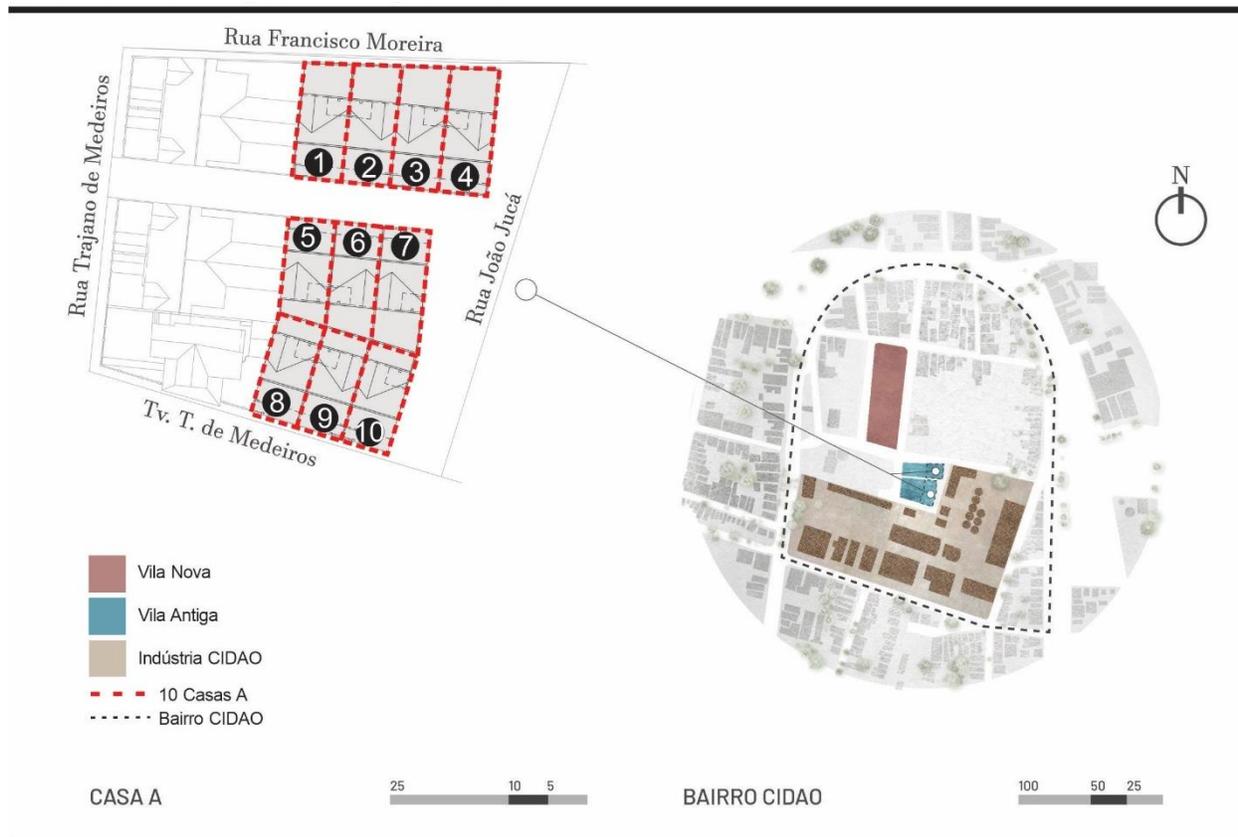
CASA DO TIPO A

A maioria das residências era do tipo A. As casas eram situadas nos lotes detrás da rua principal (mapa 12), Trajano de Medeiros, praticamente escondidas. A maioria das casas do tipo A era voltada para uma rua estreita e local, no interior de um terreno.

Dessa maneira, sua implantação possuía semelhança com as vilas dotadas de maior controle. Em Fortaleza, Margarida Andrade (1990)⁴³ comenta sobre a existência de portões de ferro, auxiliando nas restrições de pessoas, assim como no controle dos moradores. A este tipo de implantação Eva Blay (1985, p. 7) adverte como o modelo mais usual de vilas:

[...] conjunto de casas construídas no interior de um terreno”, o qual contém uma entrada que comunica a via pública à via interna para a qual as casas estão voltadas. Esta descrição corresponde ao modelo mais usual de vilas, embora haja muitas variações dele. Há vilas de todos os tamanhos e de variada estruturação interna, comportando desde uma rua apenas até várias ruas, jardim, praça de esportes e outros bens de uso coletivo.

⁴³ Na página 227, Margarida comenta que essas determinações pertenciam ao Código Municipal de Fortaleza.



Mapa 12: Localização e situação– Casa A

Fonte: Elaboração de Lúcia Teles 2021 e tratamento de Vitor Vieira e Lúcia Teles

O lote da casa do tipo A difere nas suas dimensões quanto à posição que ocupa no terreno, implicando em quintais maiores ou menores. A planta-padrão possuía oito compartimentos: alpendre ou varanda, sala de estar, quarto 01, 02 e 03, cozinha, wc – banheiro e lavanderia.

No entanto, algumas modificações com o tempo foram realizadas. A mureta à frente da casa era recortada, apresentando assim um fluxo direto com a passagem da porta de acesso à residência. Outra constante entre as casas é o puxadinho⁴⁴ feito no quintal, que se destinava a depósito ou lavanderia (verificar Diagrama 02).

⁴⁴ Rearranjo equivalente, com as latadas ou puxadas encontradas nas casas de fazenda e casas de taipa nordestinas.



Diagrama 02: Casa A, Diagrama, Planta Baixa e Perspectivas 3D

Fonte: Fluxograma, Levantamento e Elaboração autoria de Lúcia Teles, 2021.

Essas casas eram térreas do tipo porta e janela com um pequeno alpendre na entrada. Possuem aproximadamente 65m² e o alpendre de 10m². Sobre o alpendre, o autor Carlos Lemos (1984) define melhor como se configura esse espaço na arquitetura domiciliar, que surgiu da exiguidade de conforto térmico, “impedindo as paredes externas de receber o calor dos raios do sol”, situando para “fora das paredes mestras”, podendo, ainda, ser um prolongamento do telhado principal sustentado por colunas ou abaixo do beiral.

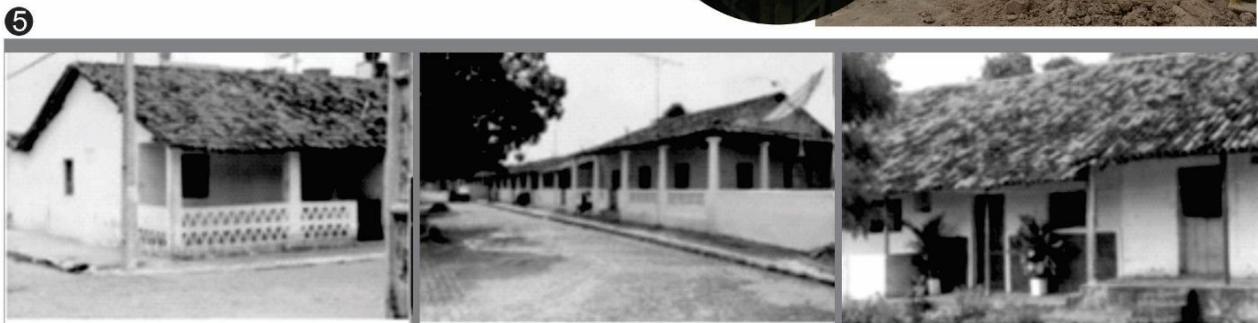
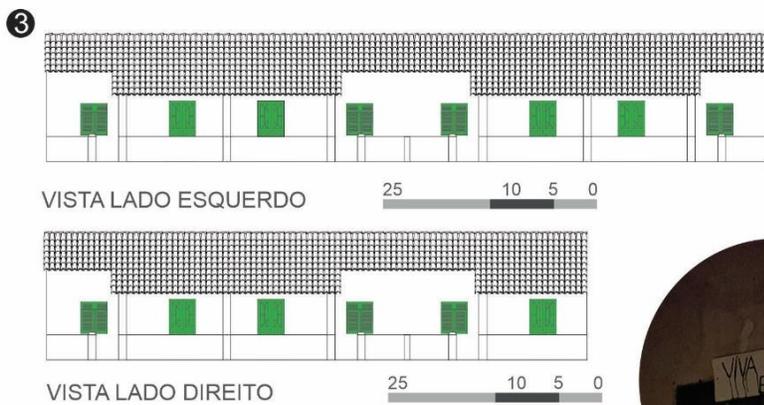
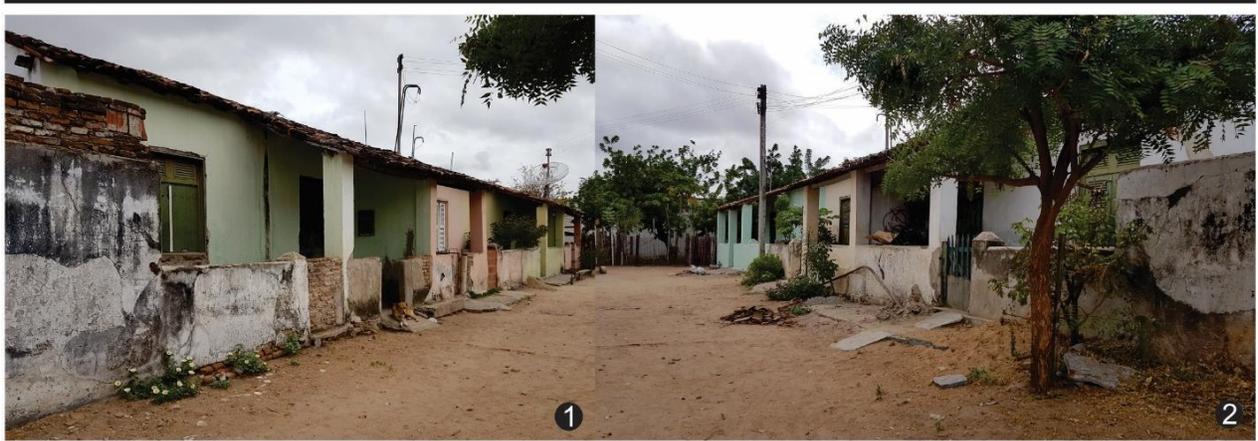
Essa feição é bastante encontrada no Nordeste, onde as características são semelhantes ao formato mais frequente de vilas operárias, conforme descreve Telma de Barros Correia (1998: 123):

As moradias nos núcleos fabris brasileiros revelam influências diversas em termos de estilo. A forma mais usual- casas térreas conjugadas em longos blocos – remete ao padrão de moradia urbana no período colonial. Às vezes, esses blocos de moradias surgem com um alpendre frontal- como em Rio Tinto, Paulista, Pontezinha etc.-, recuperando um elemento presente em senzalas no Nordeste e nas moradias das missões jesuítas junto aos índios guaranis.

Assim, revertendo-se as senzalas e os antigos cortiços, a habitação econômica e salubre tinha por finalidade a “individualidade do corpo”, ou seja, correspondia a privacidade aplicada ao modo de vida compartimentada ao novo lar íntimo, “afastando as casas das ruas e dos vizinhos” (CORREIA, 1998).

Assim, vista em conjunto, a união dessas casas em série acompanha o ritmo simples dos pilares, esquadrias, e porção do telhado, que protege do sol o pequeno alpendre. A dimensão estreita da rua, que mede em torno de 56m ao acesso às casas do tipo A, implicou estreitamento na convivência, afetando a vida dos moradores, observada em uma inscrição à frente da casa com a frase “viva e deixe eu viver” (Figura 23).

Além do alpendre, que se prolonga da coberta e se repete ao ritmo das entradas de acesso às casas, há um jogo volumétrico do telhado na parte detrás dessas residências que propicia melhores condições térmicas.



Núcleo fabril criado pela Cia de tecidos Rio Tinto-PB, 1995
 Vila operária no Cotonificio Othos Bezerra de Mello S.A, 2003
 Núcleo fabril criado pela Fábrica de Pedra, 1995

①② Proximidade das casas de 5,6m aproximadamente

④ Detalhe da convivência com a proximidade das casas

③ Vistas das fachadas em série

⑤ Semelhança de casas, fotografias de Philip Gunn 1998

Figura 23: Fachada do conjunto casas- A e alguns detalhes

Fonte: Philip Gunn -1998, imagens, desenho técnico e elaboração de Lúcia Teles 2021

Seguem, ainda, comentários sobre latada e seus usos, formulados por Saia, aplicando-se a latada das casas do tipo A, com prolongamento de uma das águas.

Observei que a latada surgia das maneiras mais variadas: um edifício com alpendre de influência ibérica (cuja cobertura é construída pelo prolongamento de uma das águas do telhado); no Sul do Ceará, em diversos exemplos surgia duas vezes na mesma habitação; em certas regiões encontrei uma verdadeira orgia de alpendres e latadas circundando quase totalmente a habitação. Mesmo pondo de parte o problema da sua procedência, a latada só pode ser explicada como um elemento de mestiçagem, pois frequenta o mesmo tipo de habitação cujos detalhes técnicos e planos são idênticos aos da casa popular nordestina em que ela não existe. É evidente, portanto, que se trata de uma peça incorporada à casa sertaneja, juntamente com traços de cultura pastoril e que, por outro lado, se conversou fiel, quanto à técnica de fatura e mesmo de aproveitamento, à experiência da solução que veio a mestiçar-se (Saia, 1939, *apud* Clóvis e Adelaide GONÇALVES, p. 45).

Por serem casas em série, as paredes laterais são comuns, ou seja, conjugadas, fazendo com que a ventilação e a iluminação das esquadrias sejam provenientes das fachadas frontal e posterior. E apesar da aparência das fachadas com as casas rurais, a estrutura interna da casa do tipo A expõe condicionantes da casa unifamiliar, com dimensões nem tão reduzidas, de cozinha adaptada aos novos utensílios, no lugar do fogão a lenha e banheiro integrado ao corpo da casa.

Internamente, a casa possui três quartos. Provavelmente, todos eram interligados por portas, para acesso e melhoria de iluminação e ventilação. Na residência visitada, a porta do primeiro para o segundo quarto está fechada. Da sala de estar, são acessados os dois primeiros quartos, e a cozinha, que tem espaço bem reduzido. Existe apenas um banheiro praticamente do lado de fora da casa, mas ainda conectado à edificação. As casas possuem quintal ao fundo.

O piso da casa é cimentado em todos os ambientes. Somente banheiro e cozinha possuem ladrilho hidráulico com dois tons: cinza e vermelho. As esquadrias possuem bandeirola de ventilação nas portas internas. As portas da frente, externas, são de madeira com duas páginas.

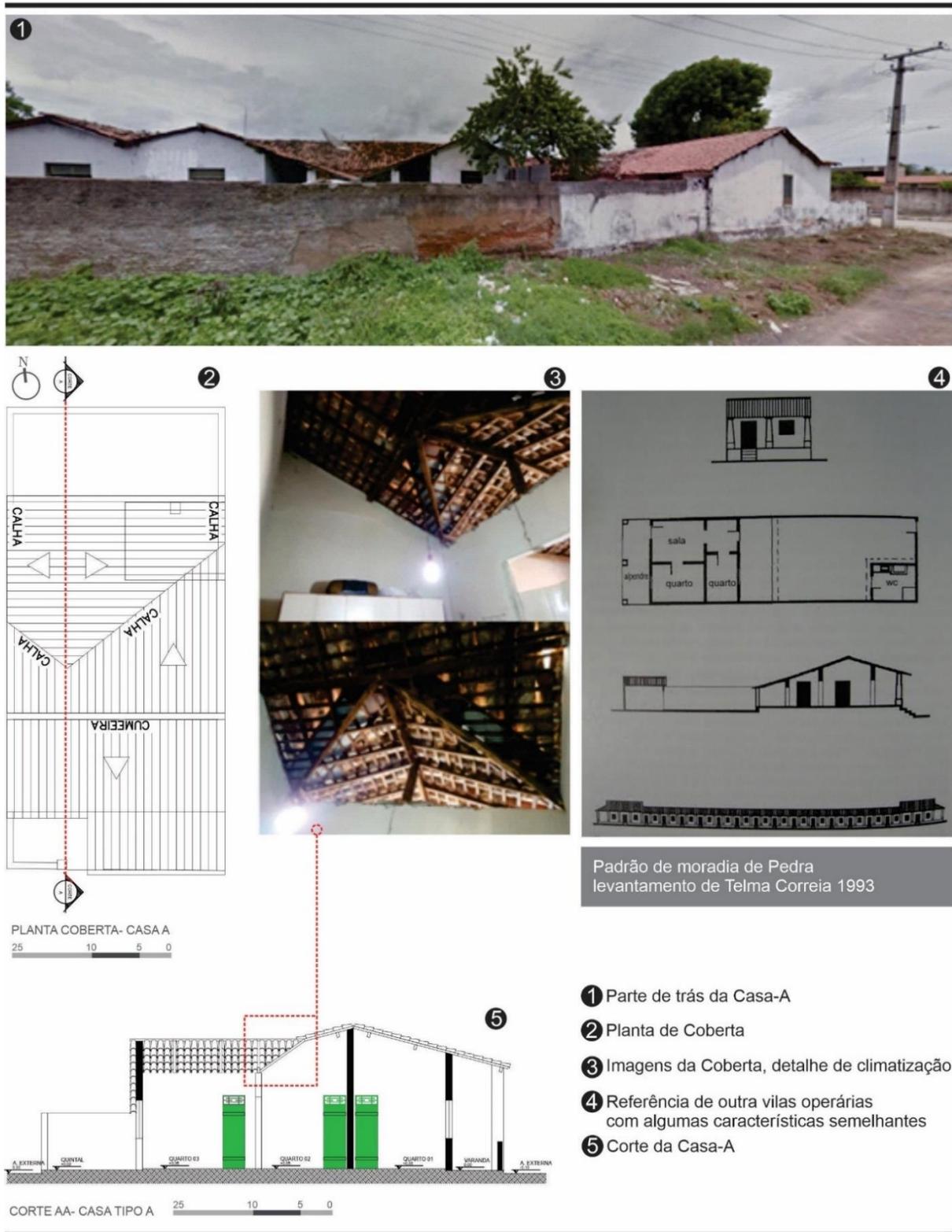


Figura 24: Detalhes da Casa- A

Fonte: Telma Correia 1993, imagens, levantamento, desenho técnico de Lúcia Teles

As imagens atuais da residência – **Figura 24** – evidenciam que os revestimentos do banheiro e acima da pia de cozinha foram substituídos por novos revestimentos, mais contemporâneos, de cerâmica.

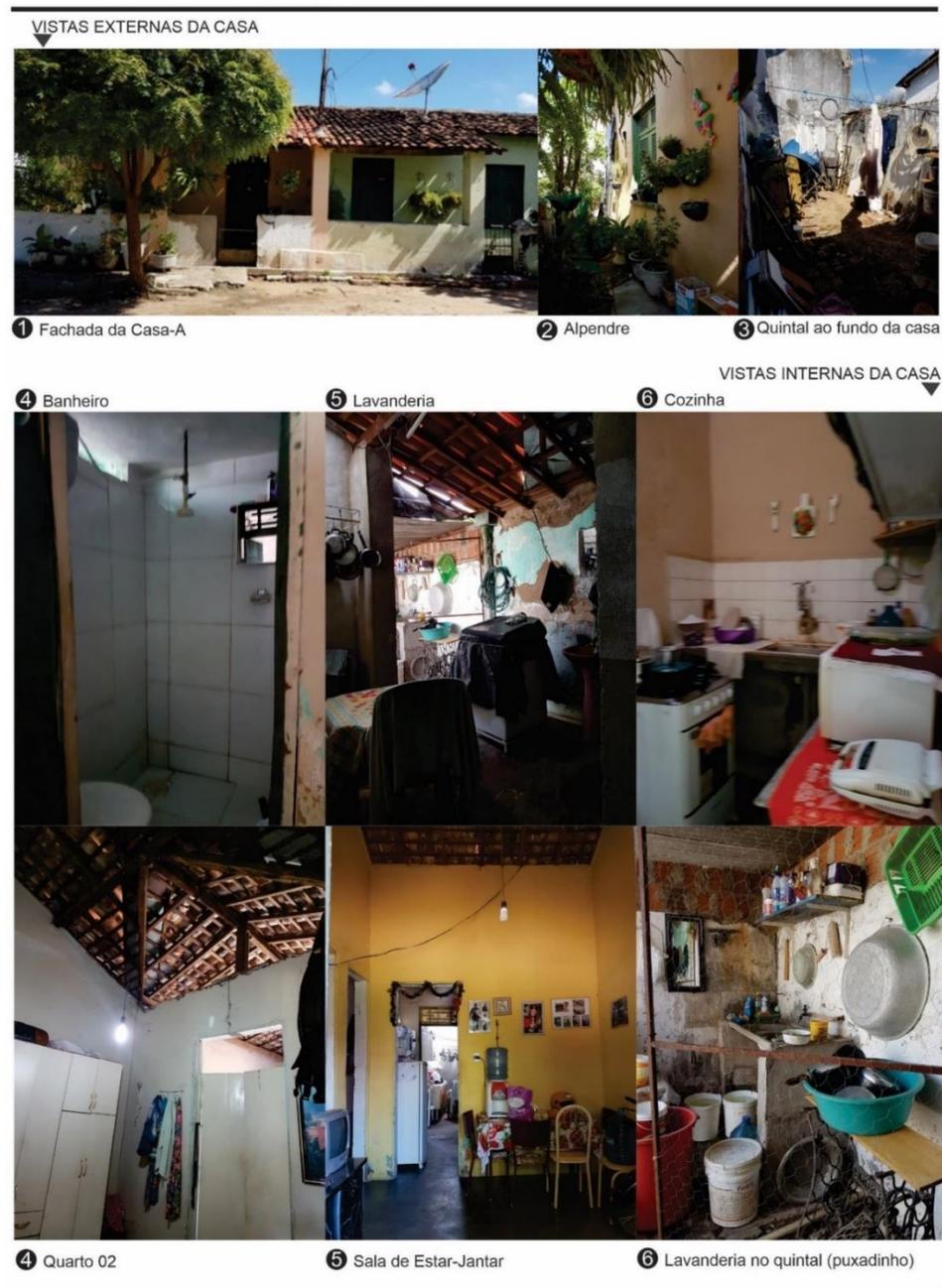


Figura 25- Vista externa e interna - Casa A

Fonte: Fotografias de Lúcia Teles 2019 e 2020.

CASA DO TIPO B



Mapa 13 – Localização e situação – Casa B

Fonte: Elaboração de Lúcia Teles 2021 e tratamento de Vitor Vieira e Lúcia Teles 2021.

As casas do tipo B (acima, no Mapa 13) são implantadas geminadas duas a duas. Denotam risco neocolonial. Têm geralmente tamanhos iguais, com área construída de aproximadamente 90m². As casas estão para a rua Trajano de Medeiros, a principal via que levava à entrada da fábrica. São as habitações dos funcionários mais especializados ao tempo da construção desta vila, e possuem melhorias, se comparadas à casa do tipo A.

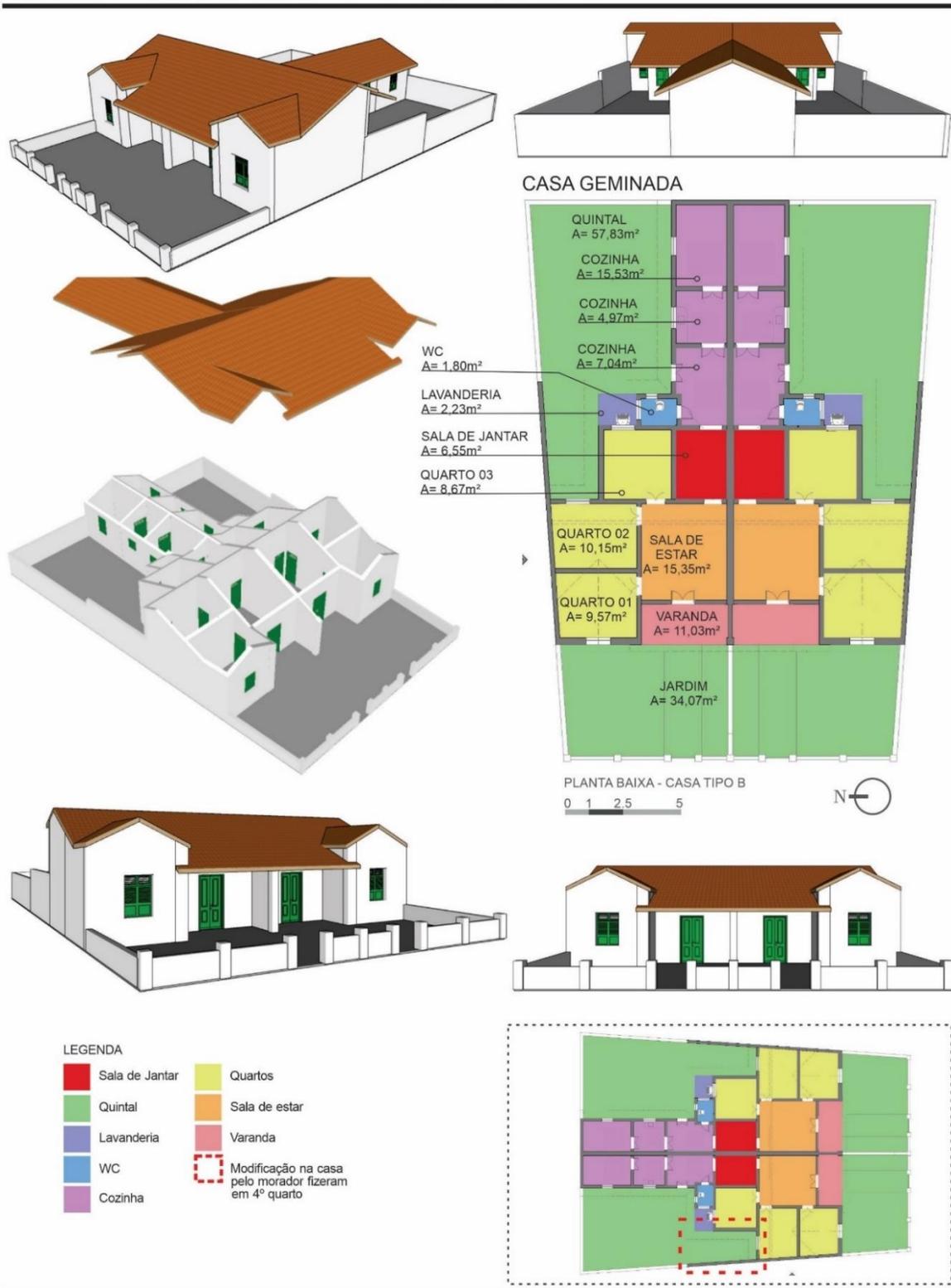


Diagrama 03 - Casa B, Diagrama, Planta Baixa e perspectivas 3d.

Fonte: Fluxograma, Levantamento e elaboração autoria de Lúcia Teles, 2021.

A planta baixa da casa do tipo B – como pode ser visto no Diagrama 03 – tem onze ambientes: a varanda, sala de estar, sala de jantar, quarto 01, 02 e 03, WC-banheiro, lavanderia e três vãos destinados à cozinha. A casa possui jardim em sua porção frontal e na parte posterior, quintal, geralmente utilizado com varais da lavanderia.

A casa ganha distância do pequeno muro e dos transeuntes da via pública, melhorando as condições de privacidade. A varanda que acolhe a entrada ameniza a climatização para a sala, onde desta partem o acesso aos quartos. Da sala para o final da residência, os ambientes são ligados pelo acesso a portas com bandeirolas. A sala de jantar é o único vão confinado, sem ligação com a área externa, enquanto os demais possuem janelas para o quintal. A lavanderia, o banheiro e parte da cozinha que possui a pia de lavar louça, têm proximidade, o que confere economia à parte hidráulica.

A coberta possui alturas diversas em determinados pontos da casa, onde o pé-direito mais alto se encontra nas áreas mais nobres, como os quartos, sala de estar e jantar. O restante da casa possui o pé-direito mais baixo, localizado na área de serviço, como se vê na Figura 25.

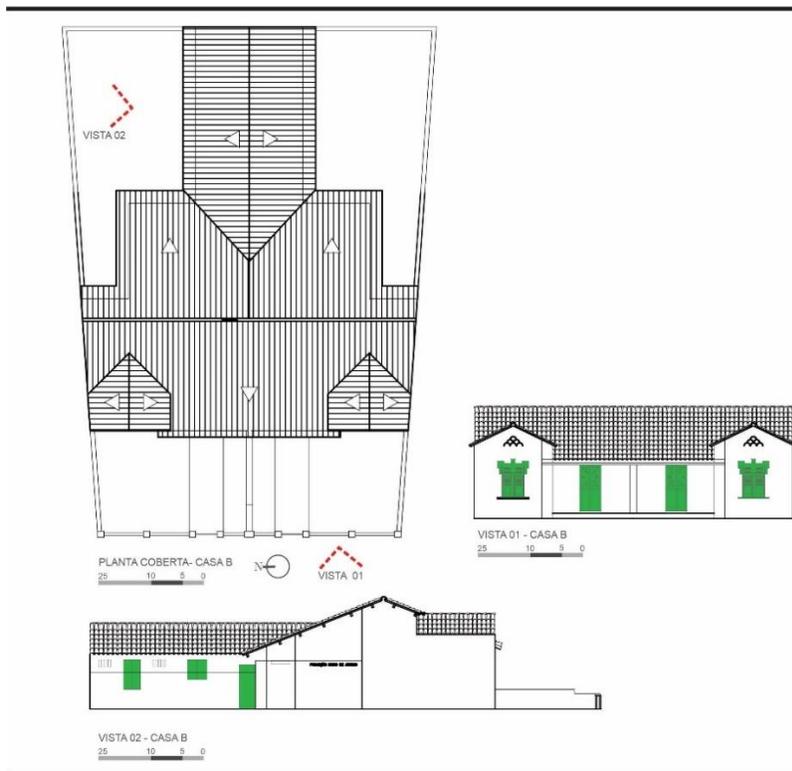


Figura 26- Coberta e vistas- Casa B

Fonte: Levantamento e elaboração de Lúcia Teles, 2020.

A casa geminada confere certo movimento, relativo à posição dos seus compartimentos, auxiliando na iluminação e ventilação dos cômodos. Incorporando trecho da varanda, existe um quarto na terminação da casa. Nestes prolongamentos, o telhado ganha certa demarcação de frontões que interceptam a coberta e concedem a estética e a aparência de chalé suíço.

Nas primeiras décadas do século XX, os chalés que povoaram a paisagem dos subúrbios brasileiros também se difundiram amplamente em vilas operárias e núcleos fabris. Remetiam a modelos europeus, incluíam ornatos ou assumiam formatos despojados, mas tinham, também, um viés de arquitetura neocolonial. Segundo Antique,

Não haverá mais estranho do que esta repugnância que sentem alguns em adotar o tradicionalismo do país, quando nada mais fazem que importar todos os tradicionalismos exóticos. Em lugar da casa brasileira, o que se constrói é o chalé suíço, é o bangalow [sic] das colônias britânicas (*O Estado de São Paulo*, 1926 a:4 *apud* ANTIQUE, 2007: 283).

Essa solução também foi evidenciada nos estudos de Margarida Andrade (1990) dentro das vilas Diogo e São José, assim como a forma econômica de que as instalações possuíam proximidade.

Uma das casas visitadas foi ampliada pelos moradores com o aumento de um 4º quarto, espaço demarcado no diagrama 03. O banheiro foi descaracterizado com a utilização de revestimentos contemporâneos – a cerâmica. Ademais, a casa possui piso cimentício e de ladrilho hidráulico em duas tonalidades: cinza e vermelho.



▲
VISTAS EXTERNAS DA CASA



▲
VISTAS INTERNAS DA CASA

Figura 27 – Vistas externas e internas – Casa B
Fonte: Fotografias de Lúcia Teles 2019 E 2020.

CASA DO TIPO C



Mapa 14 – Localização e situação– Casa C

Fonte: Elaboração de Lúcia Teles e tratamento de Vitor Vieira e Lúcia Teles 2021

A casa do tipo C, mapa 14, era a mais próxima dos portões da fábrica. Fisicamente, era a que mantinha o controle sobre a entrada e saída da fábrica e da vila. Apresenta todas as laterais soltas dos limites do lote. Possui maior número de esquadrias. No ponto central da casa, observa-se um espaço de circulação, denominado, pelos habitantes, de *hall*, que dá acesso aos diversos ambientes.

Possuía apenas oito ambientes: varanda, sala de estar, cozinha, o WC-banheiro interno, quarto 01, 02 e 03, e a lavanderia ao fundo da residência como se vê no Diagrama 04. A casa serviu de vários usos, entre eles, de escritório administrativo. Também com o tempo foram acrescentados banheiros externos e uma “puxada” coberta no quintal.

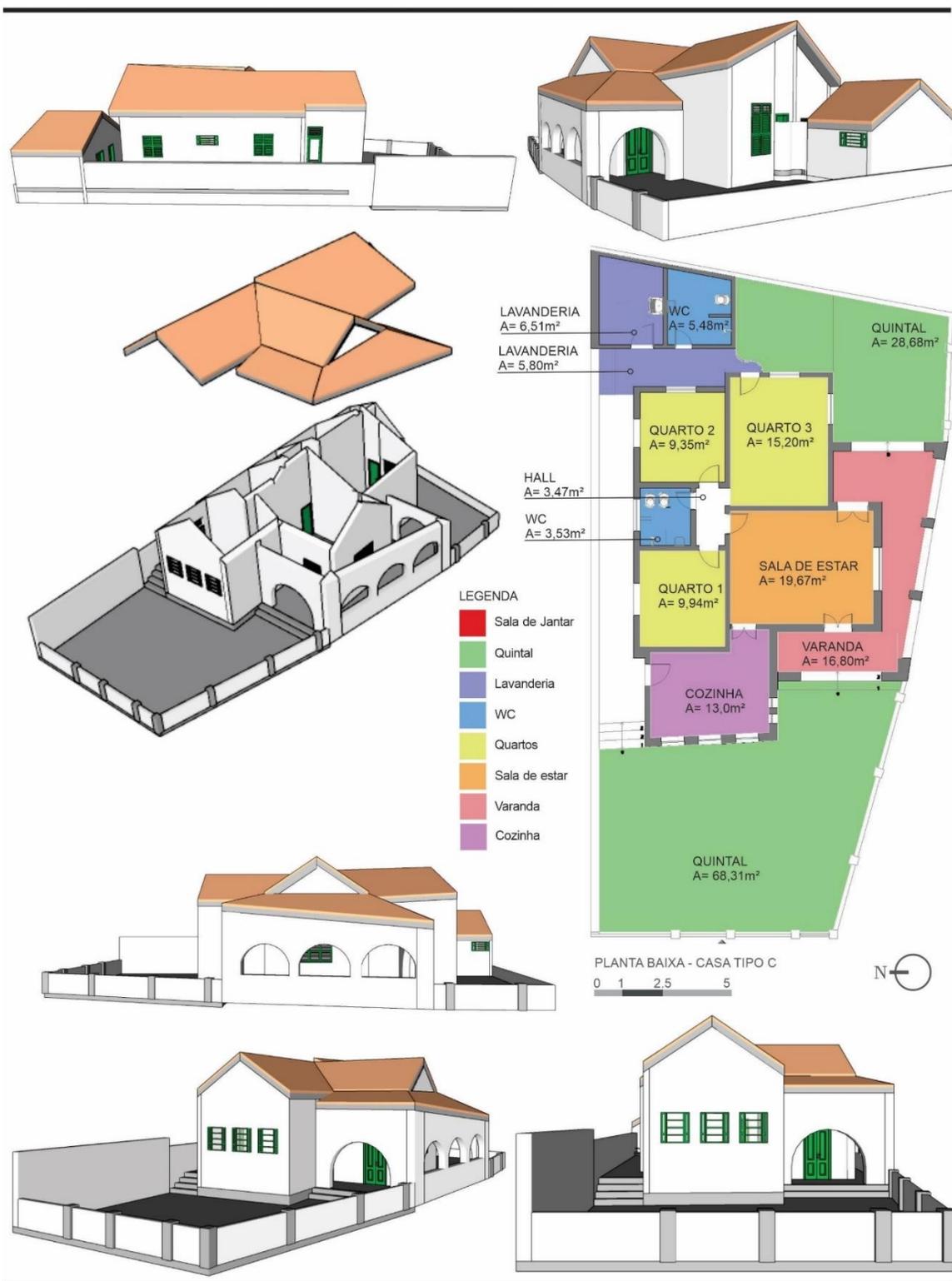


Diagrama 04 – Casa C, Diagrama, Planta baixa e perspectivas 3D

Fonte: Fluxograma, Levantamento e Elaboração autoria de Lúcia Teles, 2021.

Esta casa, do tipo C, exibiu traço neocolonial, mais especificamente referência ao estilo Missões. O estilo procedeu dos Estados Unidos, no século XIX, em áreas que eram de origem hispânica – Mission Style (ANTIQUE, 2007).

A fachada da residência do tipo C, visitada, possuía vasto movimento com envasaduras, concorrendo a ideia de cheios e vazios pela frequência e ritmos dos arcos de demarcação de entrada principal, típica de repertório missioneiro e/ou neocolonial, com estiletas frequentes, alpendres com arcos, janelas venezianas.

A cobertura possuía movimento de alturas, as paredes auxiliavam o seu peso. A casa era toda em alvenaria de tijolos, pilares em concreto, e cada compartimento possui aberturas de janelas para ventilação e iluminação, sendo os quartos (2 e 3) e a cozinha contando mais de uma janela.

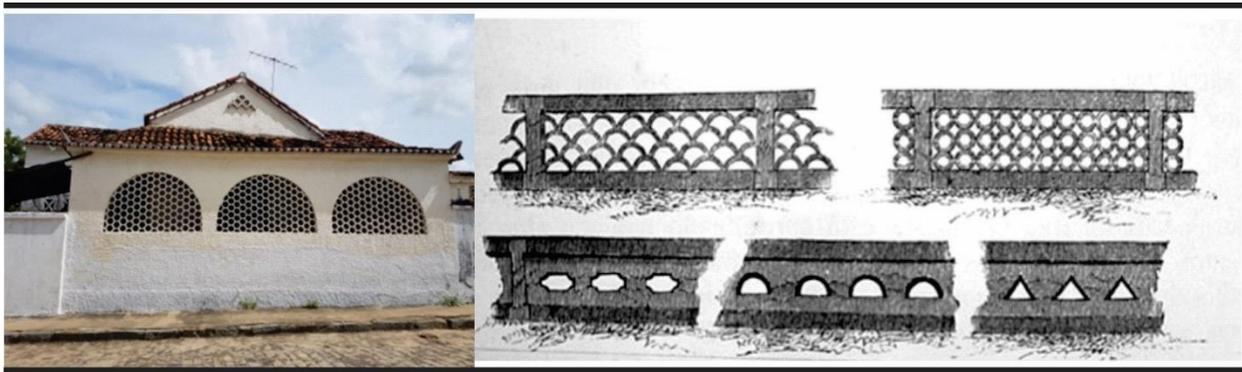


Figura 28- Elementos vazados – Casa C

Fonte: Imagens google e elaboração autoria de Lúcia Teles 2021

Esta residência possuía forro em régua de madeira pintadas na cor branca, luminária em estilo *art déco*, veja Figura 28. O piso era revestido com mosaicos, sendo um colorido com composição aleatória, e outro em preto e branco com motivos de desenhos precisos. Na área externa, utiliza-se o ladrilho xadrez nos tons cinza e vermelho.



▲ VISTAS EXTERNAS DA CASA

VISTAS INTERNAS DA CASA ▼



Figura 29- Vistas externa e interna– Casa C

Fonte: Fotografias de Lúcia Teles 2019 e 2020

Vila nova, inaugurada em 1965

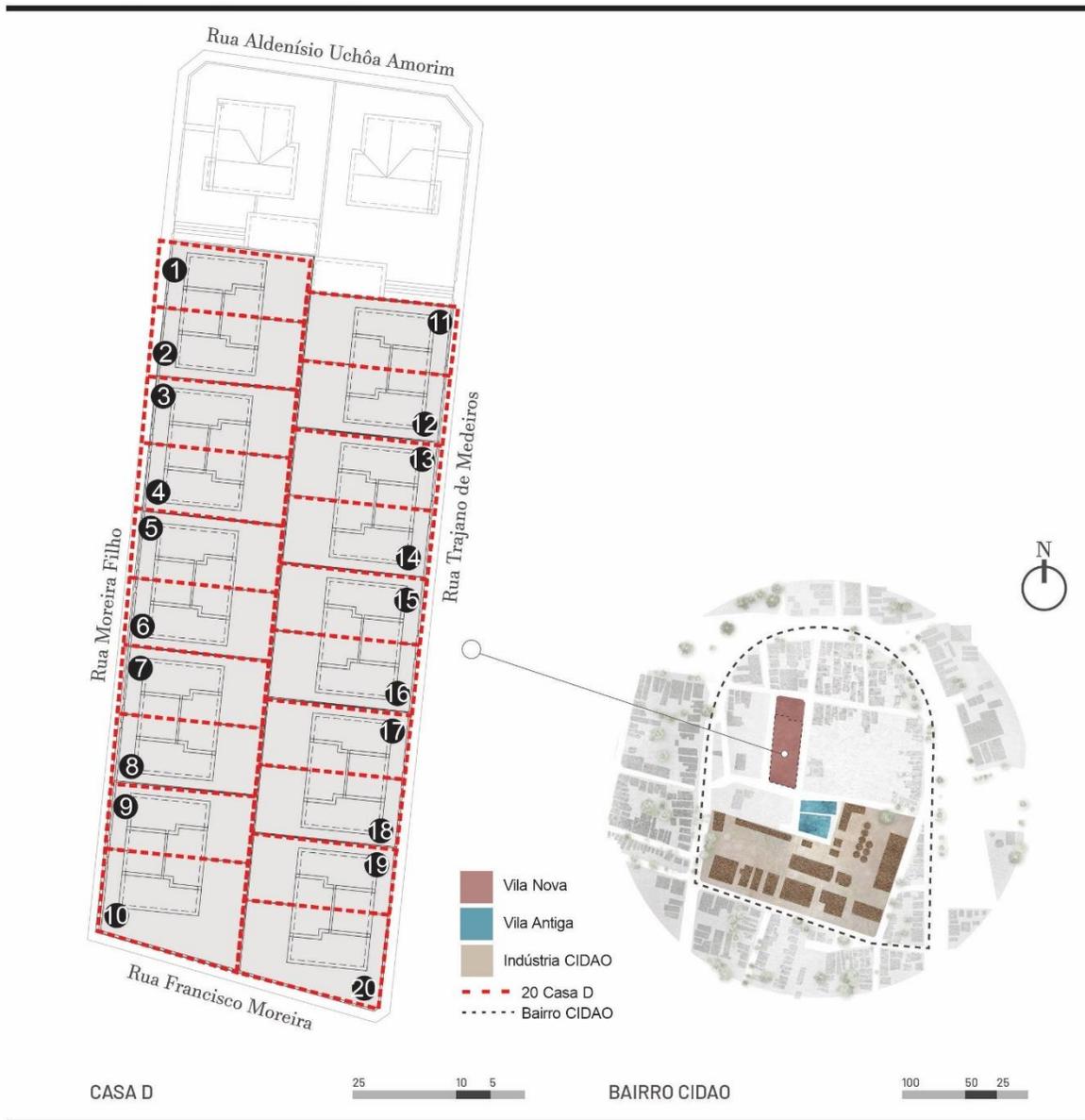
A Vila nova é composta de 20 casas da tipologia D (Figura 30) e duas da tipologia E (mapa 15). Sua implantação adquire o quarteirão moderno, com configuração aberta para as adjacências.



Figura 30: CIDAO- Vila Nova (1950-1965)

Fonte: Autoria de Lúcia Teles, 2021.

CASA Tipo D



Mapa 15 – Localização e situação– Casa D

Fonte: Elaboração de Lúcia Teles e tratamento de Vitor Vieira e Lúcia Teles 2021.

Ante as tendências internacionais sobre o habitar moderno, as técnicas construtivas, a casa higiênica e de caráter modular, são replicadas como forte linguagem, haja vista a memória e a perspectiva urbana na paisagem do bairro.

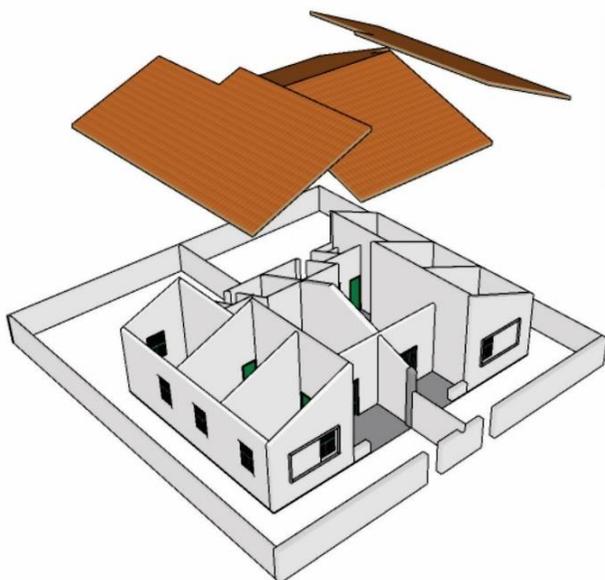
A casa do tipo D foi inaugurada em 1965. Possui três lados soltos para o lote, presa somente pela parede conjugada que espelha a casa e que a faz ser uma tipologia geminada. O afastamento dos lotes laterais, em um dos lados, permitia alguma privacidade entre as residências. A casa possuía esquadrias de madeira com molduras e algumas outras de vidro com abertura basculante. Há na planta a adoção de *hall* para distribuição dos fluxos de divisões de outros ambientes. A casa comporta nove ambientes: varanda, sala de estar, quarto 01, 02 e 03, WC-banheiro, cozinha e lavanderia (Veja Diagrama 05).

A casa tipo D aspira as qualidades técnicas do habitat moderno, com espaço útil, racional, que organiza o espaço, com os compartimentos salubres e de forma econômica. Segundo Correia (2013), na década de 1950, a arquitetura moderna e o urbanismo dos CIAMS se firmam em projetos feitos por especialistas, com referências a modelos europeus ou americanos.

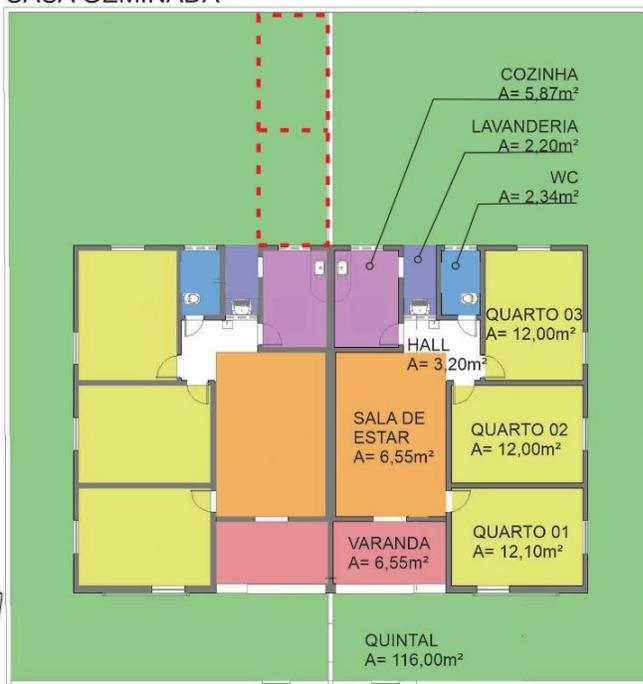
Outras propostas do CIAM de Frankfurt seriam citadas no Congresso de Habitação de 1931. Alexandre Albuquerque, em sua tese intitulada “Códigos Municipais de Obras”, ao discutir a abrangência dos Códigos de Obras, criticava a persistência de regras, como a questão do pé-direito, onde era considerado sobretudo a noção de cubagem. Para tal, cita Le Corbusier e a sua concepção de uma “justa escala humana” (Correia, 2004, 69), com ressalvas, sem pretender chegar ao “limite de considerar a casa como ‘máquina de habitar’”. No entanto, considerava que “somos forçados a tomar a altura do homem como ponto de partida para a fixação do pé-direito” (Albuquerque, 1931, 285). Assim, propunha, que “os pés-direitos de 2,20m, com ventilação permanente, já obrigatório, podem ser permitidos. Tratando-se de ‘mínimo’, ficará ao critério dos proprietários e dos arquitetos adotar alturas mais elevadas” (Albuquerque, 1931: 28 *apud* Freitas Maria Luiza de, 2005:82 e 83).

Assim, os CIAMS propunham entre outros, a técnica construtiva que passa a receber economia a partir de áreas mínimas dos cômodos, com *standardização* da habitação, fabricação em grande escala, tornando-se secundária a questão dos ornamentos e buscando o máximo de utilidade.

Esta residência, então, caracterizava-se por um partido de fachada moderna. A simplicidade repetitiva da forma cúbica confere movimento à volumetria, com destaque para o telhado inclinado. A edificação apresenta sistema construtivo em alvenaria de tijolos, pilares em concreto, revestimento de meia parede nas áreas molhadas, com a utilização de azulejos brancos e mosaicos coloridos. Possui ladrilho hidráulico e piso em taco de madeira nos quartos.



CASA GEMINADA



PLANTA BAIXA - CASA TIPO D

0 1 2,5 5



LEGENDA

- | | |
|------------|---|
| Quintal | Quartos |
| Lavanderia | Sala de estar |
| WC | Varanda |
| Cozinha | Modificação na casa pelo morador fez copa, despensa |



Diagrama 05- Casa D, diagrama, planta baixa e perspectivas 3D.

Fonte: Fluxograma, levantamento e elaboração autoria de Lúcia Teles, 2021.

De maneira econômica, a caixa-d'água foi locada acima do banheiro, configurando proximidade com a lavanderia e cozinha. A coberta possui um jogo de inclinações opostas (ver Figura 31) que retira a monotonia cúbica da fachada, deixando a com movimento.

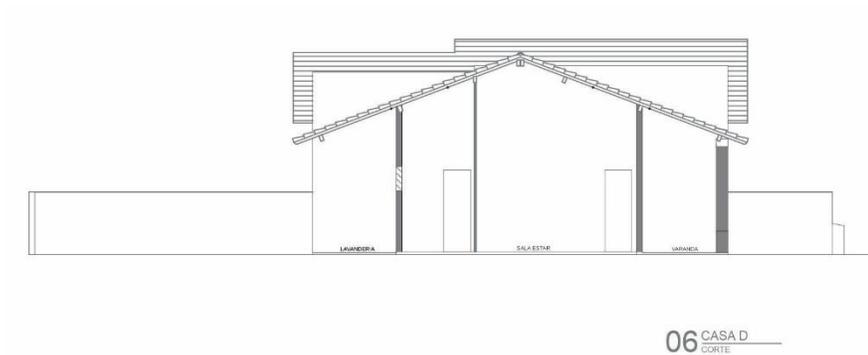


Figura 31: Corte da Casa D

Fonte: Levantamento e elaboração autoria de Lúcia Teles, 2021.

A maioria das residências, possuíam muro baixo, diante de uma longa fileira de casas em um quarteirão comprido, diante das modificações dos moradores, algumas casas ganharam muro alto e na parte dos fundos fizeram um complemento como visto no Diagrama 05.

Por serem casas mais novas do que as da Vila Antiga, despertaram o interesse em locá-las para funcionários na hierarquia de cargos mais altos da empresa. Esta visão distributiva de moradia hierárquica era muito corriqueira para as vilas operárias de outras localidades vistas a exemplo, em São Paulo, por Blay (1985), Alagoas, por Correia (1998) e Fortaleza, por Andrade (1990).

Na visita *in loco*, constatamos uma presença maior de inquilinos que moravam sob condições de locação, sem ter nenhum contexto com os antigos trabalhadores da CIDAO, ainda presenciados, que alguns moradores utilizam a residência com trabalhos manuais, tais como artes recicláveis e costuras de roupas.



▲ VISTAS EXTERNAS DA CASA

VISTAS INTERNAS DA CASA ▼

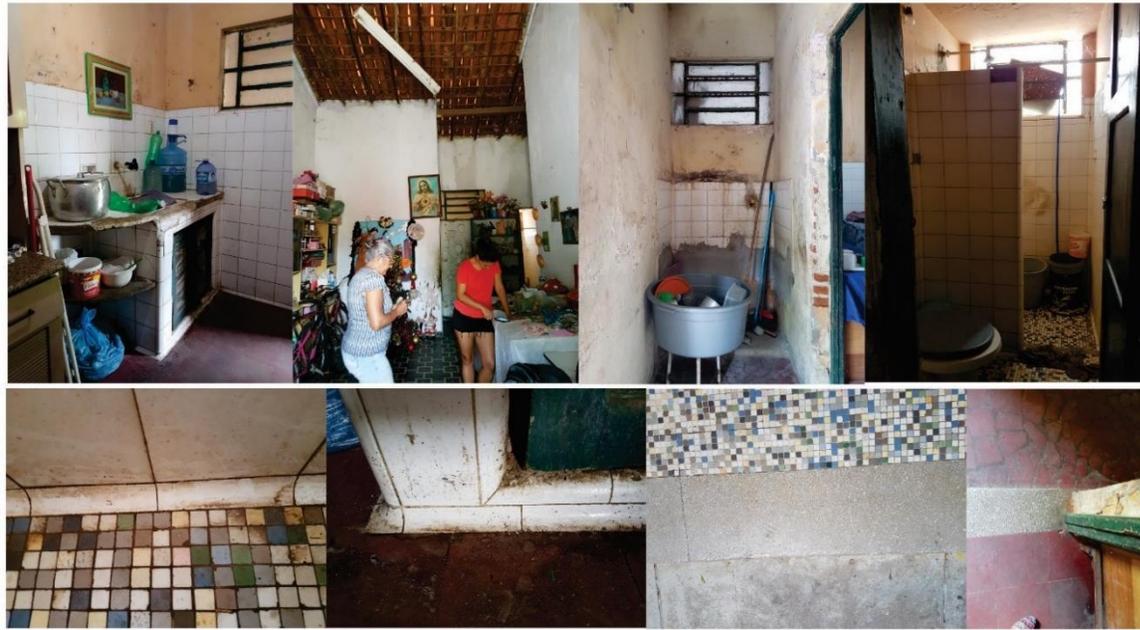
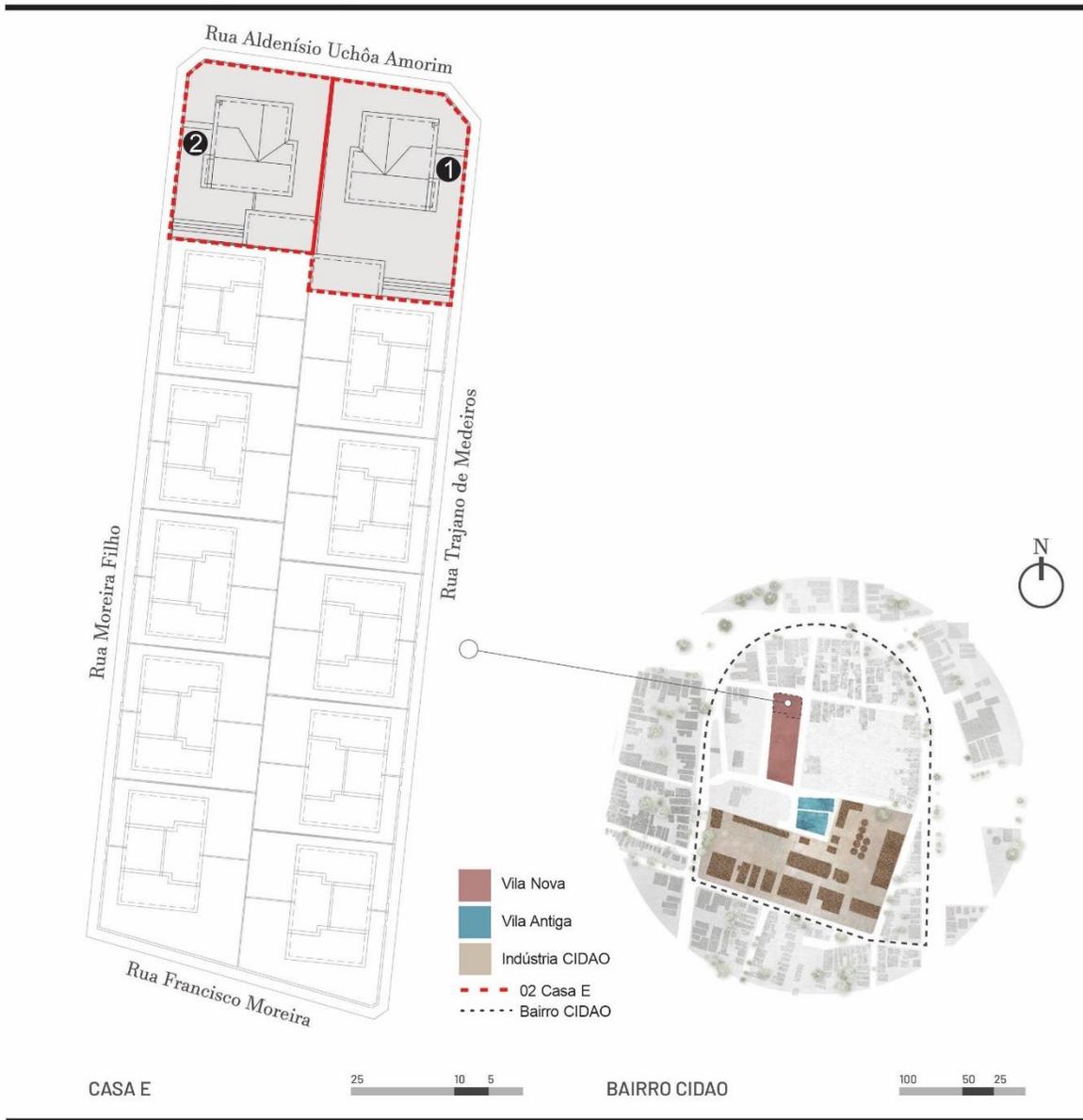


Figura 32- Vistas externa - Casa D

Fonte: Fotografias de Lúcia Teles 2019 E 2020.

CASA DO TIPO E



Mapa 16- Localização e situação – Casa E

Fonte: Fotografias de Lúcia Teles 2019 E 2020.

Na Vila Nova, duas habitações apresentam a tipologia E: uma do gerente comercial e, ao fundo desta, a gerência industrial configurando a hierarquização das casas.

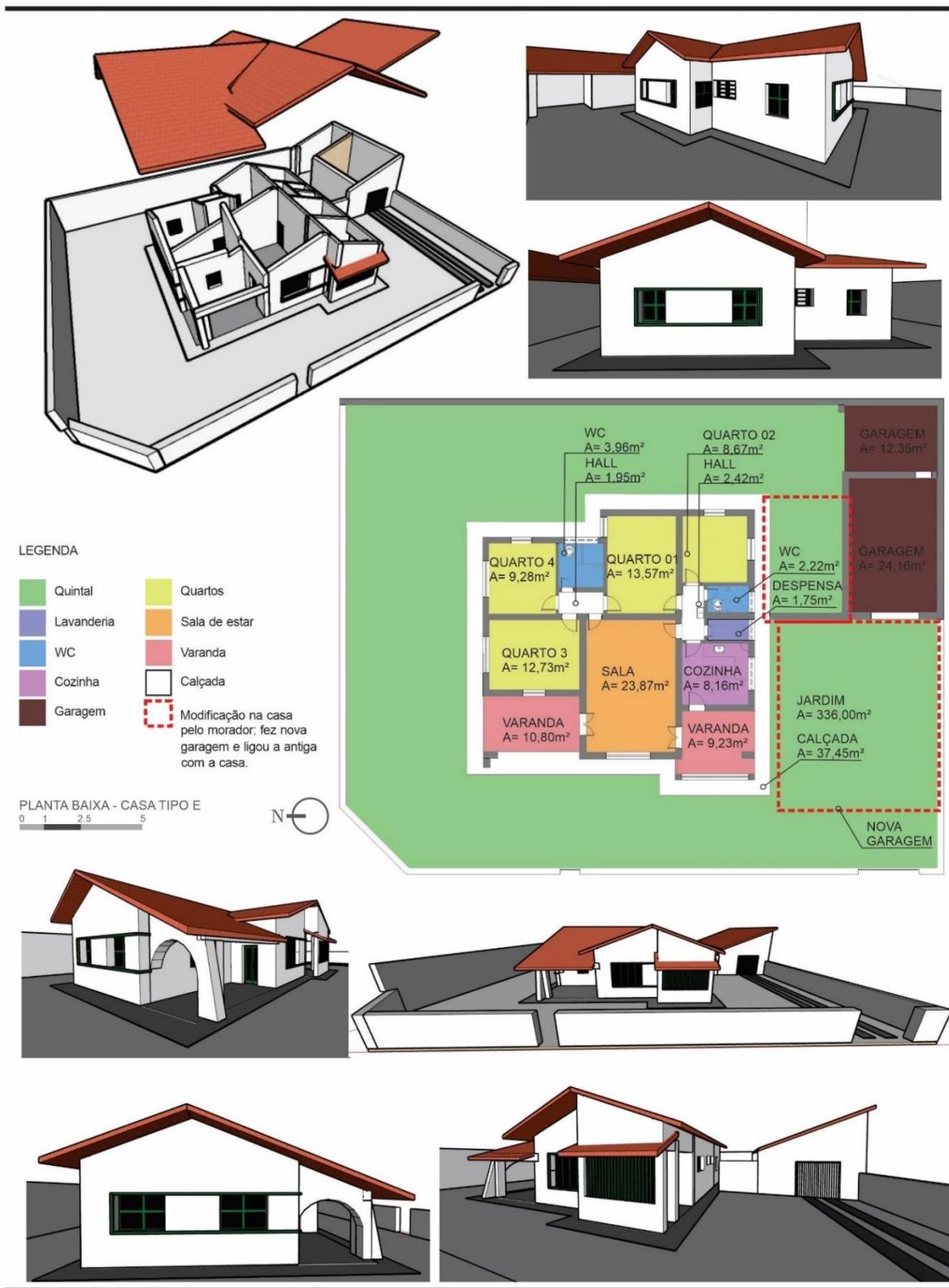


Diagrama 06- Casa E, diagrama, planta baixa e perspectivas 3D.

Fonte: Fluxograma, levantamento e elaboração autoria de Lúcia Teles, 2021.

A casa possui implantação solta ao lote. Tem edícula para garagem em uma das laterais do terreno. O carro, nessa unidade, passa a se tornar parte do programa doméstico, tanto daqueles anos como com relação ao poder aquisitivo do cargo que o profissional-morador obtinha da fábrica.

Na planta baixa, observam-se os *halls* para auxílio e distribuição de fluxo dos cômodos, dois banheiros dentro da habitação, duas varandas, que demarcam a entrada da área da sala de estar e outra por detrás dos *brises* que marca o acesso de serviço. Possuindo quatro quartos, cada ambiente ainda opera a sua climatização com suporte nas duas esquadrias, facilitando a circulação do ar, por último, um ambiente ainda não efetuado dentre as demais casas, uma despensa próxima à cozinha.

A casa de implantação solta e área para jardim, foi bastante veiculada a mídia e em congressos de habitação, a despeito desta tipologia, segue informações sobre o modo de vida e cultura aplicada a esse tipo de residência.

A proposta de uma modalidade de habitação de casa com jardim – o ‘cottage’ inglês ou ‘bungalow’ americano⁵² -, foi defendida por muitos dos palestrantes do Congresso de Habitação. Desde o século XIX, o jardim se tornou um elemento fundamental da vida burguesa (Hall, 1991). A vida doméstica, cercada pelo jardim, assegurava a privacidade e proporcionava, na opinião de muitos, um quadro ideal para a vida em família. Segundo o engenheiro carioca Marcello Taylor Carneiro de Mendonça, longe dos vícios (Freitas Maria Luiza de, 2005, p. 80).

As fachadas denotam movimento realçado por linhas retas, curvaturas dos arcos das varandas e angulações do telhado. Os arcos da varanda fazem referência ao estilo Missões, bangalô com elementos modernos – os *brises*. O piso era composto de mosaico nas áreas molhadas, de taco nos quartos de ladrilho hidráulico no restante dos compartimentos. As esquadrias eram moduladas, marcadas por molduras que englobavam as janelas e revestimento de mosaico. Esta tipologia era a única a possuir revestimento nas fachadas.

O telhado aponta várias águas, dando um certo dinamismo a composição da fachada. O sistema construtivo é em alvenaria de tijolos, pilares em concreto, revestimento de meia parede nas áreas molhadas. Essa edificação se distingue, por possuir mais mosaicos coloridos do que as demais, sendo aplicadas, na fachada, no piso externo e nas paredes e piso dos banheiros.

Na décadas de 1950 e 60, este tipo de arquitetura foi bastante reproduzido pelos iguatenses que possuíam condições financeiras, constituindo uma diferença gritante entre as casas dos proletariados.



▲
VISTAS EXTERNAS DA CASA

VISTAS INTERNAS DA CASA
▼

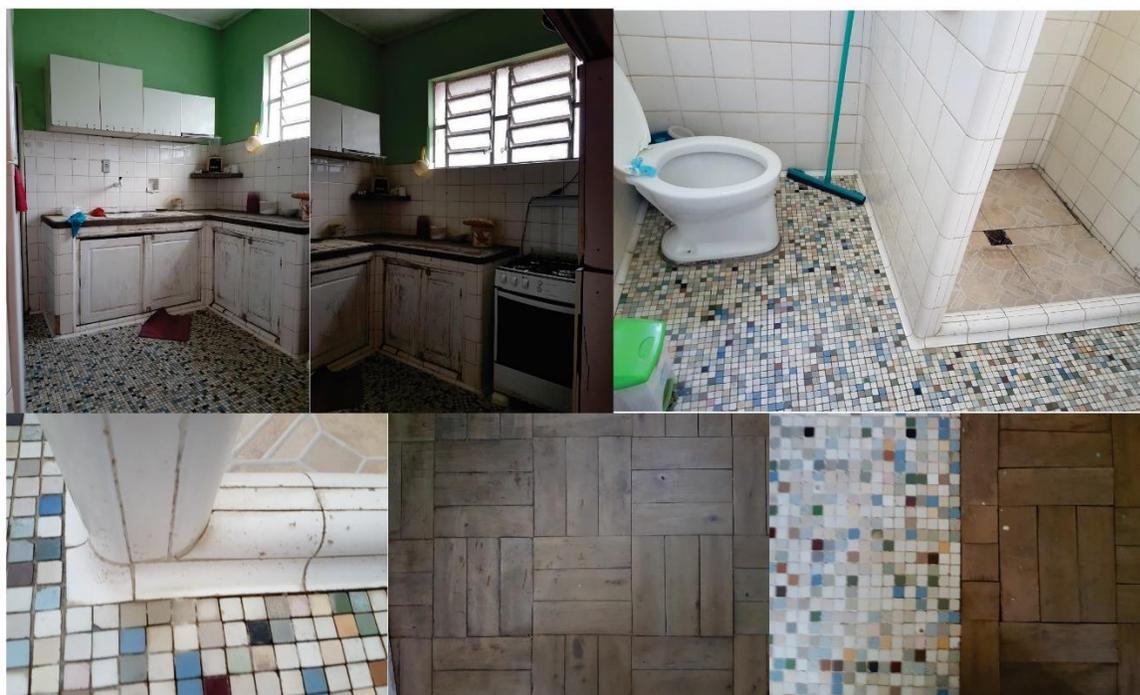


Figura 33: Vistas externas e internas da Casa E

Fonte: Acervo de Lúcia Teles, 2020.

Consta na diversa bibliografia sobre as vilas operárias, na lógica de produção, a unânime interpretação de ser um reflexo da origem escravocrata. Como, entretanto, poderia ocorrer, então, vilas operárias em lugares praticamente desprovidos de escravos como o Ceará? Esta ligação estaria aportada na posse da terra e fonte de poder que manipula e adquire mão de obra explorada.

A CIDAIO terá como estilo o neocolonial-missões. Como vimos, essa arquitetura é vinculada à transculturação. Obtém a padronização que ajuda no sentido de reprodução, na facilidade de execução pelo determinado conhecimento, mas, ao mesmo tempo, ela interpõe um vínculo alienante, tornando-se difícil almejar novas contribuições além de não elaborar o habitat conforme a climatização local.

No labirinto das tipologias⁴⁵, temos que prestar atenção ao que a pandemia da covid-19 nos mostrou, já que as vilas operárias vieram dos estudos para minimizar os problemas, inclusive, sanitários, das epidemias. A “casa máquina”, assim transmitida por Le Corbusier, gerou uma grande advertência no sentido de manutenção e pagamento das contas fixas produzidas pelas máquinas domésticas e do contexto fundiário de impostos.

Essa tipologia precisa ser pensada e executada para ser sustentável, permitindo uma melhor qualidade de vida para as famílias, já que o trabalhador se torna refém do valor fixo da manutenção da casa: energia, água e gás. Estes que, por conseguinte, são dominados por empresas estrangeiras, das quais muitas vezes não se solidariza ou valoriza a população, esta que adere a qualquer trabalho para cumprir com os pagamentos.

O novo modo de viver promovido pela arquitetura moderna para com o passado foi um grande marco de políticas públicas como a criação das carteiras prediais dos IAPs (BONDUKI, 1998). Sobre as condições do habitat humano, as relações entre o homem e o ambiente em que vive, porém, não foram de um todo examinadas ou abstraídas, conformando com a fuga da identidade do homem, da casa e do seu estilo de vida, mediante a transculturação e a cultura de massas, transmitidas pelas mídias e estudos patrimoniais como os que influenciaram o trabalho do arquiteto Lúcio Costa. Desta peculiaridade, em conjunto com a questão sustentável, renascerá a identidade das novas habitações pertencentes ao bioclima local.

⁴⁵ Os caminhos por uma arquitetura brasileira, intensificada com a Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922.

5- CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa, ora apresentada, segue o reconhecimento da memória das vilas operárias da CIDAIO, como preservação de patrimônio industrial. Contudo, para resgatar informações precisas a sua formação, encontramos um caminho que almeja interdisciplinaridade.

Diante da economia algodoeira, a indústria têxtil, é movimentada no interior cearense pelas Centrais de beneficiamento de algodão, veiculada pela Estrada de Ferro que capta a malvãcea do sertão para o litoral, participando ativamente do espólio do capital entre a rede de cidades.

Visto que para cada economia foi utilizada uma mão de obra propícia ao seu desenvolvimento, a indústria algodoeira dentro de uma cadeia estabeleceu novos espaços de dominação, desde a Guerra de Secessão, o nordeste, desvalorizado dentre as áreas brasileiras, foi o subúrbio indicativo de mão de obra barata ao cultivo do algodão. Assim o trabalhador livre, camponês, vira operário, porém de forma invisibilizada.

Sendo assim, as primeiras habitações operárias foram as barracas, efêmeras e sem saneamento, permissivas as epidemias ligadas à industrialização conforme o avanço da linha férrea e da engenharia de açudagem no interior do Ceará. As casas sanitárias surgem com os pontos das Estações do Trem, já a conformação das vilas operárias no Ceará se deu a partir das empresas estrangeiras de açudagem. Dentre as situações de calamidade perante as secas, algumas destas vilas, viram postos de trabalho dos proletários das secas, assim como nos Campos de Concentração, espaço este, de confinamento de moradia e trabalho.

Com a chegada do trem a Iguatu, abriram-se oportunidades perante o movimento de industrialização. As fábricas pioneiras localizam-se próxima a praça comercial da cidade e as fábricas modernas próximo a linha férrea, com isto a maioria das fabricas pioneiras tornaram-se lojas, bancos no centro da cidade e as modernas por possuir maiores dimensões, são alugados alguns galpões e outros viraram espaço de reciclagem de lixo como adaptação feita pelos proprietários.

Duas das principais centrais de beneficiamento a CIDAIO e a ACCO, trazem a linha férrea para dentro das suas dependências. São essas duas principais indústrias de poder, que trazem habitações operárias para seus funcionários, sendo a CIDAIO a que possui conformação de vila operária.

Iguatu, longe de ser um espaço conglomerado, traz assim como resposta direta que as vilas operárias do sertão surgiram a despeito da diminuição dos impostos para as indústrias e, ao mesmo tempo em que ofertou as moradias, também as controlou, captou e rentabilizou.

Em 1965, foi criada a Vila Nova, com duas tipologias de casas, dos tipos D e C. Além da casa, foram construídos outros equipamentos, dentre eles a escola e o clube, este que ficava localizado dentro dos muros da indústria. Conforme o que Margarida Andrade (1990) assinala sobre estes novos espaços, dentro do complexo industrial da CIDAO, as edificações compositivas da vila operária são, a indústria, a Vila Antiga, a Vila Nova e a escola⁴⁶; porém, o parque industrial, hoje, se encontra em reuso e adaptado, tornando-se o Campus Multi-Institucional Humberto Teixeira⁴⁷, para este nos cabe orientar ao patrimônio e conscientização da sua importância, além de adverti-los diante de uma postura de novas intervenções, tais como uma conduta de transformar sem mutilar as edificações, o qual podem apagar os últimos vestígios históricos e incremento de testemunhos de outras épocas. O que nos cabe ao encontro deste diagnóstico revela a importância fundamental de preservar a memória e leva ao tombamento de imediato das Vilas, ao ponto de perdê-las ente o desmonte da indústria.

Além da sugestão de tombamento, aconselho a “preempção”⁴⁸ (KUHL, 2018) ao poder público, angariando com cautela ao futuro dispersão dos moradores, enquanto a vila poderá ser revertida em moradia para os universitários, reintegrando a análise do reuso ao núcleo original da fábrica. A preempção reúne valor a outras situações similares.

Outra aplicabilidade para a promoção da região e vistas da paisagem que compõem o bairro é a restrição de uso e ocupação do solo, além do gabarito para as áreas envoltas, já que possuem áreas vazias, o que permite a questão imobiliária desenvolver edificações, tomando a vista e a memória afetiva e peculiar do lugar, além do abaixo-assinado para o reconhecimento dessas habitações.

Considerando esses aspectos econômicos que enfrentam as áreas preservadas, além do reuso à indústria em voga, almeja-se a sugestão para as casas da vila se adaptarem ao vínculo evolutivo da sustentabilidade com a parcimônia da utilização de novas tecnologias de fácil

⁴⁶ Esta edificação já não existe, fazendo parte do desmonte.

⁴⁷ Inaugurado em 2015 pelo Governo do Ceará, é considerado o maior campus universitário do interior do Nordeste, abrigando universidades como a UECE e a URCA.

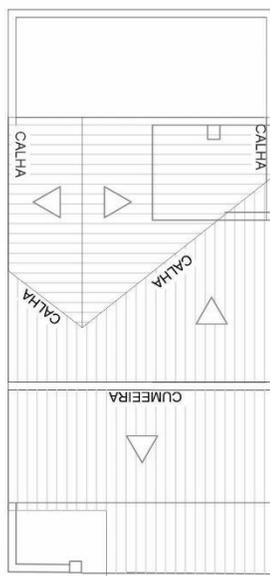
⁴⁸ Preempção é um termo do Direito, conciliação entre empregado e empreendedor.

aplicabilidade como placas solares, que auxiliariam as contas de energia e adequação aos futuros inquilinos. A casa C, antes espaço criado para acomodar os diretores que habitavam fora da cidade, visitantes ilustres, com o tempo, virou escritório dos diretores da indústria (ver TEXEIRA, 2007), é passível de virar um *coworking*, agregando um novo reúso para a casa, condizente com as necessidades dos moradores. Ateliê de artes, costura, de serviços em geral, vistos como trabalho dentro das casas, com a visita *in loco*, assim como para os futuros universitários.

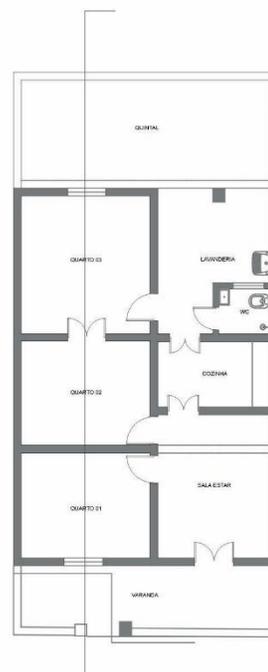
Haja vista o nosso objeto de estudo, que é a Vila Operária da CIDAO, analisamos a cidade, o bairro, sua situação e implantação, seu cotidiano (bairro, cidade, indústria), cada solução de Vila aplicada a partir da sua temporalidade construtiva (Vila Velha e Nova) e o inventário preciso com levantamento de cada tipologia (planta, corte, fachadas e cobertas) – além dos conceitos fundamentais com amparo numa rica bibliografia que aborda o campo disciplinar. Para tanto, esta pesquisa promoveu e contribuiu para o levantamento da arquitetura industrial cearense.

CASA A - LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

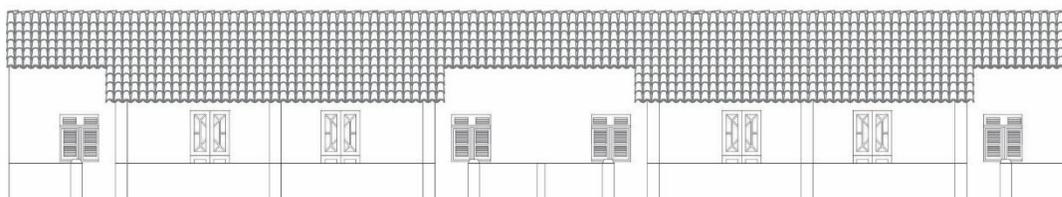
LOCALIZAÇÃO	IGUATU		
RESP INFORMAÇÕES	LÚCIA DE FÁTIMA CAVALCANTE TELES	ANO	2020



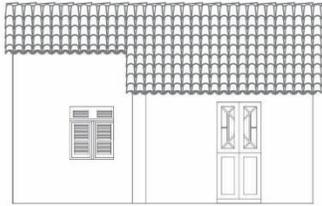
01 CASA A
PLANTA DE COBERTA



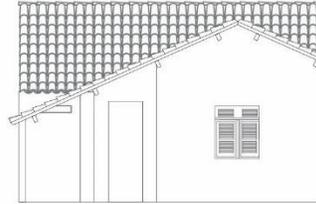
02 CASA A
PLANTA BAIXA



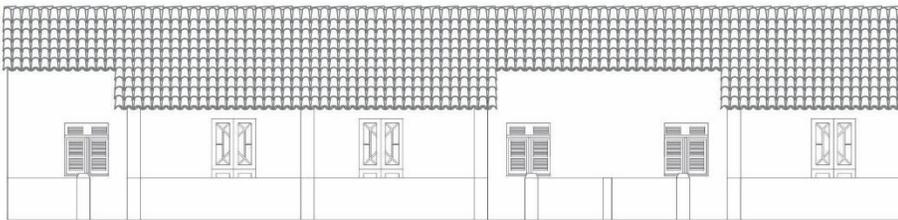
03 CASA A
VISTA CASAS CONJUGADAS



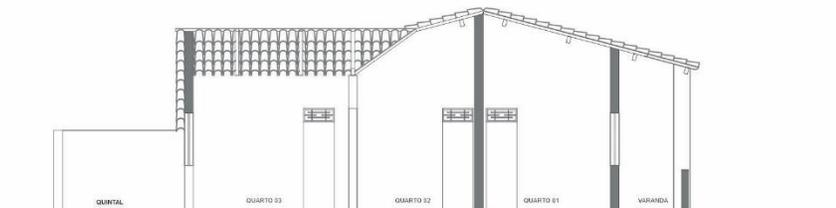
04 CASA A
FACHADA



05 CASA A
FACHADA POSTERIOR



06 CASA A
VISTA FRONTAL 3 CASAS

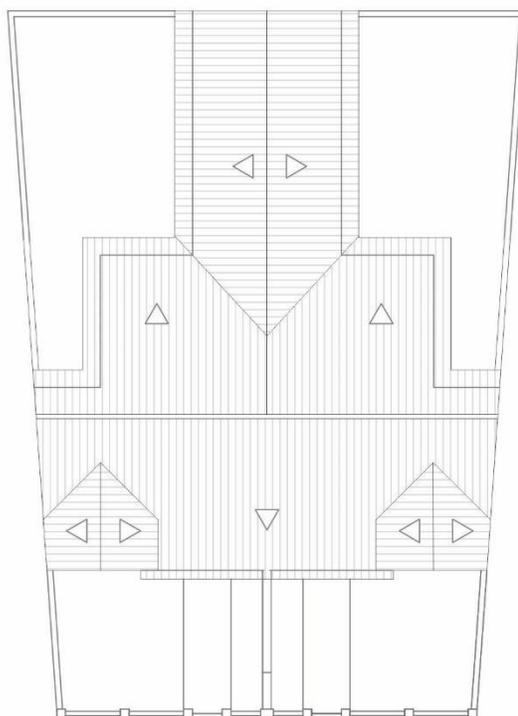


07 CASA A
CORTE



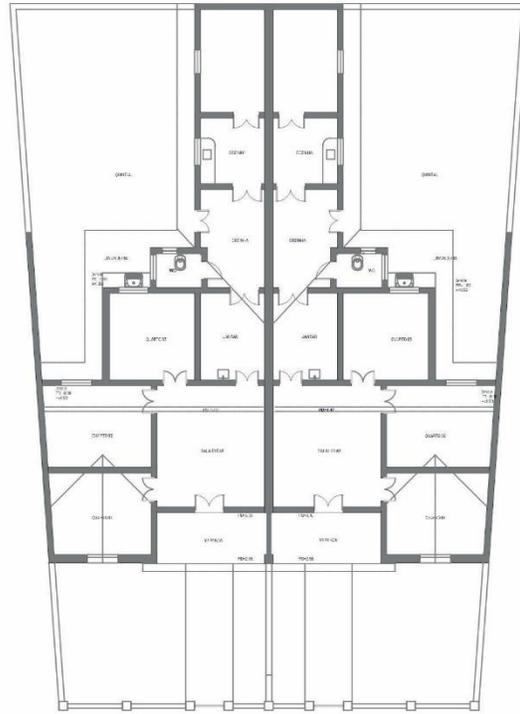
CASA B - LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

LOCALIZAÇÃO	IGUATU		
RESP INFORMAÇÕES	LÚCIA DE FÁTIMA CAVALCANTE TELES	ANO	2020

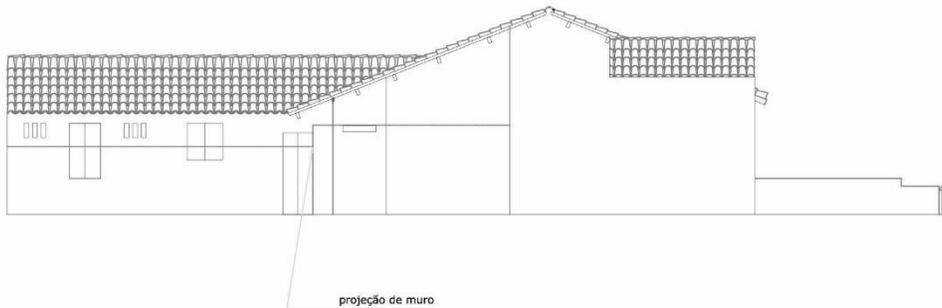


01 CASA B
PLANTA DE COBERTA

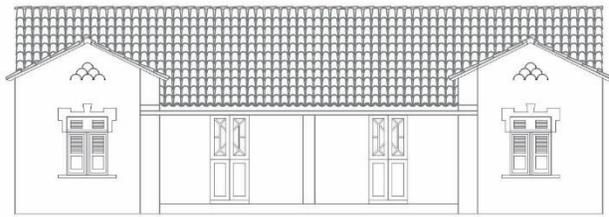




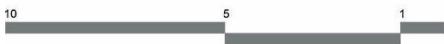
02 CASA B
PLANTA BAIXA



03 CASA B
FACHADA LATERAL



04 CASA B
FACHADA

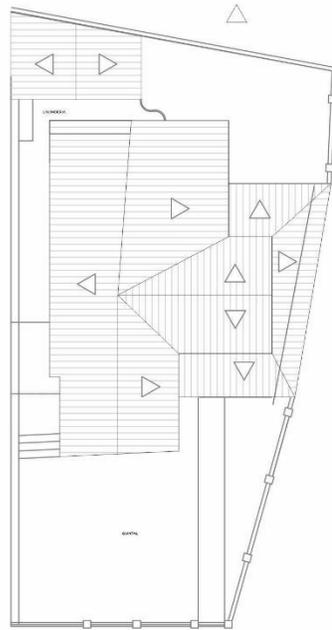




UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)
PROGRAMA DE P6S- GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO + DESIGN
[RE] CONHECENDO A HABITAÇÃO DE VILAS OPERÁRIAS EM
IGUATU-CE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX
AUTORA: LÚCIA DE FÁTIMA CAVALCANTE TELES / 2020

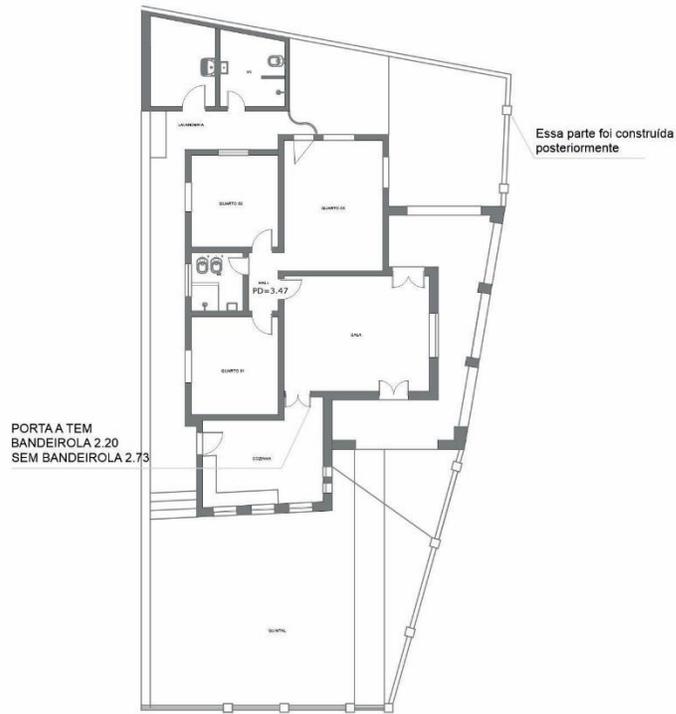
CASA C - LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

LOCALIZAÇÃO	IGUATU		
RESP INFORMAÇÕES	LÚCIA DE FÁTIMA CAVALCANTE TELES	ANO	2020



01 CASA C
PLANTA DE COBERTA



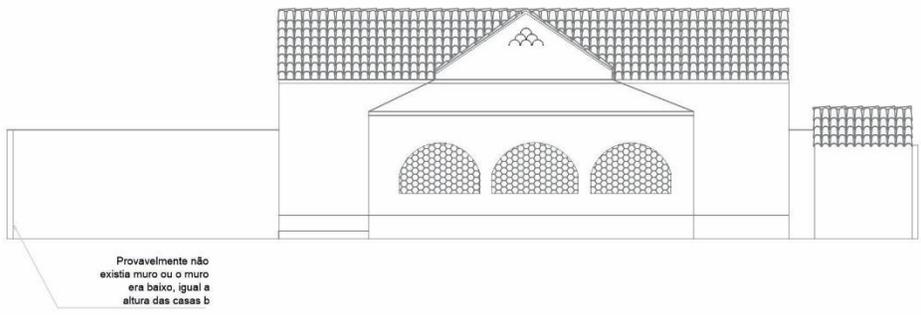


02 CASA C
PLANTA BAIXA



03 CASA B
FACHADA FRONTAL



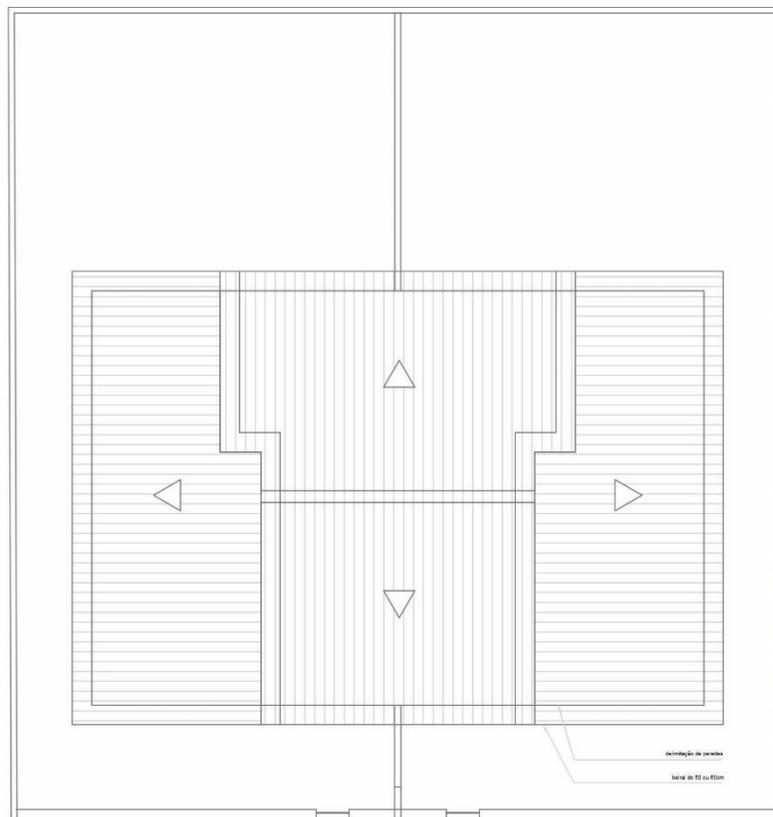


04 CASA B
FACHADA



CASA D - LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

LOCALIZAÇÃO	IGUATU		
RESP INFORMAÇÕES	LÚCIA DE FÁTIMA CAVALCANTE TELES	ANO	2020

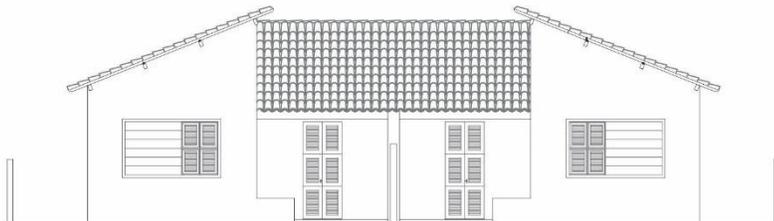


01 CASA D
PLANTA DE COBERTA



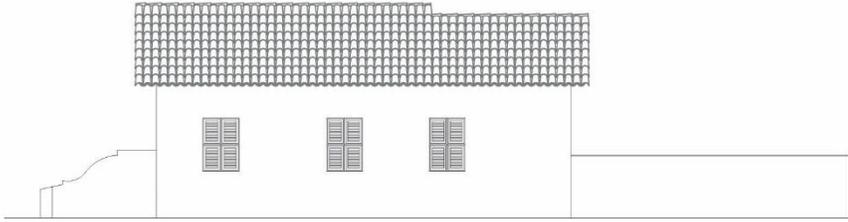


02 CASA D
PLANTA BAIXA

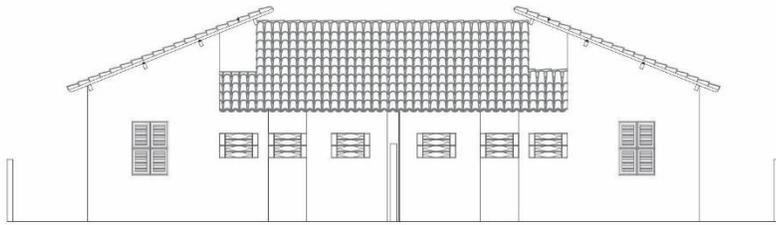


03 CASA D
FACHADA PRINCIPAL

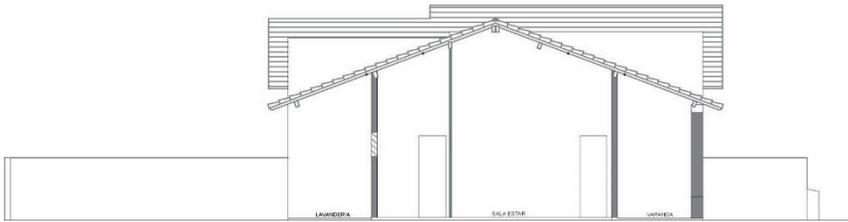




04 CASA D
FACHADA LATERAL



05 CASA D
FACHADA POSTERIOR

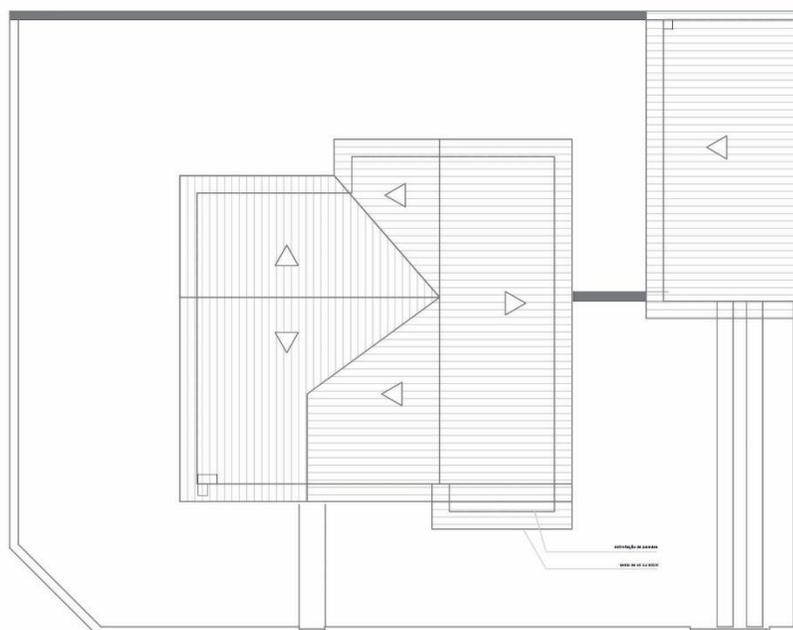


06 CASA D
CORTE



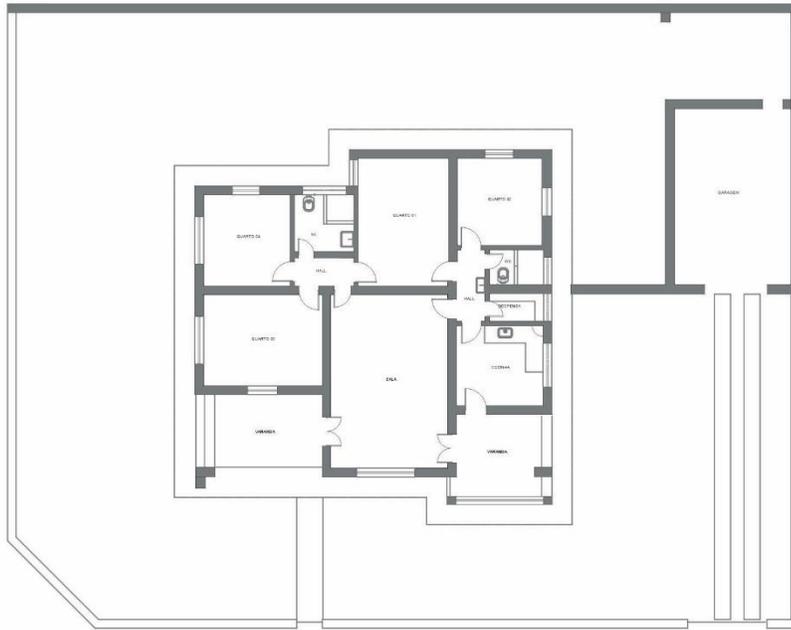
CASA E - LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

LOCALIZAÇÃO	IGUATU		
RESP INFORMAÇÕES	LÚCIA DE FÁTIMA CAVALCANTE TELES	ANO	2020

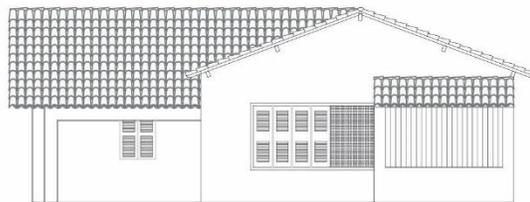


01 CASA E
PLANTA DE COBERTA

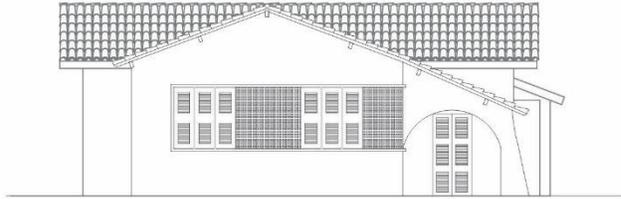




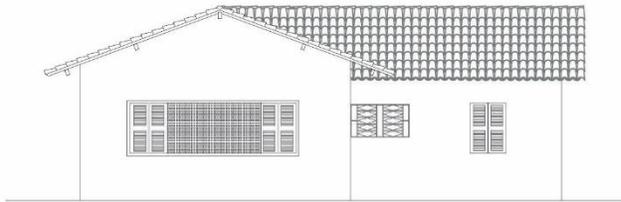
02 CASA E
PLANTA BAIXA



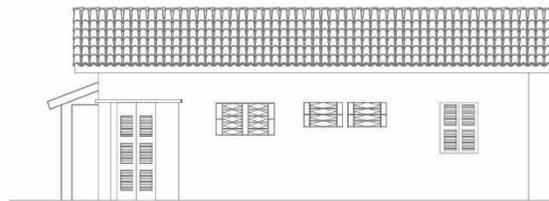
03 CASA E
FACHADA PRINCIPAL



04 CASA E
FACHADA LATERAL



05 CASA E
FACHADA POSTERIOR



06 CASA E
FACHADA LATERAL



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Ildfonso. **O secular problema do Nordeste**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1918.

ALBANO, Ildfonso. **A crise do algodão**. Rio de Janeiro: Rodrigues, 1915. 64p.

ALMEIDA, Maria Iselda Rocha. **A História de óleos vegetais no Ceará:1900-1960**. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará / Stylus Comunicações, 1989. 171p.

ÁLBUM TERRA CEARENSE. PORTAL DA HISTÓRIA DO CEARÁ – OBRAS RARAS. Disponível em: https://www.ceara.pro.br/Raridades/Terra_Cearense_1925.html. Acesso em: 23 de dezembro de 2019.

ALMANAK LAEMMERT. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanak-administrativo-mercantil-industrial-rio-janeiro/313394>. Acesso em: 23 de dezembro de 2019.

ANDRADE, Margarida J. F. de Salles. **Onde moram os operários...** Vilas operárias em Fortaleza 1920-1945. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, 1990.

ANTIQUÉ, Fernando. **Arquitetando a “Boa Vizinhaça”**: a sociedade urbano do Brasil e recepção do mundo norte-americano, 1876 – 1945, São Paulo 2007.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **A trajetória da indústria têxtil no Ceará**: o setor de fiação e tecelagem – 1880-1950. Fortaleza. Edições Universidade Federal do Ceará/Stylus comunicações, 1989, 181p.

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: vilar operárias na cidade de São Paulo / Eva Blay**, - São Paulo: Nobel, 1985.

BARROS CORREIA, Telma. De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, núm. 4, mayo, 2001, pp. 83-98

BONDUKI, Nabil, 1955- Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria / Nabil Bonduki, --7. ed. --São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP,2017.

BRASIL – Ministério de Viação e Obras Públicas. **Relatório: Prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité.** Rio de Janeiro: 1910, 1911, 1912, 1923 ed. 1, 613p.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes Proletários das secas :arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919) / Tyrone Apollo Pontes Cândido. – 2014.

CAPELO FILHO, José; SARMIENTO, Lúcia. **Arquitetura Ferroviária no Ceará**, Registro Gráfico e Iconográfico. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

CASTRO, José Liberal de. Arquitetura no Ceará. O século XIX e algumas antecedências. Fortaleza. **Revista do Instituto do Ceará.** 2014.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL ALGODOEIRA. **Livro de ouro** comemorativo do centenário da Independência do Brasil e da exposição internacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, ano 1922, p. 338-339.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra:** Plano e cotidiano no sertão. Campinas, SP: Papyrus, 1998 (Série Ofício de arte e forma).

COUTO, Francisco de Assis. **Monografias** – Paróquia de Iguatu – Gênese de Iguatu – História do Icó – Diocese de Iguatu – Origens de São Mateus. Iguatu: Ed. A. Batista Fontenele, 1958.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. O Algodão. Possibilidades agrícolas no Nordeste. Recife, ano 1920, ed. 107.

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder.** Formação do patronato político brasileiro. 4. ed. Porto Alegre: Globo, v. I., 1977.

FERREIRA, Benedito Genésio. **A Estrada de Ferro de Baturité: 1870-1930.** Fortaleza. Edições Universidade Federal do Ceará: 1989, 198p.

FREITAS, Gardevânia. **O Conciso Inventário do Patrimônio Histórico e Arquitetônico de Iguatu**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011, 124p.

FREITAS, Maria Luiza de, 2005. O lar conveniente: os engenheiros e arquitetos e as inovações espaciais e tecnológicas nas habitações populares de São Paulo (1916 – 1931).

GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Fortaleza: BNB.ETENE, 1985, 446p.

GIRÃO, Raimundo. **Três Documentos do Ceará Colonial**. Fortaleza, Ceará, Dep. Imp. Oficial, 1967, p. 161-201.

GIRÃO, Raimundo. **História econômica do Ceará**. Fortaleza. Ed. Instituto do Ceará, 1947.

GUERRA, Paulo de Brito. **Flashes das Secas**. Fortaleza: DNOCS, 1983.

JORNAL A ORDEM, 04 de novembro de 1926.

JORNAL O IMPARCIAL CE, de 1927.

JORNAL O DEMOCRATA, 1950.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. **Primórdios da Urbanização do Ceará**. Fortaleza, UFC/BNB. 2012.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense – algumas notas. Artigo **Annals of Museu Paulista**. v. 20. n.1. jan.-Jun. 2012a.

JUCÁ NETO, C. R.; ANDRADE, Margarida. ; PONTE, Alana. F.. A Fixação da Igreja no Território Cearense Durante o Século XVIII: algumas notas. Paranoá (UnB), v. i, p. 27-27, 2014.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro; GONÇALVES, Adelaide. **Arquitetura como extensão do sertão: casa de fazenda setecentista e oitocentista dos Inhamus no Ceará**. 2019.

JUCÁ NETO, C. R.; TELLES, R.. Mobilidade e interconexões oceânicas: o engenheiro militar e o artífice entre a Capitania do Ceará e o reino de Portugal. **ANAIS DO MUSEU PAULISTA: HISTÓRIA, CULTURA E MATERIAL (IMPRESSO)**, v. 29, p. 1-95, 2021

KUHL, Beatriz Mugayar. Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização: Problemas Teóricos de Restauro / Beatriz Mugayar Kuhl. – Cotia, sp: Ateliê Editorial, 2008.

LIMA, Átila de Menezes, **A Geografia histórica de Iguatu-CE: uma análise da cultura algodoeira de 1920 a 1980** / Átila de Menezes Lima. — Fortaleza, 2011. 213 p.

LEITE, Ana Cristina. O algodão no Ceará: estrutura fundiária e capital comercial (1850/1880). Fortaleza: SECULT, 1994.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade: conflito de hegemonias**. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991, 131p.

MELLO, Maria Regina Ciparrone. **A industrialização do algodão em São Paulo**. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1983, 156p.

MOREIRA, Danielle Couto. **Arquitetura ferroviária e industrial: o caso das cidades de São João Del-Rei e Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, 2007, 311p.

Mensagens do Governador do Ceará para a Assembleia, João Tomé de Sabóia e Silva.

NOGUEIRA, Alcântara. **Iguatu: (Memória sócio-histórico-econômica)**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1962. 262 p.

PEARSE, Arno S. "Cotton in North Brazil - Ceará, Maranhão e Pará". Manchester - England. *International Federation Of Master Cotton Spinners & Manufacturers' Associations*. 1923.

VERDE, Wilson Holanda Lima. **Iguatu: Pelos Novos Caminhos da História (dando nova vida ao que vi, ouvi, li, falaram, me disseram)** Wilson Holanda Lima Verde- Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

VICTOR, Hugo. **Ceará, o município e a cidade de Iguatu: Notícia geral**. Iguatu – Ceará: Tipografia CHRYSALLIDA, 1925.

TEIXEIRA, Francisco Jackson Cavalcante. **A Companhia Industrial de Algodão e Óleos – CIDAOS/A em Iguatu: fatos e relatos**. 2007. Monografia (Especialização em perspectivas e Abordagens em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar : Brasil, 1890-1930.** São Paulo: Paz e Terra 2014.

RAMA, Ângel. **A cidade das letras.** São Paulo: Boitempo, 2014.

REIS, Ana Isabel R.P. C. **O espaço a serviço do tempo: a Estrada de Ferro de Baturité e a invenção do Ceará.** Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Ceará, 2015, 402p.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil.** 12. ed. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2013.

REVISTA DE ARCHITECTURA, NO BRASIL. Rio de Janeiro, 1921.

REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: Diários Associados, ed. 22, 1941, 73p.

REVISTA NOVOS RUMOS. Rio de Janeiro. Ed. 79, 1960, 14p.

REVISTA ATUALIDADES SANBRA. São Paulo: Coordenação de Relações Públicas da SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A, n. 12, dezembro de 1969, 27p.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932 / Kênia Sousa Rios.** – Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

ROCHA, Almeida, Maria Iselda. **A história da indústria de óleos vegetais no Ceará: 1900-1960.** Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1989, 171p.

RODRIGUES, Angela Rosch. **Estudo do patrimônio industrial com o uso fabril da cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, 2011, 247p.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças / Raquel Rolnik.** -1. Ed.- São Paulo: Boitempo, 2015.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. **Preservação e restauro: intervenções em sítios históricos industriais – São Paulo: Fap-Unifesp: Edusp, 2013. 360p.**

SILVA, Regina Ferreira da. Caracterização de vila inserida no contexto urbano.2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Exatas e da Terra)- Universidade Federal de São Carlos, 2008.

SOUZA BRASIL, Thomaz Pompeu. **O Estado do Ceará na exposição de Chicago.** Fortaleza: 1893, 233p.